

**UNESP**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**(CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE)**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL**  
**EM REDE DE EDUCAÇÃO FÍSICA (PROEF)**

**DISSERTAÇÃO**

**LICENCIANDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DO**  
**ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: UM ESTUDO**  
**SOBRE INDICADORES DE ACOLHIMENTO**

**DIANE MOTA LIMA**

2020



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Campus Presidente Prudente

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
(CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE)  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM  
REDE DE EDUCAÇÃO FÍSICA (PROEF)

LICENCIANDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DO  
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: UM ESTUDO  
SOBRE INDICADORES DE ACOLHIMENTO

**DIANE MOTA LIMA**

*Sob a Orientação do Professor Doutor*

**Miguel Ataíde Pinto da Costa**

*Sob a Coorientação do Professor Doutor*

**José Henrique dos Santos**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Educação Física** do Curso de Pós-graduação Mestrado Profissional em Rede de Educação Física (PROEF) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Presidente Prudente.

Seropédica/Rio de Janeiro

2020

M9171

Mota, Diane

Licenciandos de Educação Física no contexto do Estágio Curricular Supervisionado: um estudo sobre indicadores de acolhimento / Diane Mota. -- Presidente Prudente, 2020  
176 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientador: Miguel Ataíde Pinto da Costa

Coorientador: José Henrique Santos

1. Acolhimento no estágio. 2. Formação de professores. 3. Estágio curricular supervisionado. 4. Educação Física. I. Título.

**DIANE MOTA LIMA**

**LICENCIANDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DO  
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: UM ESTUDO  
SOBRE INDICADORES DE ACOLHIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física – Área de Educação FísicaEscolar.

**Orientador:** Prof. Dr. Miguel Ataíde Pinto da Costa (Pedro II)

**Data da defesa:** 11/12/2020

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

**Presidente e Orientador:** Professor Doutor Miguel Ataíde Pinto da Costa (Pedro II)

**Coorientador:** Professor Doutor José Henrique dos Santos (UFRRJ)

**Membro titular:** Professor Doutor Hugo Paula Almeida da Rocha (Pedro II)

**Membro Titular:** Professora Doutora Simone da Silva Salgado (Pedro II)

**Local:** Apresentação Remota (Videoconferência), em adequação aos protocolos de segurança para COVID-19

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE DIANE MOTA LIMA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA , DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA.**

Aos 11 dias do mês de dezembro do ano de 2020, às 14:00 horas, no(a) Videoconferência , realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de DIANE MOTA LIMA, intitulada **LICENCIANDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: UM ESTUDO SOBRE INDICADORES DE ACOLHIMENTO. A**

Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: PROF. DR. MIGUELATAÍDE PINTO DA COSTA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) EDUCAÇÃO FÍSICA / COLÉGIO PEDRO II, PROF. DR. HUGO PAULA ALMEIDA DA ROCHA (Participação Virtual) do(a) EDUCAÇÃO

FÍSICA / COLÉGIO PEDRO II, Profa. Dra. SIMONE DA SILVA SALGADO (Participação Virtual) do(a) EDUCAÇÃO FÍSICA / COLÉGIO PEDRO II. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final Aprovada

Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

PROF. DR. MIGUELATAÍDE PINTO DA  
COSTA

PROF. DR. HUGO PAULA ALMEIDA DA  
ROCHA

PROF<sup>a</sup>. Dra. SIMONE DA SILVA SALGADO

A handwritten signature in black ink, which appears to read "Miguel Ataíde Pinto da Costa". The signature is written in a cursive, flowing style.

*Aos meus pais Saint' Clair e Sandra, responsáveis por  
minha vida e criação atenta.*

*À minha filha Rosinha, alegria da minha vida. A quem  
desejo ser sempre bom exemplo. Meu amor maior.*

*Ao meu esposo João Andre, companheiro e verdadeiro  
incentivador desse novo passo acadêmico.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela bela oportunidade de viver e pode fazer novas escolhas a cada dia.

À minha linda família de educadores que sempre me apoiou e incentivou nos caminhos da ética e da cidadania.

Agradeço, em especial, a minha mãe Sandra, professora incansável, que mesmo com excesso de horas de trabalho, nunca deixou de acompanhar e priorizar os estudos e a leitura na nossa casa.

Ao meu irmão Diego, por ser o primeiro a concluir o seu doutoramento na família e ser exemplo e motivo de orgulho profissional.

Ao meu marido João André, por ter sido o meu maior incentivador e apoiador nessa caminhada rumo ao mestrado. Sempre tão dedicado, generoso e exemplo de pessoa estudiosa. Gratidão!

À minha Rosinha, presente de Deus na minha vida! Que esse seja apenas um dos motivos de exemplo e de orgulho que gostaria que tivesse de mim. Minha luz na vida!

Aos meus orientadores Miguel Ataíde e José Henrique, pela dedicação e suporte nessa longa jornada em prol da ciência e da vida acadêmica.

Aos meus queridos amigos do GPPEFE, pelos lindos momentos de estudos, viagens e alegrias. Espero ainda contribuir e aprender muito com vocês!

Aos participantes dessa pesquisa, pela concordância em participar desse estudo. Vocês foram fundamentais.

À CAPES, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Muito Obrigada a todos!!!

Vieste

(Ivan Lins)

*Vieste na hora exata  
Com ares de festa e luas de prata  
Vieste com encantos, vieste  
Com beijos silvestres colhidos pra mim*

*Vieste com a natureza  
Com as mãos camponesas plantadas em mim  
Vieste com a cara e a coragem  
Com malas, viagens pra dentro de mim  
Meu amor*

*Vieste a hora e a tempo  
Soltando meus barcos e velas ao vento  
Vieste me dando alento  
Me olhando por dentro, velando por mim*

*Vieste de olhos fechados, num dia marcado  
Sagrado pra mim  
Vieste com a cara e a coragem  
Com malas, viagens pra dentro de mim  
Meu amor*

*Vieste de olhos fechados, num dia marcado  
Sagrado pra mim  
Vieste com a cara e a coragem  
Com malas, viagens pra dentro de mim  
Meu amor*

## RESUMO

MOTA, Diane. **Licenciandos de Educação Física no contexto do Estágio Curricular Supervisionado: um estudo sobre indicadores de acolhimento.** 2020. 172f. Projeto de dissertação Mestrado Profissional em Rede de Educação Física (PROEF) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Rio de Janeiro/ Seropédica, RJ, 2020.

Nos cursos de formação docente, o Estágio Curricular Supervisionado (ECS) é uma importante etapa curricular obrigatória. Com o objetivo de favorecer a iniciação a docência, o graduando tem oportunidade de antecipar aspectos fundamentais do futuro ambiente profissional, aproximando-se de situações institucionais e práticas pedagógicas inerentes a profissão docente. A antecipação desse momento e a relação dialética reflexiva no ambiente escolar favorecerão o estagiário à construção do ser docente e de sua práxis pedagógica. Dentre várias situações problemas ainda presentes na realidade do estágio, uma delas é o acolhimento do estagiário na escola. O acolhimento é caracterizado pelo momento em que o estagiário se apresenta e como é orientado ao longo do período de estágio na escola. O objetivo desta pesquisa é caracterizar os modelos de acolhimento de estágio realizados pelos Professores Supervisores (PS) envolvidos no desenvolvimento do Estágio Curricular Supervisionado. A pesquisa recorreu ao método qualitativo, por meio de estudo de casos, a partir de uma perspectiva de modelo analítico descritivo. Os sujeitos da pesquisa foram duas duplas compostas, cada uma, de um Professor Supervisor de Educação Física da rede básica de ensino e de um estagiário de Educação Física. Os dados coletados pelos instrumentos de Observação (Notas de Campo), Entrevistas Semi-Estruturadas e Documento do Relatório Final do estagiário (oral e escrito) foram submetidos a uma análise interpretativa por meio da técnica de Análise de Conteúdo e explorados com o suporte de diferentes categorias. Os resultados dessa investigação revelam que os professores supervisores desenvolveram diferentes modelos de receptividade aos seus estagiários: na Escola A, o modelo foi de Recepção. O Professor Supervisor autorizou o início do estágio, porém sem o devido acolhimento e orientação necessários a estagiária e a percepção de ambos sobre o estágio vivenciado foi bem distinta; na Escola B, o modelo foi Acolhimento Formativo. O Professor supervisionou o estágio considerando as demandas do estagiário e o integrando as atividades laborais pedagógicas, com orientação e reflexão sobre a prática docente e a percepção de ambos sobre o estágio vivenciado foi bem similar. Os professores supervisores pesquisados concebem que o período de estágio supervisionado é importante para formação profissional do estagiário e que exercem papel valioso nesse processo, porém não tiveram qualquer formação para supervisionar um estagiário e, ainda, apresentaram não saber exatamente “o que fazer” e “como fazer” uma orientação de estágio.

**Palavras-chave:** Acolhimento no estágio; Formação de professores; Estágio curricular supervisionado; Educação Física.

## ABSTRACT

MOTA, Diane. **Graduates of Physical Education in the context of Supervised Curricular Internship: a study on reception indicators.** 2020. 172f. Dissertation Professional Master in Physical Education Network (PROEF) by State University "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Rio de Janeiro / Seropédica, RJ, 2020.

In teacher training courses, the Supervised Curricular Internship (ECS) is an important mandatory curricular stage. With the objective of promoting teaching initiation, the undergraduate student has the opportunity to anticipate fundamental aspects of the future professional environment, approaching institutional situations and pedagogical practices inherent to the teaching profession. The anticipation of this moment and the reflexive dialectical relationship in the school environment will favor the trainee in the construction of the teaching being and his pedagogical praxis. Among several situations, problems still present in the reality of the internship, one of them is the reception of the intern at school. Welcoming is characterized by the moment when the trainee introduces himself and how he is guided throughout the internship period at school. The objective of this research is to characterize the models of reception of internship carried out by the Supervising Teachers (PS) involved in the development of the Supervised Curricular Internship. The research used the qualitative method, through case studies, from a perspective of descriptive analytical model. The research subjects were two pairs composed, each, of a Physical Education Supervisor Professor from the basic education network and a Physical Education intern. The data collected by the instruments of Observation (Field Notes), Semi-Structured Interviews and Document of the Intern's Final Report (oral and written) were submitted to an interpretative analysis using the Content Analysis technique and explored with the support of different categories. The results of this investigation reveal that the supervising teachers developed different models of receptivity to their interns: at School A, the model was Reception, the Supervising Professor authorizes the beginning of the internship, but without the proper reception and guidance needed by the intern and the perception of both on the stage experienced was very different; at School B, the model was Formative Reception, the Teacher supervises the internship considering the intern's demands and integrating the pedagogical work activities, with guidance and reflection on the teaching practice and the perception of both on the internship was very similar. The supervised teachers surveyed conceive that the period of supervised internship is important for the trainee's professional training and that they play a valuable role in this process, but they did not have any training to supervise an intern and, still, they did not know exactly "what to do" and "how to do" an internship orientation.

**Keywords:** Welcome on practical training; Teacher Education; Practical training; Physical education

## LISTAS DE ABREVIACÕES E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPE	Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão
CES	Câmara de Educação Superior
CFE	Conselho Federal de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
CP	Conselho Pleno
DEFD	Departamento de Educação Física e Desportos
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
ECS	Estágio Curricular Supervisionado
GPPEFE	Grupo de Pesquisa em Pedagogia da Educação Física e Esporte
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PO	Professor Orientador
POM	Professor Orientador Mediador
PS	Professor Supervisor
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Instrumentos e Procedimentos	60
Quando 2	Etapas de realização da pesquisa	62
Quadro 3	Modelos de Receptividade	66
Quadro 4	Percepções sobre ECS do Professor Alan e da Estagiária	103
Quadro 5	Percepções sobre ECS da Prof <sup>a</sup> Bernardete e do Estagiário Bruno	140

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1.	Concepções sobre ECS do Professor Supervisor Alan	102
Figura 2.	Esquema sobre o Estágio Supervisionado na Escola A	104
Figura 3.	Concepções sobre ECS da Professora Supervisora Bernardete	139
Figura 4.	Esquema sobre o Estágio Supervisionado na Escola B	141

## APÊNCIDES

APÊNCIDE A: Roteiro para entrevista semi-estruturada com o estagiário (inicial)	151
APÊNCIDE B: Roteiro para entrevista semi-estruturada com o professor supervisor (inicial)	153
APÊNCIDE C: Roteiro para entrevista semi-estruturada com o estagiário (final)	155
APÊNCIDE D: Roteiro para entrevista semi-estruturada com o professor supervisor (final)	157
APÊNCIDE E: Protocolo a ser seguido nos dias das observações <i>in loco</i> (notas de campo)	159
APÊNCIDE F: Roteiro para as observações <i>in loco</i> (notas de campo)	160
APÊNCIDE G: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos estagiários da licenciatura de Educação Física e aos professores de Educação Física da rede básica de ensino	162
APÊNCIDE H: Carta de Anuência dos responsáveis pelas escolas participantes	166
APÊNDICE I: Produto Final “Indicadores Importantes para Formação de Professores Supervisores de Estágio Curricular”	168

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	Apresentação	17
1.2	Apresentação do problema investigado	19
1.3	Objetivos	23
1.3.1	Objetivo Geral	23
1.3.2	Objetivos Específicos	23
1.4	Justificativa	23
1.5	Questões investigadas	25
2	REVISÃO DE LITERATURA	26
2.1	Formação Docente: importância do Professor Reflexivo	26
2.1.2	Profissionalização do Ensino: entre a ocupação e a profissão	28
2.1.3	Contribuições da Epistemologia da Prática na Formação Docente	30
2.2	Estágio Curricular Supervisionado na formação docente	31
2.2.1	Breve histórico legislativo do Estágio na Formação Docente	32
2.2.2	A relação teoria e prática no Estágio Curricular Supervisionado	38
2.2.3	Relação Universidade X Escola	40
2.2.4	Professor Supervisor: desinteresse ou carência de formação?	42
2.3	Acolhimento no Estágio Curricular Supervisionado	44
2.3.1	Modalidades de Acolhimento	45
2.3.2	Acolhimento Modelar	46
2.3.3	Acolhimento Formativo	47
2.4	Socialização Profissional na Formação Inicial	48
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
3.1	Modelo de estudo	52
3.2	Participantes	53
3.2.1	Critérios de inclusão	53
3.2.2	Critérios de exclusão	54
3.2.3	Contexto da Pesquisa	55
3.3	Instrumentos Utilizados e seus Procedimentos	57

3.3.1	Entrevistas Semi-Estruturadas	57
3.3.2	Observações <i>in loco</i>	57
3.3.3	Documento Institucional – Relatório Final de Estágio	59
3.3.4	Procedimentos da Pesquisa	60
3.5	Análise dos dados	62
3.5.1	Procedimento de análise de conteúdo	62
	4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	65
4.1	^ Categorias de Indicadores	65
4.1.1	Modelos de Receptividade	66
4.2	Caso Escola A	68
4.2.2	O professor Alan	70
4.2.3	A estagiária Alice	70
4.2.4	Com a palavra: Professor Supervisor Alan	71
4.2.5	Com a palavra: Estagiária Alice	79
4.2.6	O estágio sob a observação da pesquisadora	87
4.2.7	Proposta de categoria de Indicadores de Acolhimento	90
4.2.8	Discussão dos Dados da Escola A	91
4.2.8.1	Chegada do estagiário	92
4.2.8.2	Apresentação de Instrumentos Pedagógicos (escola/professor)	92
4.2.8.3	Disponibilidade de Comunicação e Demonstração de Interesse do PS na Formação do Estagiário	93
4.2.8.4	Expectativas do PS com o Estagiário	94
4.2.8.5	Participação do estagiário no cotidiano escolar	94
4.2.8.6	Socialização Profissional do Estagiário	95
4.2.8.7	Orientação e <i>Feedbacks</i>	96
4.2.8.8	Relacionamento entre Professor Supervisor e Estagiário	97
4.2.8.9	Reflexão sobre a prática docente no cotidiano escolar	99
4.2.9	Discussão dos Objetivos da Pesquisa (Escola A)	99

4.3	Caso Escola B	104
4.3.1	A Escola B	104
4.3.2	A professora Bernadete	106
4.3.3	O estagiário Bruno	107
4.3.4	Com a palavra: Professora Supervisora Bernardete	107
4.3.5	Com a palavra: Estagiário Bruno	112
4.3.6	O estágio sob a observação da pesquisadora	121
4.3.7	Proposta de categoria de Levantamento de Indicadores de Acolhimento	125
4.3.8	Discussão dos Dados da Escola B	126
4.3.8.1	Receptividade	126
4.3.8.2	Apresentação de instrumentos pedagógicos (escola/professor)	127
4.3.8.3	Disponibilidade de comunicação e demonstração de interesse na formação do estagiário	128
4.3.8.4	Expectativas com o estagiário	129
4.3.8.5	Participação do estagiário no cotidiano escolar	129
4.3.8.6	Socialização Profissional do estagiário	131
4.3.8.7	Momentos de orientação e <i>feedback</i>	132
4.3.8.8	Relacionamento PS e estagiário	133
4.3.8.9	Reflexão sobre a prática docente no cotidiano escolar	135
4.3.9	Discussão dos Objetivos da Pesquisa (Escola B)	136
	5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	142
	REFERÊNCIAS	145
	APÊNDICES	151

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

#### 1.1. Apresentação

No primeiro semestre de 2016, dei início a minha participação como integrante ao Grupo de Pesquisa em Pedagogia da Educação Física e Esporte (GPPEFE) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (campus Seropédica), orientada pelo Professor Doutor José Henrique. Foi uma grata surpresa conhecer professores de Educação Física Física da rede básica de ensino, de diversos municípios, engajados na pesquisa sobre assuntos relacionados à Educação e à Educação Física Física. Desde a minha formatura em 2008, nesta mesma universidade, não havia retornado para ampliar a minha formação continuada, devido a situações do cotidiano profissional. Dentre várias temáticas pesquisadas no GPPEFE, uma teve mais a minha atenção e interesse: o Estágio Curricular Supervisionado. Em parte, porque Recordei o meu momento de formação inicial e refleti como cumpro esta atividade curricular e, também, por entender a importância desta fase curricular obrigatória para o graduando e sua carreira futura.

No primeiro semestre de 2017 iniciei, a convite da Comissão Institucional do Estágio Curricular Supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a minha participação como Professora Orientadora Mediadora (POM) no processo de acompanhamento sistemático dos alunos inscritos na atividade de Estágio Curricular Supervisionado (ECS).

A Comissão de Estágio Curricular Supervisionado, conta com a participação voluntária de professores pesquisadores do grupo de pesquisa GPPEFE e professores efetivos da própria Instituição. Os Professores Orientadores Mediadores são, em sua maioria, professores da rede básica de ensino que vivenciam a realidade escolar e recebem estagiários em suas unidades escolares.

Na participação como Professora Orientadora Mediadora, encontrei um enfoque dado ao Estágio Curricular Supervisionado diferente da minha época de estagiária em Educação Física, nesta mesma instituição de ensino superior. Pude observar as mudanças legislativas e organizacionais, mas principalmente, o olhar muito mais comprometido de todos da Comissão de Estágio e seus participantes mediadores em prol do Estágio Curricular Supervisionado de qualidade.

Refletindo sobre todas essas mudanças do ECS na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, pude recordar a minha própria experiência sobre o tratamento destinado ao estágio por

todos os seus participantes envolvidos. O ECS era visto como uma simples etapa da formação a ser cumprida, de forma burocrática e sem reflexão crítica sobre sua realização na escola. O professor supervisor da escola, por sua vez, por desinteresse ou falta de conhecimento, via o meu estágio como uma tarefa a mais no seu dia de trabalho e muitas vezes, o estagiário como fiscal de suas aulas.

Após momentos de orientação de estagiários de Educação Física e de conhecer o formato de ECS disponível aos discentes atualmente, me surpreendi com diversos relatos negativos sobre a atividade de estágio supervisionado, ainda nos dias de hoje. Relatos, dos estagiários, classificam o estágio pelo seu excesso de burocracia, relatavam problemas com os professores supervisores na escola, o distanciamento da teoria da universidade com a prática do estágio e, ainda, algumas resistências para os encontros destinados a orientação e reflexão. Depois dos momentos de orientação e de discussões sobre as ocorrências nos ambientes de estágio e na universidade, refleti sobre a minha prática docente e meu comportamento quando recebo um estagiário para orientação na minha escola.

Com essa autorreflexão, concluí que a minha visão sobre esse ato de “receber” e/ou “acolher” o estagiário era, por vezes, repleto de conceitos oriundos de uma formação mais tradicional e verticalizada, concebendo a escola como local de aplicação dos conhecimentos teóricos acadêmicos, e os professores supervisores modelos a serem copiados.

Atualmente, faço parte como discente do primeiro programa de mestrado profissional em Educação Física do Brasil, Programa do Curso de Pós-graduação Mestrado Profissional em Rede de Educação Física (PROEF) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)/ campus de Presidente Prudente, com um pólo avançado na cidade no Rio de Janeiro. O curso é voltado para profissionais de Educação Física com cargo efetivo nas redes públicas de ensino e que estejam empenhados em se desenvolver profissionalmente, a partir de reflexões sobre problemáticas reais do cotidiano da Educação e da Educação Física

Mesmo como participante deste programa de formação continuada da UNESP, eu sigo como pesquisadora no campo da Formação de Professores e do Estágio Curricular Supervisionado na UFRRJ, sob co-orientação no GPPEFE. Com isso, redireciono meu olhar para a temática do estágio supervisionado e a importância de se repensar a formação inicial docente. Essa dissertação de mestrado faz parte de uma linha de investigação e pesquisa do GPPEFE e conta com outras pesquisas sendo desenvolvidas em parcerias de estudos, inclusive, com a Unesp, instituição na qual realizo meus estudos.

Estar em contato com os estagiários do curso de Educação Física e me aproximar de suas demandas e questionamentos e instigou a investigar mais a fundo o Estágio Curricular Supervisionado e, em especial, o ambiente escolar como produtor de conhecimento valioso para formação inicial docente; o acolhimento promovido pelo professor supervisor dos estagiários do curso de Licenciatura em Educação Física no ambiente escolar; e as percepções dos envolvidos.

Esta pesquisa conta com financiamento do Programa de Bolsa para pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## **1.2. Apresentação do problema investigado**

A formação docente se apresenta como uma temática de estudo complexa, o que segundo ANDRÉ (2010), vem ampliando cada vez mais os estudos e pesquisas sobre a área de Educação, inclusive, suportando muitas das reformas educacionais. A formação docente consiste em um “processo permanente e que envolve a valorização identitária e profissional dos professores” (PIMENTA e LIMA, 2010, P.13), devendo sempre acompanhar as transformações de cada época.

No processo de formação inicial docente, o período do Estágio Curricular Supervisionado deve ser considerado como um “momento de exploração e aproximação da realidade, oportunidade de aprendizagem da profissão e de construção da identidade profissional” (PIMENTA e LIMA, 2010, p.99, 100).

Os problemas que envolvem a formação docente se destacam em vários estudos (NASCIMENTO, 2013; PIMENTA, 2012; VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015; GATTI, 2010; CORDEIRO, 2012). Essas pesquisas apresentam diversas situações que podem interferir na vida acadêmica do graduando e no cumprimento de atividades que exigem do graduando mais tempo e disponibilidade, como o Estágio Curricular Supervisionado.

Desde o período que participo como Professora Orientadora Mediadora nos encontros de orientação de estagiários de Educação Física, pude ter contato com diversos problemas ainda presentes no Estágio Curricular Supervisionado. Nesses encontros, os estagiários são estimulados à reflexão e ao pensamento crítico sobre a participação no estágio. Algumas das situações apresentadas pelos estagiários são: a carga horária demasiada de estágio na escola, falta de relação da universidade com a escola, problemas no ambiente escolar e entre outros.

Algumas dessas questões já são bem conhecidas nos estudos recentes sobre a temática do estágio curricular supervisionado, mas direcionei minha inquietação ao dimensionamento do problema dessa pesquisa: o acolhimento do estagiário no ambiente escolar.

Entende-se nesta pesquisa como Professor Supervisor (PS), o professor da rede básica de ensino que orienta o estagiário no ambiente escolar; como Professor Orientador (PO), o professor

da graduação que orienta o estagiário na universidade; Professor Orientador Mediador (POM), o professor da rede básica de ensino que participa colaborativamente nas mediações dos encontros de orientação de estágio na universidade. Diante das dificuldades institucionais estabelecidas para a formalização de vínculos entre a Universidade e as Escolas básicas, a figura do Professor Orientador mediador foi a estratégia imediata encontrada pela comissão de estágio da instituição investigada para estabelecer a aproximação do estágio com a realidade do ensino básico, onde transcorrem os estágios.

Dentre vários problemas ainda existentes no Estágio Curricular Supervisionado, está à falta de valorização da escola como importante ambiente formador do futuro professor. Alguns estudos veem ressaltando a importância de um novo olhar para a escola e para os atores que nela estão, como participantes desse processo formativo do futuro docente. É no espaço escolar que acontece de fato a prática docente e é marcada por “valores, representações, saberes e fazeres”, oriundos de uma cultura profissional docente. (SARTI, 2009, p.2)

O professor supervisor é detentor de um arcabouço de saberes oriundos de sua formação e de sua prática pedagógica cotidiana, com isso também deve ser considerado como um importante participante na formação inicial dos estagiários, pois nesse processo de orientação e discussão entre ambos, o professor supervisor tem a oportunidade de contribuir de forma proficiente na formação profissional do estagiário.

Porém nos encontros de orientação, os estagiários relatam o momento da chegada à escola, sempre com muita tensão e receios desse ambiente, já antes conhecido por eles como alunos, mas, agora, ocupando um outro lugar: o de futuro professor. Alguns empecilhos na forma que são recepcionados pela escola podem prejudicar a realização e o êxito esperado no período do estágio curricular supervisionado.

Algumas escolas que são citadas pelos estagiários nesses momentos de orientação apresentam carência de professores e direcionam o estagiário de Educação Física para outras atividades diferentes das relacionadas à Educação Física ou a ministrarem aulas como professores regentes das classes, privando o estagiário de ter contato com saberes e realidades de sua futura área de atuação ou de momentos de orientação e construção importantes com professores supervisores.

Outra questão abordada é a ausência de explicações, pela escola, sobre a realidade e cotidiano escolar no momento de início do estágio. Muitas vezes, o estagiário não tem acesso aos planejamentos da escola, como Planos de curso e o Projeto Político Pedagógico da escola o que dificulta o entendimento do estagiário sobre a realidade escolar em que está adentrando. A ausência de demonstrações ou comentários sobre os planejamentos do professor supervisor,

também, é pontuado como um problema nesse processo do estágio supervisionado. Há professores supervisores que alegam ter a expertise dos conteúdos e não se preocupam em conversar com os estagiários sobre seus planejamentos, assim como, participar da construção dos planejamentos das futuras intervenções dos estagiários.

Em geral, alguns gestores escolares e professores parecem não se preocupar em apresentar o espaço escolar e estruturas físicas/ materiais da escola ao estagiário. Essas poucas apresentações e disponibilidade de acesso aos diferentes espaços da escola prejudicam a socialização do estagiário e de seu futuro planejamento de atividades. A outra questão abordada pelos estagiários, em momentos de orientação, é de não ser apresentado aos outros funcionários e professores da escola como um novo integrante no cotidiano escolar durante o estágio e, com isso, não serem convidados a participar de reuniões pedagógicas importantes como: Conselho de Classe, Reunião de pais, Centro de Estudos e/ou encontros informais na sala dos professores. Assim, os estagiários ficam a margem da dinâmica organizacional da escola, ocupando um lugar que não é de professor e nem de aluno. Muitas vezes são conhecidos apenas pelo “nome” de “o estagiário”, incidindo em impessoalidade e na dificuldade de socialização profissional do estagiário no ambiente da futura profissão.

Existem estagiários que se deparam com professores supervisores que pouco contribuem para sua formação, seja por não perceberem a importante função de formadores desses estagiários e/ou por não saberem o que de fato deve ser feito nos momentos de acolhimento e orientação do estagiário.

O professor supervisor ocupa um lugar de destaque nessa etapa da formação na escola. É ele que terá maior interação e acompanhará o estagiário desde o acolhimento até o final do período de estágio. O professor supervisor é referido pelos estagiários nos encontros de orientação, desde a forma como recebem os estagiários até o momento de avaliação final constante da documentação obrigatória. O professor supervisor, algumas vezes, demonstra a sua insatisfação em receber estagiários em suas aulas, alegando aumento de demanda de trabalho dentro e fora das aulas. Além disso, muitos professores supervisores veem o estagiário como um “fiscal” de suas aulas, a anotar e criticar suas ações nas aulas, por se acharem mais atualizados que quem está no espaço escolar.

Alguns questionamentos sobre sua inserção nas aulas também são apresentados pelos estagiários: Professores supervisores que apenas permitem aos estagiários observarem as aulas, sem qualquer interação assistida com os alunos, prejudicando o contato do estagiário com a prática de ensino e situações cotidianas de aulas; momentos de intervenção sem a devida atenção ou presença do professor supervisor, sendo utilizados apenas como substitutos para o “descanso”

ou substituição temporária do professor da classe; ausência de orientação com *feedbacks* do professor supervisor sobre a prática pedagógica e conversas reflexivas sobre a profissão de professor e demandas a ela inerentes.

O problema desta pesquisa versa nas diferentes problemáticas ainda presentes no estágio que prejudicam o pleno desenvolvimento desta atividade curricular importante para a formação do graduando. Situações essas que influenciam no processo de acolhimento e acompanhamento do estagiário pelo seu professor supervisor, assim como a pouca formação do professor supervisor para o exercício desta função de orientar o estagiário. Com isso esta pesquisa buscou entender como é realizado acolhimento de estagiários do curso de Educação Física de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) no ambiente escolar pelos Professores Supervisores, numa perspectiva mais próxima da realidade desses participantes (professor supervisor e estagiário), com visitas, observações e entrevistas no local de labor.

Esse momento de acolhimento deve ser visto para além de apenas uma recepção do estagiário na escola, pois é nele que o estagiário terá contato com a profissão e, numa relação dialética com esse ambiente, poderá construir a identidade para sua futura ação pedagógica.

O Estágio Supervisionado precisa ser compreendido como um importante eixo de formação inicial do professor, pois propicia ao estagiário uma reflexão de suas experiências pregressas, bem como novas experiências no campo profissional, para que se inicie um processo de construção de saberes que permeará a vida profissional do futuro professor.

Ter este olhar para o Estágio Curricular é entender a necessidade de uma reestruturação de conceitos de todos os envolvidos nesse processo (Graduandos, professores orientadores, supervisores, equipe de gestão e todo o ambiente escolar) pois ainda se assiste à realização do estágio como um processo trabalhoso, burocrático e sem grande importância, demonstrando pouca aceitação para novos constructos sobre o espaço do estágio curricular obrigatório.

O curso de licenciatura desta IFES, junto a Comissão de Estágio Curricular Supervisionado, tem se dedicado a construir uma perspectiva adequada e profícua para a realização e acompanhamento dos estagiários nessa etapa da formação inicial. Com isso, estudos e pesquisas têm sido realizados a fim de ampliar as discussões e garantir a orientação aos estagiários, dentro e/ou fora dos muros da universidade. Professores orientadores da universidade preocupados em assumir o compromisso institucional de orientação e acompanhamento da atividade de estágio, para uma maior reflexão do estagiário sobre a prática no ambiente escolar.

Outro importante fator preocupante no contexto do estágio curricular supervisionado é o distanciamento e a falta de diálogo entre universidade e escola. Essa distância prejudica a relação

teoria e prática, pois os conteúdos aprendidos nas universidades precisam dialogar e considerar as demandas da realidade atual das escolas.

A premissa desta pesquisa é que o acolhimento recebido pelo estagiário e todos os fatores envolvidos no processo de orientação do estagiário na escola têm relação com êxito do Estágio Curricular Supervisionado.

Diante destes fatos, a questão central deste estudo foi: quais são os indicadores de acolhimento oferecido pelos professores supervisores aos estagiários do curso de licenciatura em Educação Física no ambiente escolar?

### **1.3. Objetivos**

#### **1.3.1. Objetivo Geral**

- Levantar indicadores do acolhimento ao estagiário de Educação Física realizados nas escolas durante o desenvolvimento da atividade de Estágio Curricular Supervisionado;
- Elaborar um Produto Final sobre os elementos importantes de reflexão sobre o estágio que devem estar presentes em uma formação de professores supervisores;

#### **1.3.2. Objetivos Específicos**

- Caracterizar a conformação do acolhimento ao estagiário de Educação Física propiciado pelo Professor Supervisor no período da realização do Estágio Curricular Supervisionado;
- Identificar a concepção do Professor Supervisor sobre atividade do Estágio Curricular Supervisionado e seu papel nessa etapa;
- Identificar como o professor supervisor percebe o acolhimento oferecido ao estagiário de Educação Física no período da realização do Estágio Curricular Supervisionado;
- Identificar como estagiário de Educação Física percebe o acolhimento recebido do Professor Supervisor no período da realização do Estágio Curricular Supervisionado;

### **1.4. Justificativa**

A presente pesquisa se justifica pela necessidade de ampliar o campo de discussão e debates sobre o contexto do Estágio Curricular Supervisionado e o ambiente escolar em que é realizado, visto que a temática ainda carece de mais estudos no ambiente escolar, entendendo-se o mesmo como local de construção e mobilização de saberes oriundos da vivência da prática pedagógica.

É fundamental uma maior reflexão sobre a relação entre universidade e escola na formação docente, visto que, os professores da escola também possuem saberes oriundos de suas experiências e práticas cotidianas, e com isso, podem contribuir na formação de futuros professores (TARDIF, 2002).

O professor supervisor tem sido muitas vezes criticado em pesquisas no contexto do estágio, por atitudes “equivocadas” na orientação do estagiário. É importante que se amplie essas discussões e que o professor supervisor seja, também, sujeito das pesquisas e seja ouvido e analisado para um verdadeiro avanço nessa área do conhecimento da formação docente no contexto escolar.

Isse e Molina Neto (2016) informam a importância de se ampliar estudos sobre a relação teoria-prática (universidade e escola), importância da valorização do professor supervisor no estágio curricular e o ambiente escolar como formador de futuros professores.

Entende-se a necessidade de analisar os modelos de acolhimento realizados pelos professores supervisores junto aos estagiários do curso de Licenciatura em Educação Física da IFES pesquisada, visto que esta atividade curricular vem passando por uma remodelação importante em sua concepção e propósito. Com intuito de avançar numa proposta de estágio curricular supervisionado realmente profícua para a formação inicial docente, é fundamental conhecer como está sendo realizado e percebido pelos envolvidos os modelos de acolhimento na(s) escola(s) pesquisada(s).

Os resultados de tais análises visam conhecer melhor os modelos de acolhimento realizados pelos professores supervisores aos seus estagiários nas escolas, assim como as situações que influenciam diretamente a dinâmica desta atividade.

A realidade de uma escola e de seus funcionários é complexa e muito particular a cada unidade de ensino, pois vários fatores influenciam o cotidiano escolar e sua progressão pedagógica no cumprimento de seu planejamento anual. Questões sociais, políticas e institucionais podem levar a ações distintas das quais diretores e professores supervisores considerariam como adequadas para determinados ambientes escolares.

Diversas situações escolares podem influenciar o período de estágio curricular do licenciando, assim como, as formações acadêmicas e profissionais dos professores supervisores. Muitos cursos de licenciatura formam professores habilitados a exercer suas funções pedagógicas no processo ensino aprendizagem com alunos do ensino básico, mas não se atentam para a formação de professores que serão orientadores de estagiários no futuro. Os professores supervisores precisam de formação adequada para saberem como direcionar suas práticas e concepções aos estagiários que recebem em suas aulas.

Com isso, é necessário conhecer a realidade do ambiente escolar que recebe o estagiário, entender as demandas de formação do professor supervisor e suas concepções sobre a atividade de estágio curricular supervisionado. E assim, colaborar para a construção de um programa de estágio curricular supervisionado mais produtivo para o estagiário, diminuindo os problemas e potencializando os ganhos de novas experiências na prática docente.

### **1.5. Questões investigadas:**

Com o intuito de um direcionamento na busca por respostas para o problema investigado nesta pesquisa, as questões que nortearam o estudo foram:

- 1- Quais são os indicadores de acolhimento de estagiário de Educação Física realizados nas escolas durante o desenvolvimento da atividade de Estágio Curricular Supervisionado?
- 2- Qual é a concepção do Professor Supervisor sobre o acolhimento oferecido ao estagiário de Educação Física no período da realização do Estágio Curricular Supervisionado?
- 3- Qual é a percepção do Professor Supervisor sobre o acolhimento oferecido ao estagiário no período da realização do Estágio Curricular Supervisionado?
- 4- Qual é a percepção do estagiário de Educação Física sobre o acolhimento recebido do Professor Supervisor no período da realização do Estágio Curricular Supervisionado?

## CAPÍTULO II

### REVISÃO DA LITERATURA

#### 2.1. Formação Docente: importância do Professor Reflexivo

Desde o final do século XX muito vem sendo discutido sobre uma educação de qualidade nos espaços escolares e meios de garantir esse acesso a crianças, jovens e adultos, por isso, a necessidade de repensar a formação inicial e continuada dos professores sob análise de suas práticas pedagógicas (CUNHA, 1989; ZEICHNER, 1993; PERRENOUD, 1994; PIMENTA, 1994; ANDRÉ, 1994; GARCIA, 1994; BENEDITO ET AL. 1995). Discursos de governos, mídias e instituições sociais envolvidas tem seguido na direção de ampliar meios importantes de aprendizagens para a melhoria na educação escolar. A escola aqui entendida não como o único meio de formação ou instituição responsável pela educação, mas por se tratar de um espaço que promove uma prática educativa sistemática e planejada por um período longo e contínuo na vida das pessoas.

Uma educação escolar de qualidade deve ter como objetivo principal a formação global do aluno, ou seja, uma formação cidadã e reflexiva sobre a realidade social que está inserido e de nela intervir, além de aprendizagens diversas sobre os conceitos, linguagens, expressões culturais, valores e atitudes para o desenvolvimento de sua própria identidade.

Em 1993, a UNESCO criou a Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI para verificar as tendências da educação nas próximas décadas e, em 1996, divulgou seu relatório conclusivo. O documento – conhecido como "Relatório Jacques Delors" – foi disposto por especialistas de diversos países e pontua, também, as aprendizagens que serão bases da educação nas próximas décadas, por serem vias de acesso ao conhecimento e ao convívio social democrático: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser. Esse referencial salienta um novo olhar e atenção sobre a formação profissional docente mais adequada e a importância do papel do professor no processo educativo.

A formação docente deve ser um dos pontos mais relevantes dentre as discussões de políticas públicas para a educação, pois é a figura do professor a mais próxima aos alunos e do processo ensino-aprendizagem. Porém, não se trata de responsabilizar o professor pelos os insucessos escolares, como a evasão escolar, o desinteresse estudantil, o fracasso escolar entre outros, visto que, aspectos políticos, econômicos e sociais interferem na dinâmica, no cotidiano e função social da escola, mas sim, um maior investimento na formação inicial e continuada, além de condições básicas de trabalho.

## Dessa forma, ser professor

(...) consiste em desenvolver um trabalho sempre interpretável, pelo desempenho de funções não-reguladas e porque qualquer dos papéis profissionais pode ser executado de muitas maneiras. Esta condição faz com que sejam possíveis formas diferenciadas de ser professor, realizar atividades distintas e servir funções educativas em parte idênticas, mas com matizes diferenciais, segundo a idiosincrasia pessoal, o comportamento e a ética profissional. Portanto, se é professor executando funções tão variadas como: dar aulas, desenvolver atividades para vários grupos, preparando unidades didáticas, confeccionando materiais, gerenciando os recursos bibliográficos de consulta, especializando-se numa oficina de teatro, atendendo aos problemas do aluno, relacionando-se com os pais, buscando recursos para os alunos, aperfeiçoando-se, investigando com os companheiros, avaliando a própria docência, etc (SACRISTÁN, 1998, p.266-267).

Pesquisas sobre a formação inicial (Piconez, 1991; Pimenta, 1994; Leite, 1994) têm apontado que cursos de formação docente que apresentam currículos formais, preocupados apenas com questões burocráticas e com distanciamento das questões sociais da realidade escolar, demonstram pouca contribuição na formação da identidade profissional do professor.

Sobre a formação de professores, Pimenta (1994) acrescenta que deve ter um objetivo muito mais amplo do que a preocupação apenas com a habilitação legal para o exercício da docência e uma formação técnico-mecânica atentada para executar as funções burocráticas pedagógicas. Os cursos de licenciatura devem proporcionar aos graduandos conceitos, habilidades e valores sobre o processo ensino-aprendizagem e as demandas escolares atuais para que, continuamente, eles possam construir seus saberes fazeres docentes e suas identidades como professores. O professor deve ser capaz de investigar e refletir sobre sua própria prática pedagógica num processo de mobilização dos conceitos teóricos da educação e o ensino como realidade social. A essência do trabalho docente é, através do ensino, proporcionar aos alunos um processo de humanização histórico da realidade em que estão inseridos e desenvolver o poder de interferência e mudança social.

Schön baseia seu estudo sobre o ensino reflexivo na teoria da investigação de John Dewey, que destaca a aprendizagem por meio do fazer. Ele acrescenta que o graduando

Ele tem que enxergar, por si próprio e à sua maneira, as relações entre meios e métodos empregados e resultados atingidos. Ninguém mais pode ver por ele, e ele não poderá ver apenas 'falando-se' a ele, mesmo que o falar correto possa guiar seu olhar e ajudá-lo a ver o que ele precisa ver (DEWEY apud SCHÖN, 2000, p.25).

De acordo com o Parecer CNE/CP 9/2001, a respeito da necessidade da formação do professor reflexivo no período do estágio supervisionado na formação inicial:

Art 13, §1º - A prática será desenvolvida com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, visando à atuação em situações contextualizadas, com o registro dessas observações realizadas e a resolução de situações-problema.

Para Schön (1992) a formação docente apresenta três passos para introduzir o conceito de *praticum* reflexivo: “Primeiro ensinam-se os princípios científicos relevantes, depois a aplicação desses princípios e, por último, tem-se um *praticum* cujo objetivo é aplicar à prática cotidiana os princípios da ciência aplicada” (SCHÖN, 1992, p. 91).

Sobre essa dificuldade apresentada, o autor propõe uma nova epistemologia da prática, que se alicerça nos conhecimentos na ação e reflexão na ação. O conhecimento na ação está associado ao saber-fazer, se origina na ação de maneira espontânea, um conhecimento tácito. A reflexão na ação se apresenta a partir de acontecimentos inesperados, oriunda da ação e nem sempre o conhecimento na ação é o bastante para resolver. Existem três tipos diferentes de reflexão: a reflexão sobre a ação, a reflexão na ação e, numa perspectiva metacognitiva, a reflexão sobre a reflexão na ação. A reflexão sobre a ação se caracteriza no pensar sobre as ações realizadas e objetiva desvelar como o conhecer-na-ação pode auxiliar para um resultado novo. A reflexão-na-ação objetiva refletir no momento da ação, sem interferências, pois o pensamento conduz uma nova forma ao que se está fazendo e no ato em que se está fazendo, possibilitando interferir na situação em desenvolvimento. A reflexão sobre a reflexão na ação é o ato de pensar sobre a reflexão-na-ação passada, estabelecendo o entendimento de certa situação e, assim, favorecendo a adoção de uma postura ou estratégia.

De acordo com Schön (2000), o graduando ao longo do seu período de estágio curricular supervisionado deve refletir sobre suas ações com a finalidade de descobrir o que ajuda ou prejudica sua construção de conhecimento e aprende fazendo, enquanto o professor da rede básica exerce o papel de orientador, tendo no ensino prático as principais atividades: demonstrar, aconselhar, questionar e criticar.

### **2.1.2. Profissionalização do Ensino: entre a ocupação e a profissão**

Segundo Tardif (2013), a profissão de professor esteve por muito tempo vinculada a ideia de vocação e, ainda nos tempos atuais, há instituições que acreditam que ser professor é uma escolha feita apenas por amor. A partir desta filosofia, ser professor ou, em especial, ser professora, é aceitar o labor baseado no ideal de vocação para esta profissão. Porém, essa ideia vai de encontro com os ideais da profissionalização docente, visto que para exercer o magistério seria necessário apenas a vocação ou amor a profissão, não sendo preciso um esforço para melhores condições de trabalho, formação especializada e saberes inerentes a profissão.

De acordo com Tardif (2002), a profissionalização do ensino é a transformação mais importante a ser realizada na educação abrangendo o discurso reformista internacional sobre o ensino e a formação docente do ensino básico. Para líderes políticos e encarregados pela educação

de diversos países, trata-se hoje de entender o ensino de estatuto de ofício para o de profissão de igual valor (intelectual e estatutariamente), como por exemplo: direito, medicina e a engenharia.

Sobre a ideia de profissionalização, Tardif acrescenta:

Um dos principais objetivos da profissionalização seria o de elevar o status dos professores, de valorizar seu trabalho junto à opinião pública, de aumentar sua autonomia, mas também de melhorar suas condições de trabalho – especialmente a remuneração – para aproximá-los das profissões melhor estabelecida (TARDIF, 2013,p. 13).

Para Tardif (2002, p.246) “O movimento de profissionalização busca renovar os fundamentos epistemológicos do ofício de professor.”

De acordo com Schön (1990), é fundamental valorizar de forma positiva os conhecimentos pessoais do professor, considerando-os de forma teórica e conceptual. As situações presentes no cotidiano da prática docente não são apenas instrumentais, elas levam o professor a tomadas de decisão de maneira complexa, singular, incertas e de conflitos de valores. Os problemas que os docentes se confrontam e resolvem no cotidiano escolar demonstram características únicas, logo exigem respostas únicas: capacidades de autodesenvolvimento reflexivo.

Um dos conceitos principais de uma profissão são os saberes desenvolvidos por ela. Na profissão docente, saberes oriundos da prática profissional são, muitas vezes, vistos como dom natural ou talento. Esses saberes frutos da *práxis* docente devem ser destacados para que haja a valorização conceitual e teórica da profissionalização docente, que por muito tempo esteve desvinculada da realidade da escola (TARDIF, 2013).

Os ambientes de pesquisa e instituições universitárias ainda incutem seus saberes como mais preponderantes frente aos saberes advindos do chão da escola. Essa situação causa o distanciamento entre a universidade e a escola e os saberes gerados nesses ambientes. Com isso, professores e agentes escolares devem ter ciência dos saberes que possuem e transmitem aos seus alunos, para que possam planejar suas práticas e ações pedagógicas.

Os saberes docentes compõem inúmeros saberes provenientes da formação profissional, saberes disciplinares, curriculares e experienciais. A valorização desses saberes reforça o conceito da profissionalização docente, ou seja, o professor não é apenas um transmissor de saberes. (TARDIF, 2013; GAUTHIER, et al, 2013).

Desse ponto de vista, em educação, a profissionalização pode ser definida, em grande parte, como uma tentativa de reformular e renovar os fundamentos epistemológicos do ofício de professor e de educador, assim como da formação para o magistério. Todos os esforços realizados nos últimos vinte anos para construir um repertório de conhecimentos (*knowledge base*) específico ao ensino vão nessa direção (Gauthier et al., 1998), bem como as numerosas reformas visando a definir e a fixar padrões de competência para a formação dos professores e para a prática do magistério. Se esses esforços e reformas forem bem-sucedidos, o ensino deixará, então, de ser um ofício para tornar-se uma

verdadeira profissão, semelhantemente à profissão de médico ou às profissões de engenheiro e de advogado (TARDIF, 2002, p. 250).

Segundo Tarfif (2002), a epistemologia da prática profissional é o mais importante conceito desse processo de profissionalização. No mundo do trabalho, o que diferencia uma profissão de outras ocupações é a natureza dos conhecimentos articulados.

### **2.1.3. Contribuições da Epistemologia da Prática na Formação Docente**

O termo epistemologia, etimologicamente, é constituído por duas palavras do latim: *logos* (discurso) e *episteme* (conhecimento de caráter científico). “Epistemologia, como área da filosofia, é o estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das diversas ciências” (BATISTA; GOUVEIA; CARMO, 2016).

Sobre a epistemologia da prática profissional Tardif (2002, p. 255) ressalta: "O estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as tarefas".

Para Schön (2000, p.19), a epistemologia da prática é “como modelo de conhecimento profissional implantado em níveis institucionais nos currículos e nos arranjos para a pesquisa e para a prática”, ou seja, um modelo de formação para o trabalho profissional. O autor ainda acrescenta que é na reflexão, fruto das situações da prática cotidiana do professor, que se origina uma base epistemológica. Ainda nesta ideia, a epistemologia da prática pode ser compreendida como campo teórico-metodológico, quando tenta explicar os saberes e sentidos produzidos pela prática e racionalidade envolvida nesse processo. Dessa forma, o profissional é um ser epistêmico, que nas palavras de Schön (2000, p.69), estabelece “uma conversação reflexiva de um investigador com a sua situação”. A postura reflexiva do profissional, (re)significa sua prática e constrói de forma contínua os saberes em ação. Por meio da prática reflexiva, o professor pode compreender e melhorar seu próprio ensino e construir seus saberes docentes.

A compreensão dada a noção de “saber” são conhecimentos, competências, habilidades e atitudes, que muitas vezes é entendido como saber, saber-fazer e saber-ser. A epistemologia da prática profissional é entendida como campo de investigação, cuja finalidade é a construção do objeto de estudos (saberes docentes). Com isso, a epistemologia da prática tem como objetivo identificar esses saberes, revelar sua natureza, entender como estão inseridos nas tarefas dos professores, sua importância na construção do trabalho docente e identidade profissional.

A concepção de epistemologia da prática influencia a pesquisa universitária em alguns pontos, sendo eles: 1) Torna necessário um retorno á realidade, em que se admite que os saberes profissionais sejam saberes da ação; 2) Os saberes profissionais não podem ser confundidos com

conhecimentos universitários, uma vez que a prática nunca foi um lugar de aplicação de conhecimentos universitários, ocorrendo, quando muito, um processo de filtração ou confrontação; 3) É preciso que a pesquisa universitária se apoie nos saberes dos professores para compor um repertório de conhecimentos para a formação de professores; 4) Em pesquisas sobre o ensino e a escola, os pesquisadores colocam sua ênfase no que os professores não sabem, em detrimento daquilo que sabem. Essa ênfase precisa ser alterada e os pesquisadores precisam construir seus discursos próximos dos atores e dos fenômenos de campo que afirmam representar ou compreender; 5) Essas pesquisas deveriam fazer emergir as construções dos saberes docentes que refletem as categorias práticas e conceituais (TARDIF, 2012).

## **2.2. Estágio Curricular Supervisionado na formação docente**

A epistemologia da prática e a profissionalização docente os cursos de formação inicial estão vinculadas a conjuntura do estágio curricular e práticas de ensino. Assim, os saberes que os estagiários mobilizam no cotidiano escolar são itens importantes de reflexão, favorecendo o desenvolvimento de análise das práticas como base da formação.

O conceito de “estágio” vincula a ideia de prática em um ambiente conveniente e com a supervisão e orientação de outro profissional do ramo. Com uma característica prática, o estágio está em vários locais de treinamento profissional (escolas, hospitais, indústrias, etc.) com o objetivo de oportunizar vivências do estagiário com seu futuro ambiente profissional.

Ao longo da história, o estágio curricular supervisionado na formação de professores foi considerado como a parte prática do curso de licenciatura, com a intenção de adquirir o conhecimento técnico sob a forma de imitação de modelos, sob o pressuposto de que a “realidade do ensino” e “os alunos são imutáveis” (PIMENTA; LIMA, 2010, p.35). Nessa perspectiva, se deixa de considerar as mudanças e avanços sociais importantes da sociedade e limita a ação do estagiário na escola a um observador das aulas e futuramente um imitador dos modelos de aula, sem qualquer reflexão crítica do ambiente observado.

Deve promover a articulação entre a formação inicial e a prática, integrando o processo de formação docente com o campo de atuação, não somente enquanto objeto de análise e de investigação, mas também como objeto de interpretação crítica (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 24).

O estágio curricular supervisionado é uma importante etapa da formação inicial de professores com a finalidade de antecipar as vivências e situações escolares para os estagiários. “O estágio como componente curricular e eixo central dos cursos de formação docente, apresenta aspectos indispensáveis à construção do ser profissional docente no que se refere à construção da identidade, dos saberes e das práticas necessárias” (PIMENTA; LIMA, 2009, p.29).

O estágio permite ao futuro professor a construção de habilidades e competências inerentes ao ofício de professor sob a orientação de professores supervisores mais experientes. Com isso, existe a necessidade de se pensar o estágio curricular supervisionado profícuo e preocupado com formação do estagiário, para que o mesmo tenha oportunidades de experiências diversificadas que o possibilite uma construção de saberes experienciais docentes.

O estágio supervisionado deve proporcionar ao futuro professor maior reflexão sobre a própria prática pedagógica, rompendo com práticas impensadas e não adequadas as novas transformações sociais na escola. Com isso, o período de estágio deve oferecer ao graduando uma maior consciência sobre a complexidade das ações pedagógicas e prepará-lo para sua imersão profissional (PIMENTA; LIMA, 2009).

Sobre a complexidade do cotidiano do professor na escola, Tardif afirma que:

No exercício cotidiano de sua função, os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas, que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal, bem como a capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis. Ora, lidar com condicionantes e situações é formador; somente isso permite ao docente desenvolver o habitus (disposições adquiridas na e pela prática). (...) Os habitus podem transformar-se em um estilo de ensino, ‘macetes’ da profissão e até mesmo em traços da ‘personalidade profissional (TARDIF, 2002; p. 49).

Com isso, o estagiário deve vivenciar a importância da construção de novos saberes e práticas, de forma que possa construir percepções que lhe deem condições do exercício docente humano e justo.

### **2.2.1. Breve histórico legislativo do Estágio na Formação Docente**

Esta pesquisa abordará o contexto legislativo do estágio no seu processo de organização e implementação no currículo dos cursos de licenciatura.

O estágio teve na Lei Nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977 o primeiro registro legal direcionado, instituindo legalmente, a prática do estágio para estudantes do “ensino superior, ensino profissionalizante do 2º grau e supletivo” (BRASIL, 1977), a Lei 6494/77 ficou conhecida como a “Lei do estágio”. É constituída de oito artigos e abordava o estágio de forma generalizada, sendo uma complementação do currículo de formação do profissional. Traz em seu artigo 1º, parágrafo segundo, a seguinte redação:

§ 2º Os estágios devem propiciar a complementação do ensino e da aprendizagem a serem planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares, a fim de se constituírem em instrumento de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico- cultural, científico e de relacionamento humano (BRASIL, 1977).

Essa lei, mesmo que de forma inicial, já se preocupava em resguardar alguns direitos dos estudantes no que tange a preservação física e que o tempo destinado ao estágio não interferisse no tempo de estudos das disciplinas regulares, fazendo o estágio se manter no espaço de formação e não com fins empregatícios.

Em 2008, foi aprovada pelo Congresso Nacional a Lei Nº. 11.788, que passou a vigorar a partir de 25 de setembro de 2008, revogando a Lei 6.494/77 e considerando o estágio de forma mais abrangente, na sua conceituação, classificação e interações das partes envolvidas: instituições de ensino, concedentes e estagiários.

A educação brasileira é sistematizada por leis específicas possuindo direcionamentos curriculares para todas as etapas e modelos de ensino. A primeira a propor a sistematização do ensino no Brasil foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 4.024, sancionada em 20 de dezembro no ano de 1961, reconhecida pela sua importância e relevância para o cenário educacional da época.

Ainda que representasse um grande avanço no campo educacional vigente, no contexto da formação de professores, ainda previa a prática pedagógica para os alunos da Escola Normal, no formato de “observação” e “imitação” de bons modelos (PIMENTA, 2012).

A disciplina Prática de Ensino era organizada como parte extra do currículo formal e não era exigida de forma obrigatória nos cursos de licenciatura (ANDRADE; RESENDE, 2010).

Após o Parecer 292 do Conselho Federal de Educação, de 14 de novembro de 1962, a Prática de Ensino foi colocada no currículo dos cursos de formação docente de caráter obrigatório com o Estágio Supervisionado (ANDRADE; RESENDE, 2010). O momento do estágio deveria ocorrer no último semestre de ensino e sob a supervisão de professores da escola para orientar o estagiário. O conceito praticar os conhecimentos teóricos das instituições formadoras na prática das escolas trazia a interpretação do caráter de treinamento (op. cit., 2010):

O conceito de prática era visto como o desenvolvimento de habilidades instrumentais necessárias ao desempenho docente, ou seja, o treinamento em situações experimentais, a utilização de técnicas de ensino era considerada a priori como necessária ao bom desempenho docente. A formação é, assim, uma via de mão única: do curso para a escola. Para o professor desempenhar sua função, é suficiente saber lançar mão adequadamente das técnicas de ensino. (CAIMI, 2002 apud ANDRADE; RESENDE, 2010, p.236)

Para Andrade; Resende (2010), depois do Parecer nº 627/69, a prática de ensino como parte integrante do estágio supervisionado começou a ser de 5% da carga horária total do curso de licenciatura.

Na área da Educação Física, diversas mudanças aconteceram no âmbito legal e foram necessárias alterações na composição do currículo do curso e na formação.

Anteriormente a Lei 4.024 do ano de 1961, o curso de Educação Física era um curso técnico. Contudo esse modelo favorecia que ex-atletas exercessem a profissão de professor de Educação Física, visto a baixa qualidade da formação inicial e as carências do mercado de trabalho. No ano de 1969, o Parecer N° 894 CFE do Conselho Federal de Educação (CFE), relatava a necessidade da formação dos professores de Educação Física ser realizada por cursos de licenciatura, formando licenciados em Educação Física e Técnico de Desportos. Este curso era composto por 1.800 horas/aula e duração mínima de três anos e máxima de cinco anos. O olhar sobre a formação docente estava focado na construção de conhecimentos didáticos/ esportivos direcionados a escola (SOUZA NETO et al., 2004).

No ano de 1987, a Resolução CFE N° 03, de 16 de junho, trazia novas reformulações da carga horária, tempo de duração e outras formas de organização dos cursos de formação de professores em Educação Física. A carga horária mínima do curso aumentou de 1.800 horas para 2.880 horas, para ser cumprida em até quatro anos. Quanto à organização curricular, os cursos teriam duas áreas articuladas entre si: a formação geral e a de aprofundamento dos conhecimentos, dividindo assim, as disciplinas mais humanísticas e filosóficas das mais voltadas para os conhecimentos técnicos.

Suscetível a uma interpretação dicotômica da formação do licenciando em Educação Física, esta Resolução favoreceu a implementação dos cursos de licenciatura e bacharelado, o que permitiu às IEs liberdade de escolha quanto as disciplinas que iriam compor a grade do currículo na formação de professores de Educação Física. O período de estágio supervisionado era no mínimo de um semestre letivo nos cursos de licenciatura e bacharelado, e findavam com a apresentação de um trabalho de conclusão de curso (TCC).

Em 20 de dezembro do ano de 1996 foi aprovada a mais recente Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) N° 9.394/96, trazendo inúmeros avanços organizacionais na área educacional. No título VI (parágrafo único), a lei aborda o estágio supervisionado na temática de formação de professores e seus fundamentos básicos:

Parágrafo Único A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;

II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades (BRASIL, 1996, p.62, grifo da autora).

A LDB, ao pontuar a importância da relação entre teoria e prática nos cursos de formação docente, favorece o entendimento do estágio curricular como mais uma forma de construção de

saberes, ampliando a discussão contrária a ideia de aplicar os conceitos da teoria na prática. Ela estabelece o mínimo de 300 horas, da Educação Infantil ao Ensino Médio, destinadas a prática de ensino na formação de professores.

No ano de 2002, com o objetivo de elencar eixos articuladores para a organização da matriz curricular de formação de professores, o Conselho Nacional de Educação (CNE), por meio da Resolução CNE/CP 1/2002, cria as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) apresentadas no artigo 11:

- I - eixo articulador dos diferentes âmbitos de conhecimento profissional;
- II - eixo articulador da interação e da comunicação, bem como do desenvolvimento da autonomia intelectual e profissional;
- III - eixo articulador entre disciplinaridade e interdisciplinaridade;
- IV - eixo articulador da formação comum com a formação específica;
- V - eixo articulador dos conhecimentos a serem ensinados e dos conhecimentos filosóficos, educacionais e pedagógicos que fundamentam a ação educativa;
- VI - eixo articulador das dimensões teóricas e práticas. (BRASIL, 2002, p.5, grifo da autora)

Com esse importante avanço na discussão sobre as dimensões teóricas e práticas na formação do professor, buscou-se ampliar esse conceito para todo o currículo do curso, descaracterizando o estágio como “o momento da prática” (PIMENTA, 2012).

Essa mesma resolução, no artigo 13, parágrafo 3º, esclarece a importância do estágio curricular supervisionado ser realizado em escolas de ensino básico, promovendo uma aproximação do estagiário com o ambiente escolar e a importância da parceria entre universidade e escola para uma verdadeira formação docente de qualidade.

§3º- O estágio curricular supervisionado, definido por lei, a ser realizado na escola de educação básica, e respeitado o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser envolvido a partir do início da segunda metade do curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e escola de campo do estágio (BRASIL 2002).

A Resolução CNE/CP Nº 2/2002 decide assim a duração e a carga horária dos cursos de formação de professores da educação básica em nível superior:

Art. 1º A carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, será efetivada mediante a integralização de, no mínimo, 2800 (duas mil e oitocentas) horas, nas quais a articulação teoria-prática garantida, nos termos dos seus projetos pedagógicos, as seguintes dimensões dos componentes comuns:

- I - 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso;
- II - 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso;
- III - 1800 (mil e oitocentas) horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural;
- IV - 200 (duzentas) horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais. (BRASIL, 2002, grifo da autora)

Para os cursos de Educação Física, da Resolução nº 7, de 31 de março de 2004 do Conselho Nacional de Educação (CNE) foram colocadas as DCNs específicas. A Educação Física fica entendida como uma área acadêmico-profissional e apresenta articulação com as propostas definidas nas Resoluções 01/2002 e 02/2002. O Parecer CNE/CES Nº 58/2004, que antecede a Resolução CNE/CES Nº 07/2004, apresenta algumas considerações sobre o estágio nos cursos de Educação Física:

[...]O estágio profissional curricular é o momento de efetivar, sob a supervisão de um profissional experiente, um processo de intervenção acadêmico-profissional que tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização do(a) graduando(a). O objetivo é oferecer ao futuro graduado em Educação Física um conhecimento do real em situação de trabalho, isto é diretamente em instituições e locais formais e informais que oportunizem a prática de exercícios e de atividades físicas, recreativas e esportivas, nas perspectivas da prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e da reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, entre outras. É também um momento para se verificar e provar a aquisição das competências e habilidades exigidas na prática acadêmico-profissional e exigíveis dos(as) formandos(as) [...] (BRASIL, 2004, p.13).

Ainda sobre a indissociabilidade teoria-prática nos cursos de Educação Física, o artigo 5º da Resolução CNE/CES Nº 07/2004 apresenta em quais princípios as instituições de ensino superior devem se basear ao construir o projeto político do curso:

- a) autonomia institucional; b) articulação entre ensino, pesquisa e extensão; c) graduação como formação inicial; d) formação continuada; e) ética pessoal e profissional; f) ação crítica, investigativa e reconstrutiva do conhecimento; g) construção e gestão coletiva do projeto pedagógico; h) abordagem interdisciplinar do conhecimento; i) indissociabilidade teoria-prática; j) articulação entre conhecimentos de formação ampliada e específica. (BRASIL, 2004, grifo da autora)

No artigo 10 da mesma resolução, sobre a indissociabilidade entre teoria e prática, apresenta os três caminhos a serem seguidos para sua maior garantia nos cursos de formação docente em Educação Física:

Art. 10 A formação do graduado em Educação Física deve assegurar a indissociabilidade teoria-prática por meio da prática como componente curricular, estágio profissional supervisionado e atividades complementares.

§ 1º A prática como componente curricular deverá ser contemplada no projeto pedagógico, sendo vivenciada em diferentes contextos de aplicação acadêmico-profissional, desde o início do curso.

§ 2º O estágio profissional curricular representa um momento da formação em que o graduando deverá vivenciar e consolidar as competências exigidas para o exercício acadêmico-profissional em diferentes campos de intervenção, sob a supervisão de profissional habilitado e qualificado, a partir da segunda metade do curso.

§ 3º As atividades complementares deverão ser incrementadas ao longo do curso, devendo a Instituição de Ensino Superior criar mecanismos e critérios de aproveitamento de conhecimentos e de experiências vivenciadas pelo aluno, por meio de estudos e práticas independentes, presenciais e/ou à distância, sob a forma de monitorias, estágios extracurriculares, programas de iniciação científica, programas de extensão, estudos complementares, congressos, seminários e cursos (BRASIL, 2004).

A resolução CNE/CP Nº 2/ 2015 define as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial em nível superior. A Escola se apresenta mais uma vez como ambiente de formação de docente. Já no artigo 3º, temos o seguinte texto (grifo da autora):

§5º - São princípios da formação de profissionais da Educação Básica:

III – a **colaboração constante** entre os entes federados na consecução dos objetivos da Política Nacional de Formação de Professores do Magistério da Educação Básica, articulada entre o **Ministério da Educação (MEC)**, **as instituições formadoras** e os **sistemas e redes de ensino e suas instituições;**

VI – o **reconhecimento das instituições de educação básica como espaços necessários à formação dos profissionais do magistério;**

§6º - O projeto de formação deve ser elaborado e desenvolvido por meio da **articulação entre a instituição de educação superior e o sistema de educação básica**, envolvendo a consolidação de fóruns estaduais, e distrital permanentes de apoio à formação docente, em regime de colaboração, e deve contemplar:

I – sólida formação teórica e interdisciplinar dos profissionais;

II – a **inserção dos estudantes de licenciatura nas instituições de educação básica da rede pública de ensino, espaço privilegiado da práxis docente;**

III – o contexto educacional da região onde será desenvolvido;

IV – as atividades de socialização e a avaliação de seus impactos nesses contextos.

(...)

No breve retrospecto acerca da legislação do estágio curricular supervisionado no contexto de formação de professores, nota-se um grande avanço em diversas questões de organização, dimensões e diretrizes do estágio. Nesse contexto, a atividade curricular do estágio não se apresenta como a única oportunidade de se vivenciar a prática na formação inicial, mas ao longo dela em diferentes oportunidades. Com o passar dos anos, o estágio nos cursos de licenciaturas foi sendo potencializado em seu caráter didático pedagógico, em detrimento de um conceito técnico metodológico, baseado no conceito tradicional de administrar os conteúdos teóricos na prática do estágio.

As mais recentes diretrizes para a formação de professores é perspectivada num currículo mais abrangente que articule teoria e prática, onde o graduando possa no ambiente da sua futura profissão, mobilizar os saberes disciplinares da universidade com os saberes experienciais, oriundas do cotidiano educacional.

No Decreto Nº 8.752, de 9 de maio de 2016, a União estabeleceu a Política Nacional de Formação de Profissionais da Educação Básica, ao considerar como profissionais os professores, pedagogos e funcionários da educação, das redes públicas ou privadas da educação básica ou a elas destinadas. No capítulo I do mesmo decreto, instituiu os princípios e objetivos da política educacional, destacando a relação entre teoria e prática, baseada na aquisição de conhecimentos científicos, pedagógicos e específicos da profissão docente.

Na Educação Física, a nova Resolução CNE/CES nº 6/2018, que institui as DCNs dos cursos de graduação em Educação Física, determina alterações importantes no oferecimento dos

cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física, e declara que o curso deverá ter duas etapas: uma comum e outra específica. O objetivo é aproximar o estagiário do seu futuro ambiente profissional e conhecimentos específicos da profissão escolhida. Sendo Licenciatura ou Bacharelado, o graduando deverá realizar, na etapa comum de formação (do primeiro ao quarto semestre), atividades acadêmicas e atividades didático-pedagógicas integradoras a fim de possuir o conhecimento das várias áreas de atuação do profissional de Educação Física.

A resolução citada ainda está em período inicial de implementação nas IES e alguns pontos referentes ao ECS na formação do professor de Educação Física são relatados no artigo 11:

Art. 11 As atividades práticas da etapa específica da Licenciatura deverão conter o estágio supervisionado, bem como outras vinculadas aos diversos ambientes de aprendizado escolares e não escolares.

§ 1º O estágio deverá corresponder a 20% das horas referenciais adotadas pelo conjunto do curso de Educação Física ao aprendizado em ambiente de prática real, e deverá considerar as políticas institucionais de aproximação ao ambiente da escola e às políticas de extensão na perspectiva da atribuição de habilidades e competências.

§ 2º O estágio deverá expressar e integrar o conjunto de atividades práticas realizadas ao longo do curso e ser oferecido, de forma articulada, com as políticas e as atividades de extensão da instituição com curso.

§ 3º Os graduandos em atividades de estágio deverão ter seu desempenho e aproveitamento avaliado por metodologia própria desenvolvida no âmbito do Projeto Pedagógico Curricular do Curso e do Projeto Institucional. (BRASIL, 2018d, p.4)

De acordo com esta resolução o ECS terá um aumento na carga horária que deverá ser realizada em ambientes onde aconteça a efetiva prática da docência e esclarece que a avaliação do aproveitamento e desempenho dos estagiários se dará em concordância com projeto político pedagógico curricular e do projeto institucional.

### **2.2.2. A relação teoria e prática no Estágio Curricular Supervisionado**

O estágio é entendido, por muitos, como a parte prática do processo de formação profissional, ou seja, momento em que pode ser aplicado a teoria dos conceitos na prática do ensino. É muito comum graduandos pontuarem que o conhecimento “na teoria é uma coisa, mas na prática é outra coisa, completamente diferente”. Essa afirmação, por vezes comum, denota que as muitas instituições de ensino apresentam disciplinas desconectadas uma das outras e, ainda apresentam dificuldades com a articulação entre teoria e prática do currículo, desconsiderando o terreno da prática como campo de produção de saberes.

Essa visão dicotômica entre a teoria e a prática no contexto do estágio supervisionado vem sendo modificada devido ao aumento de discussões e estudos sobre o estatuto e conformação desta atividade curricular (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015; PIMENTA; LIMA, 2009; PIMENTA, 2012).

O estágio supervisionado se constitui em importante período da formação inicial por oportunizar a reflexão sobre a dicotomia entre teoria e prática, ainda muito frequente nos cursos de formação de docentes.

O estágio curricular supervisionado é um elemento articulador entre os diferentes conhecimentos, e essencial nos cursos de formação de professores, uma vez que possibilita a inserção do futuro professor no ambiente escolar, a fim de promover atividades pedagógicas visando estabelecer a relação teoria e prática (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015, p.16).

Para Candau; Lelis, (1996), a visão dicotômica pode resultar em um caráter associativo, dissociativo, ou uma visão de unidade entre teoria e prática.

A dicotomia associativa é entendida como a teoria sendo aplicada na prática, um ideal de complementação, que a teoria antecede o momento de aplicação na prática.

A dicotomia dissociativa não entende a relação entre a teoria e a prática, sendo consideradas opostas no processo de formação. A teoria se objetiva a conceituar sobre um determinado assunto e a prática de realizar. Essa visão ainda é muito presente nos cursos de formação, em especial no estágio, não havendo uma relação da teoria frente as situações da prática pedagógica.

A visão de unidade entre a teoria e prática se justapõem com a intenção de permitir uma relação indissociável entre elas. Com isso, proporciona ao graduando experiências oriundas do campo teórico, prático e teórico-prático importantes no processo de formação de professores.

À primeira vista a relação teoria e prática é bastante simples. A prática seria a educação em todos os seus relacionamentos práticos e a teoria seria a ciência da Educação. A teoria investigaria a prática sobre a qual retroage mediante conhecimentos adquiridos. A prática, por sua vez, seria o ponto de partida do conhecimento, a base da teoria e, por efeito desta, torna-se prática orientada conscientemente (PIMENTA, 2012, p.113).

A visão das instituições de ensino e do estagiário sobre essa relação entre teoria e prática, pode influenciar as diferentes concepções de estágio e seus direcionamentos aos futuros docentes (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015; PIMENTA; LIMA, 2009).

A relação entre teoria e prática é compreendida de forma diferente em cada concepção de estágio adotada pelas instituições de ensino e, conseqüentemente, pelo estagiário. O conceito adotado ao longo de toda formação do futuro professor pode romper ou corroborar para a dicotomia presente entre teoria e prática. De acordo com Pimenta; Lima (2009), esses modelos de estágio entendem o momento da prática como imitação de modelos, instrumentação técnica ou campo de conhecimento.

No estágio curricular supervisionado em que a imitação de modelos é valorizada, o estagiário tem a função de observar as aulas dos professores supervisores e posteriormente imitar

aquilo que foi observado, não considerando as diferentes demandas de cada contexto de ensino. Nesse ideal de estágio, o graduando aprende sua futura profissão pela observação, imitação, reprodução e algumas considerações de reelaboração dos conceitos pontuados como positivos (PIMENTA; LIMA, 2009). Com a reprodução dos modelos de aulas assistidas, o estagiário não considera de forma crítica o contexto histórico social de seus alunos, ponto esse, fundamental para a construção e desenvolvimento das aulas, e passa a realizar um modelo tradicional e artesanal de ensino.

O estágio supervisionado sob a perspectiva da instrumentação técnica entende a função do estagiário, meramente, voltada ao domínio de habilidades instrumentais e técnicas próprias à prática pedagógica, com anotações em fichas de observação (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015). Pimenta e Lima (2009) consideram que reduzir o estágio a atividades apenas práticas sem uma maior reflexão sobre a ação desenvolvida e seu contexto pode contribuir para uma ideia desacertada da existência de uma prática sem teoria, ou mesmo uma teoria sem vínculo com a prática, prejudicando a formação reflexiva do futuro docente nos cursos de licenciatura.

A prática de estágio supervisionado entendida como campo de conhecimento e oportunidade de interação do estagiário com seu futuro ambiente profissional, compreende o estágio como uma atividade teórica de conhecimento e pretende superar a dicotomia entre teoria e prática (PIMENTA; LIMA, 2009). O estagiário tem a oportunidade de articular os saberes disciplinares com os saberes experienciais vividos no estágio supervisionado, e a partir desse movimento, construir sua própria identidade profissional e *práxis* pedagógica. O período de estágio também é visto como uma atividade de pesquisa, pois o graduando poderá considerar as orientações oriundas das universidades para fomentar suas atitudes e reflexões na prática docente cotidiana (VEDOVATTO IZA; SOUZA NETO, 2015). Essa perspectiva de estágio coloca a universidade e a escola como importantes espaços de formação docente, trabalhando em parceria para uma formação docente coerente com a realidade de ser professor.

### **2.2.3. Relação Universidade X Escola**

A parceria entre a Universidade e a escola de educação básica é fundamental para o êxito da formação inicial docente. As universidades, por anos, eram conhecidas como as únicas detentoras do saber e eram elas que formavam efetivamente os novos professores para a prática pedagógica. Porém, vem ampliando as discussões sobre o importante papel da escola na formação inicial, em especial atenção, no período do estágio curricular supervisionado, considerando a escola, também, como *lócus* de formação e construção de saberes docentes.

As universidades não são mais consideradas as únicas responsáveis pela formação de professores, sendo necessárias vários outros atores e instâncias para uma formação verdadeiramente profícua (NÓVOA, 2009):

[...] é preciso que exista um projeto de estágio planejado e avaliado conjuntamente pela escola de formação inicial e as escolas campos de estágio, com objetivos e tarefas claras e que as duas instituições assumam responsabilidades e se auxiliem mutuamente, o que pressupõe relações formais entre instituições de ensino e unidades dos sistemas de ensino. Esses “tempos na escola” devem ser diferentes segundo os objetivos de cada momento da formação. Sendo assim, o estágio não pode ficar sob a responsabilidade de um único professor da escola de formação, mas envolve necessariamente uma atuação coletiva dos formadores (BRASIL, 2001a, p. 1).

Para Tardif (2000), para a formação de professores deve haver

equipes pluricategoriais”, ou seja, atuação e participação de vários profissionais em uma ação colaborativa e que todos exerçam funções e responsabilidades na formação do futuro docente. Essas equipes são fundamentais “para impedir a fragmentação dos saberes, característica da lógica disciplinar, que tem sido fundamento da formação. (p.21).

Sobre a necessidade de parceria entre universidade e escola, Borges propõem a ideia de um modelo de formação profissional profícuo, que permite alternância entre o ambiente escolar e o ambiente universitário, promovendo assim uma maior reflexão. Sobre o princípio da alternância, o autor esclarece:

[...]é o de fornecer momentos de imersão na prática com o objetivo explícito de formação pela prática. A alternância deve igualmente oferecer esse tempo de recuo necessário para refletir sobre a prática e reinvestir os conhecimentos vistos nos cursos nas intervenções em meio escolar (Borges, 2008,p.169,170).

O estágio curricular supervisionado se destaca pela sua importância no processo de formação inicial, pois é no estágio que a aproximação entre universidade e escola acontece de forma mais nítida, cada uma com seus saberes, conceitos, organizações e relações de poder distintas, mas com um único foco: a formação docente.

O estagiário está entre esses dois *campos* de força e transita entre seguir as orientações do professor orientador da universidade e se inserir na realidade escolar com o objetivo de aprender a futura profissão. O estágio acaba exercendo uma espécie de ponte entre esses dois espaços de poder, que influencia diretamente na qualidade de aprendizagem dependendo da relação entre a universidade e a escola.

Na universidade e na escola, o estagiário conviverá com diferentes *habitus* de organizações e problemáticas, porém estas podem ser agravadas pela falta de parceria entre os ambientes formadores: universidade e escola.

Cada espaço escolar é único, pois nele se encontram diversas histórias de pessoas, como alunos, professores, gestores, funcionários e os estagiários. Com isso, cada uma desenvolve um

*habitus* específico de organização e soluções de problemas cotidianos. Segundo Farias (2002, p. 110), “no interior da escola se fazem acordos, negociações e se estabelecem regras próprias que regulamentam tanto seu funcionamento burocrático, como as concepções, crenças e valores das pessoas que fazem seu coletivo”.

O conceito de “*campo*” e “*habitus*”, aqui citado, estão baseados nos ideais de Bourdieu (2003 p.64), sob a definição de espaços de poder do conhecimento formal estabelecido sociamente e práticas advindas de estruturas exteriores, respectivamente.

Pharand e Bourdreault (2011) identificam que o trabalho colaborativo entre universidade e escola, também, contribui para o sucesso da orientação do professor supervisor ao estagiário, ampliando as ferramentas de auxílio no desenvolvimento profissional do estagiário.

#### **2.2.4. Professor supervisor: desinteresse ou carência de formação?**

Todos os participantes da escola devem colaborar e se sentir responsáveis pela formação do estagiário que recebe na unidade escolar, mas quem mais se destaca nessa importante função é o Professor Supervisor.

Entende-se nesta pesquisa que o Professor Supervisor (PS) é o professor da rede básica de ensino que orienta o estagiário no ambiente escolar e que o Professor Orientador (PO) é o professor da Universidade que orienta o estagiário na formação inicial.

Nesta pesquisa, o conceito de supervisão adotado é o de Ribeiro (2000), que entende supervisão como um auxílio atento a prática do iniciante, visando o seu desenvolvimento pessoal e profissional, utilizando seus conhecimentos já experimentados e construídos. Para o autor “supervisionar comporta a ideia de interajuda, de monitoração, de encorajamento para cada qual dê o seu melhor nas situações problemáticas com que se depara” (RIBEIRO, 2000, p.90).

Para Correa-Molina (2004), o professor supervisor deve ser formado e habilitado com competências específicas para interagir com o estagiário no ambiente escolar. A função principal do professor supervisor é promover uma maior aproximação do estagiário a sua futura realidade laboral e permitir, com isso, a ampliação dos conhecimentos oriundos da ação pedagógica.

Portelance (2008), acrescenta que o professor supervisor deve ter sempre atenção que ao aceitar o estagiário em suas aulas, ele se torna responsável por sua formação docente. O estagiário deve ver o seu supervisor como um guia e não como modelo a ser seguido sem reflexão constante, logo, o professor supervisor deve estimular no estagiário a construção de sua própria identidade docente. Entretanto, a autora salienta que nem sempre o professor supervisor compreende a sua real função na formação inicial do estagiário que recebe.

Para Sarti (2009), os “professores em exercício são chamados a desempenhar o papel de iniciadores de uma nova geração docente” (p.134)

A Lei do estágio nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, esclarece em seu parágrafo primeiro, do artigo 3º, a necessidade do estagiário possuir uma orientação advinda da universidade por seu “professor orientador” responsável pela atividade curricular estágio, e um “professor supervisor” na escola para continuar e ampliar as orientações na prática pedagógica.

“§ 1º O estágio, como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente, comprovado por vistos nos relatórios referidos no inciso IV do caput do art. 7º desta Lei e por menção de aprovação final.

O mesmo documento, no artigo 9º, pontua o perfil do professor supervisor que deve ser indicado pela escola para receber e acompanhar o estagiário. A escola deve “III – indicar funcionário de seu quadro de pessoal, com formação ou experiência profissional na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário, para orientar e supervisionar até 10 (dez) estagiários simultaneamente.” (p.4)

O parecer CNE/CP 9/2001, já pontuava a importância do estágio ser "como o momento de efetivar, sob supervisão de um profissional experiente, um processo de ensino-aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário” (p.11).

A atual legislação do estágio no Brasil estabelece a normatização de responsabilidades da universidade (cedente) e da escola (concedente), assim como, a sistematização de carga horária e concessão de seguros saúde, porém, fica ainda pouco esclarecido o verdadeiro papel do professor supervisor. De acordo com Souza Neto e Benites (2013,p.6) “deixou em aberto a formação do professor que recebe os estagiários”.

Para Benites (2012 p.47), o professor supervisor, chamado pela autora de “professor colaborador” ainda não possui uma terminologia própria, podendo ser

encontrado como tutor, mentor, associado, preceptor, participante, orientador, parceiro, enfim vários termos que muitas vezes querem dizer apenas que se trata do professor que recebe os estagiários, mas que trazem concepções a respeito desta função vendo-os como imprescindíveis para o momento do estágio.

É bastante frequente em pesquisas sobre estágio, o professor supervisor ser citado como parte problemática desse processo e receber críticas sobre seu perfil e orientação do estagiário. Muitos estagiários, também, fazem críticas ao professor que o recebe em suas aulas, pontuando seu desinteresse em acompanhar e aproveitar a presença do estagiário para realizar outras funções.

É importante ressaltar que o professor supervisor pode passar por problemas pessoais e profissionais que possam influenciar sua prática enquanto professor. Os problemas no cotidiano escolar são inúmeros: baixos salários, muitas horas de trabalho semanal, precariedade de materiais e condições de trabalho, falta de políticas de investimento para formação continuada ou ainda, estar em “momentos de arranque ou descontinuidades” na carreira profissional (HUBERMAN,1992, p.38). Todas essas questões podem desmotivar e influenciar a qualidade das aulas e as orientações prestadas pelo professor supervisor ao estagiário. Porém, isso se agrava ainda mais, quando o professor recebe formação apenas para ensinar em classes escolares, e não, para formar futuros professores.

O professor é formado pelas suas experiências práticas e culturais que definem suas atitudes, opiniões e escolhas no contexto escolar e sobre sua concepção de ser professor. E sem a devida preparação em sua formação, recebe estagiários em suas aulas com a missão de formar futuros colegas de trabalho.

Ao receber o estagiário sem a devida formação para tal função, o professor supervisor adota estratégias que julga serem as mais corretas, valendo-se de aprendizagem por erros e acertos, a qual o mestre transmite a prática do ofício aos seus discípulos. O professor supervisor, muitas vezes, entende a recepção de um estagiário em suas aulas como um favor prestado e, sem instrução adequada, exerce sua orientação baseada no senso comum.

Os autores Benites, Cyrino e Neto (2012) vêm se dedicando às pesquisas sobre o papel do professor colaborador (nesta pesquisa adotada o termo Professor Supervisor) e suas problemáticas:

Afinal quem é este professor-colaborador? Antes de tudo ele é um professor. Alguém que foi forjado pela sua constituição, que agrega saberes, competência e experiências relacionadas a um universo profissional e pessoal. Este professor-colaborador é formado para ensinar alunos da educação básica e recebe estagiários em situação de estágio obrigatório nas escolas, mas não recebe uma formação específica para se tornar um formador de professores (p.567).

Adotando mais uma vez o conceito de *habitus* de Bourdieu (2009), cada professor tem a sua identidade, valores e competências profissionais muito particulares, oriundos de sua história social e cultural. Suas percepções de mundo e vivências em determinados espaços o levam a definir sua linguagem, pensamentos e relações pessoais e profissionais. Com isso, o professor supervisor que não sabe qual a sua responsabilidade com o estagiário, atem-se mais ao âmbito do ensinar técnicas e macetes de aula a serem copiados, do que o de formar um professor reflexivo.

A legislação é clara sobre a regulamentação do estágio nas universidades e nas escolas, esclarecendo diversas questões documentais e processuais, mas não pontua como esse professor supervisor receberá a adequada formação continuada das universidades ou secretarias de ensino

para acolher, verdadeiramente, o estagiário em suas aulas. De acordo com Souza Neto e Benites a legislação do estágio não contempla a formação do professor que orienta estagiários em suas aulas.

### **2.3. Acolhimento no Estágio Curricular Supervisionado**

De acordo com o Parecer CNE/CP 28/2001 (BRASIL, 2001c), a escola é considerada uma “instituição acolhedora” e a universidade uma “instituição formadora”. A essa função de acolher o estagiário, estão envolvidos todos os participantes da escola, em especial, o professor supervisor que deve acolher o estagiário em suas aulas e em seu cotidiano escolar.

A ideia de acolhimento amplia e vai além do conceito de receber o estagiário na escola, significando um trabalho preocupado com a formação de qualidade do estagiário. Desse modo, o acolhimento se define como uma forma especial de receber o estagiário na escola, que considera sua história, formação e o faz se sentir parte do dia a dia escolar.

Para fins de esclarecimento, nesta pesquisa utiliza-se o conceito de “recepção” adotado por Araújo (2014), sendo a condição mais inicial e simples do processo de chegada do estagiário ao ambiente escolar. É a autorização para entrada e permanência no espaço físico escolar para fins de observação das aulas ou possíveis intervenções práticas nas aulas sem a devida orientação do professor supervisor. Logo, o estagiário resigna-se a cumprir a carga horária exigida pela legislação e se coloca de forma passiva ao professor supervisor, que por sua vez, assume uma posição neutra, sem qualquer relação ou demonstração de interesse pela formação do estagiário.

Já a definição de “acolhimento” (Araújo, 2014) se trata de uma ação mais específica do professor supervisor com seu estagiário, estabelecendo uma relação mais próxima e interessada. É fornecida a autorização ao estagiário a participar das aulas de forma mais abrangente e especial, superando apenas a observação passiva. No acolhimento pressupõem-se um maior envolvimento entre professor supervisor e estagiário, havendo interferência e interação nas decisões e situações nas aulas e fora delas.

Na relação de acolhimento, ao estagiário é oportunizada uma maior preocupação e atenção a qualidade de sua formação inicial e ao professor supervisor uma nova oportunidade de formação e reflexão de sua prática pedagógica.

#### **2.3.1. Modalidades de Acolhimento**

Mesmo ainda não existindo um modelo de formação oficial de professores supervisores, muitos professores recebem estagiários em suas escolas e adotam um perfil e atitudes que

culturalmente entende ser o adequado para a formação do futuro professor, e essas ações se identificam com alguns modelos de formação existentes no campo educacional.

Para definir estas ações de acolhimento, a presente pesquisa adotará os conceitos de modelos de formação explicitados por Araújo (2004) em sua dissertação de mestrado pesquisada no campo da Pedagogia. Com isso, serão considerados aqui o modelo pedagógico da modernidade (CARVALHO, 2000) e o modelo pedagógico da contemporaneidade (BUENO e SOUZA, 2012).

É importante acrescentar que esta pesquisa não exclui a possibilidade de haver outros modelos de acolhimento ao estagiário no ambiente escolar e ressalta a relevância de avanços nesta temática no contexto da educação e da Educação Física.

O modelo pedagógico da ‘modernidade’ (CARVALHO, 2000), considera o conceito da “visibilidade” de práticas pedagógicas, julgadas a partir de bons modelos ou exemplos a serem reproduzidos, para que possam ser copiadas futuramente.

O modelo pedagógico da ‘contemporaneidade’ (BUENO e SOUZA, 2012), destaca o conceito da ‘invisibilidade’, que “do ponto de vista pedagógico, a invisibilidade se manifesta por um conjunto de práticas que levam os docentes a buscar as referências modelares neles mesmos [...]” (p.166).

Com base nesses modelos pedagógicos, Araújo (2004, p.153) caracteriza o modo de acolher o estagiário nas escolas, sendo: “um modo de acolhimento modelar, realizado em uma relação de mestrança, e o acolhimento formativo”. A autora acrescenta existir muitos pontos de semelhanças entre os dois modelos de acolhimento e que nenhum professor realiza totalmente um modelo de acolhimento, porém se diferenciarão ao considerar o interesse e as intenções dos professores supervisores na orientação do estagiário em sua classe.

### **2.3.2. Acolhimento Modelar e as Relações de “Mestrança”**

De acordo com Araújo (2004), esse modelo de acolhimento modelar tem origem nas Escolas da Idade Média, nas quais os aprendizes acompanhavam por longos períodos seus mestres em suas oficinas com a intenção de aprender os segredos dos mestres. O acolhimento modelar está relacionado ao modelo pedagógico da modernidade (CARVALHO, 2000), pois considera o conceito da visibilidade e a referência exemplar está no professor supervisor, ou seja, no processo de observação do exemplo, o estagiário constrói referências para a sua futura prática pedagógica.

No modelo de acolhimento modelar o professor supervisor se utiliza do diálogo com o estagiário como meio de interação, porém seu objetivo é de “transmissão de um modelo de atuação docente, o qual ele mesmo é assumido como representante” (ARAÚJO, 2004, p.153). Essa relação estabelecida entre o professor supervisor e o estagiário é denominada de “mestrança”.

Esses momentos de diálogo são oportunizados pelo professor supervisor com a intenção de avaliar as atividades de intervenção realizadas pelo estagiário, corrigir possíveis erros e estabelecer as práticas pedagógicas modelares a serem seguidas.

O professor supervisor assume um papel de “mestre de ofício”, com ações de transmissão da arte de ser professor para o estagiário, e espera que ele o imite como um “aprendiz de ofício” (ARAÚJO, 2004, p.153). O ponto em destaque a ser avaliado pelo professor supervisor é o resultado da prática nas aulas, ou seja, se o estagiário aprendeu e realizou bem as técnicas ensinadas.

O processo de ensino aprendizagem do estagiário está pautado na execução das tarefas anteriormente observadas nas aulas do professor supervisor e, repetidas vezes, imitadas como forma de modelos.

Nesse modelo de acolhimento, o professor supervisor espera o interesse do estagiário em procurá-lo para dispor de um tempo a mais para orientação que precise. Para um estágio produtivo, é de responsabilidade do estagiário demonstrar intenção em acompanhar e aprender os saberes que o professor supervisor detém e pode oferecer.

### **2.3.3. Acolhimento Formativo**

No modelo de acolhimento formativo, o professor supervisor também se utiliza do diálogo como ferramenta de interação com o estagiário, porém o enfatiza quando reserva esse tempo nos seus horários complementares, de planejamento e durante as aulas, integrando o estagiário ao contexto da escola.

Esse posicionamento de amplos espaços de diálogo, dentro e fora dos momentos de aula, com o estagiário é uma escolha intencional do professor supervisor, por acreditar que dessa forma irá aproximar o estagiário da realidade do futuro ambiente de trabalho.

Esses momentos de diálogo e interação entre estagiário e professor supervisor são importantes devido ao contexto complexo do ambiente escolar. O cotidiano escolar é muito diverso e recebe influência direta do momento histórico-social das pessoas que compõem a unidade escolar, assim como, suas diferenças culturais, conflitos sociais e perspectivas individuais. Além de oportunizar ao estagiário momentos de expor suas expectativas e anseios sobre essa nova fase profissional, o estagiário também poderá refletir sobre as práticas pedagógicas realizadas e planejar outras adequadas ao contexto escolar.

Para Araújo (2004), esse modelo de acolhimento é entendido como formativo por demonstrar a preocupação em participar e orientar o estagiário sobre todas as demandas profissionais inerentes a profissão docente, ainda na fase da formação inicial.

O perfil envolvido e participativo do professor supervisor na formação profissional do estagiário está relacionado ao modelo pedagógico da contemporaneidade, que destaca a invisibilidade como ponto importante no acolhimento (BUENO e SOUZA, 2012), por estimular a reflexão nas próprias práticas como fontes de referências e não em outras pessoas como modelo.

O modelo formativo entende ser fundamental o professor supervisor ter interesse pelo processo formativo, acolher e interagir com o estagiário, de forma a favorecer o potencial do futuro docente.

Espera-se que, “no âmbito desse trabalho formativo articulado com a universidade, os professores partilhem com os estudantes impressões, pensamentos, saberes, dúvidas e práticas ligadas à docência cotidiana e os recebam como colegas de ofício.” (SARTI, 2009, p.136)

Com isso, de acordo com Araújo (2004), a disponibilidade do professor supervisor em acolher o estagiário com seus questionamentos e ansiedades naturais do período inicial de contato com a cultura docente está relacionada ao conceito da socialização profissional, pois compreende a ideia de acolhimento no ato de inserir o estagiário na cultura de ser professor.

#### **2.4. Socialização Profissional na Formação Inicial**

De acordo com Dubar (2005), a socialização profissional é uma relação dialética do iniciante com a cultura e as construções históricas sociais de uma profissão pretendida. Nessa interação, o sujeito passa a fazer parte do convívio profissional, assim como, hábitos comportamentos e valores específicos de cada profissão, que favorecerá a construção da sua identidade profissional.

Essa pesquisa entende o termo “profissão” sob a ótica da Teoria da Socialização Profissional Interacionista, enunciada por Everett Hughes e os sociólogos interacionistas de Chicago (HOWARD BECKER, ANSELM STRAUSS, ELLIOT FREIDSON, ANDREW ABBOTT, etc.), que critica a tese funcionalista (WILENSKY, 1964) ao entender “profissões”, as beneficiadas legalmente e com associações que detém o monopólio de sua formação e certificação (a exemplo de médicos, advogados, engenheiros, arquitetos, etc.).

A ideia da profissionalização, entendida pelos interacionistas, é um processo de todas as profissões, e não de algumas profissões entendidas como especiais, considerando que todo trabalhador deseja o reconhecimento legal de sua “ocupação” e tem a possibilidade de se organizar para se tornar “profissão” (ABBOTT, 1988).

Nesta pesquisa, o trabalho de professor é entendido como profissão docente no que tange à origem dos saberes docentes construídos ao longo da formação inicial em licenciatura e os saberes experienciais da prática pedagógica e da interação com seus pares de profissão no contexto escolar.

Para Dubar (1995), esses saberes específicos de cada profissão são os conhecimentos fundamentais que devem ser trabalhados nas instituições superiores de ensino e necessários à certificação. Logo, a formação advinda do período de estágio curricular supervisionado está composta por saberes específicos da prática profissional e uma epistemologia da prática profissional docente (TARDIF, 2002). Com isso, a prática pedagógica também deve ser considerada fonte de conhecimento para a construção de saberes do professor.

Muito vem se discutindo sobre a importância da escola no processo formativo do futuro professor, sendo um espaço de construção de saberes experienciais. Na formação inicial, o graduando precisa cumprir um mínimo de horas vivendo o chão da escola e convivendo com os agentes da educação que lá trabalham para a sua construção do “ser professor”. O período do estágio curricular supervisionado é um desses momentos, em que o graduando tem oportunidades de observar e interagir com todas as situações inerentes a profissão de professor em um cotidiano escolar: momentos de aula, reunião de responsáveis, conselho de classe, interação com outros professores e funcionários, entre outras situações. Para Nunes (2002), o processo de socialização do futuro professor está vinculado à cultura escolar e às condições de trabalho na escola – características dos alunos, estrutura material, condutas individualistas ou cooperativistas dos professores na orientação do estagiário.

É importante ressaltar que o graduando não é uma tabula rasa de conhecimentos sobre a escola e suas dinâmicas. Todas as suas experiências pregressas como aluno da educação básica e influências familiares são significantes para construção da sua identidade profissional docente. Deve ser oportunizado ao estagiário o rompimento com práticas tradicionais, que o fazem reproduzir um saber prático sem fundamentação de conceitos teóricos. Muitos professores têm suas atividades docentes apoiadas em situações experimentadas ao longo de sua jornada de formação, sendo fruto da socialização antecipatória. Logo, a socialização antecipatória é o processo em que o sujeito “aprende e interioriza os valores de um grupo (de referência) ao qual deseja pertencer” (DUBAR, 2005, p. 67)

Para CARVALHO (1996), a socialização antecipatória exerce uma grande influência na escolha pela profissão, atitudes, decisões e construção da identidade profissional. As representações sociais aprendidas ao longo da vida (profissional e pessoal) podem ser utilizadas pelo graduando se relacionando com seus ideais, filosofias e modelos de ensino vividos.

O acolhimento preocupado com a formação ampla do estagiário no ambiente escolar está relacionado ao conceito da socialização profissional, pois é oportunizado ao futuro professor vivenciar questões pedagógicas diversas inerentes a docência. (SARTI, 2009)

No processo de socialização profissional, o futuro professor interage com demandas específicas da profissão escolhida e adquire conhecimentos que vão muito além de técnicas e instruções. Comportamentos, hábitos, linguagem e posicionamento sociais, também, são aprendidos nesses momentos de partilha do cotidiano, a cultura histórico-social estabelecida pela profissão pretendida.

[...] os saberes do professor dependem intimamente das condições sociais e históricas nas quais ele exerce seu ofício, e mais concretamente das condições que estruturam seu próprio trabalho num lugar social determinado. Nesse sentido, para nós, a questão dos saberes está intimamente ligada à questão do trabalho docente no ambiente escolar, à sua organização, à sua diferenciação, à sua especialização, aos condicionantes objetivos e subjetivos com os quais os professores têm que lidar etc. Ela também está ligada a todo o contexto social no qual a profissão docente está inserida e que determina, de diversas maneiras, os saberes exigidos e adquiridos no exercício da profissão (TARDIF, 2002, p.217-218).

Para Freitas (2011, p.11), esse “processo de incorporação de um vocabulário e de condutas características de um grupo profissional produz atores com diferentes formas identitárias, com representações ativas sobre um campo social”.

Com isso, a importância de ser oportunizado ao estagiário momentos de vivência, exploração e aproximação da realidade escolar, para Larossa (2002) caracteriza essa experiência contrapondo-a a meros acontecimentos mantidos exógenos, pois esta nos afeta e nos preenche. Ou seja, as experiências vividas no estágio supervisionado devem ir além do campo de uma simples observação distante das questões sociais escolares. O autor ainda acrescenta sobre a importância de socializar o estagiário no ambiente escolar, rompendo a ideia do professor supervisor apenas transmitir técnicas e conteúdos, em um modelo de “mestrança”, pois “a informação não é experiência” (p.21).

Mizukami (2006), apoiada nas ideias de Shulman (1996), esclarece que o processo de aprendizagem da profissão baseado no conceito da experiência, possibilita uma formação docente mais reflexiva das próprias ações pedagógicas.

De acordo com Carvalho (1996), o processo de socialização de professores deve ser entendido como uma construção dialética da cultura profissional com os personagens ativos envolvidos ao longo de toda a formação profissional do graduando. Muitos fatores podem influenciar esse processo de socialização no grupo profissional, como questões institucionais, econômicas, políticas, culturais (NUNES, 2002).

Para o exercício da profissão, os contextos e agentes de socialização são muito importantes para o processo de socialização profissional (NUNES, 2002): (a) os professores (pares), em um apoio conceitual, metodológico e emocional do iniciante com professores mais experientes; (b) gestores escolares, na permissão ao acesso do estagiário no ambiente escolar e ao oportunizar o

desenvolvimento de projetos escolares; (c) políticas educacionais nas organizações e sistematização dos processos pedagógicos; (d) administração em três dimensões da carreira do professor: baixos salários, programas de formação continuada e dinâmica de lotação para o trabalho; (e) natureza dos relacionamentos com os alunos.

O período do estágio curricular supervisionado, baseado na aprendizagem dos saberes docentes por meio do processo de socialização profissional, aproxima o estagiário de forma integral ao contexto escolar, pois ao vivenciar esse ambiente complexo e distinto da escola, o futuro professor se torna crítico e reflexivo das próprias escolhas e atitudes.

## CAPÍTULO III

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1. Modelo de estudo

Com o objetivo de levantar indicadores de acolhimento ao estagiário de Educação Física realizados nas escolas durante o desenvolvimento da atividade de Estágio Curricular Supervisionado e compreender as concepções dos atores envolvidos nesse processo, iniciou-se uma revisão de literatura. A revisão permitiu identificar como as temáticas sobre o estágio vêm sendo discutidas e publicadas por pesquisas realizadas na área educacional e da formação de professores na Educação Básica.

Esse estudo adotou o método qualitativo, documental, do tipo estudo de casos, recorrendo a procedimentos do modelo analítico descritivo. A pesquisa qualitativa busca um entendimento do objeto investigado em seus diversos aspectos e defende “uma visão holística dos fenômenos, isto é, leva em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas” (ANDRÉ, 2012, p. 17). Essa pesquisa também foi interpretativa, pois se utilizou dos conceitos de reconhecimento básico dos meios interpretativos e cognitivos característicos da vida social.

No que tange os objetivos, esta pesquisa se apresenta em caráter descritivo, pois buscou descrever características da interação no período de estágio supervisionado de duas duplas (professor supervisor e estagiário) em escolas distintas e suas demandas cotidianas envolvidas, a partir de coleta de dados feita pela observação *in loco* da pesquisadora, sem qualquer interferência da mesma (GIL, 2008).

No que tange os procedimentos técnicos escolhidos, esta pesquisa se apresenta como documental, pois busca caracterizar estudos a partir de fontes documentais, podendo ser contemporânea ou histórica, sem a exigência de já terem sido analisados anteriormente de forma analítica ou podem receber novas interpretações dependendo do objeto de pesquisa. O presente trabalho analisou o documento obrigatório e institucional (Relatório Final do Estágio) produzido pelos estagiários ao final do período letivo de estudo. Essa pesquisa se caracteriza como estudo de campo, pois buscou um maior conhecimento e aprofundamento da realidade dos participantes, por meio de observação direta das atividades, interações e problemáticas no ambiente escolar, e entrevistas, com as duplas (professor supervisor e estagiário), para maior compreensão dos discursos e interpretações das situações vivenciadas. E como estudo de casos, buscou se aprofundar de forma mais intensa e exaustiva nos dados oriundos das duas duplas profissionais

participantes desta pesquisa (professor supervisor e estagiário) para um estudo maior e detalhado (GIL, 2008).

### 3.2. Participantes

Participaram desta pesquisa dois Professores Supervisores da rede básica de ensino e dois Estagiários alunos do curso de Licenciatura em Educação Física da Instituição de Ensino Superior (IES) pesquisada, situada na baixada fluminense do Rio de Janeiro, devidamente matriculados na atividade de estágio, organizados em duas duplas de orientação, ou seja, Estagiário 1 + Supervisor 1; Estagiário 2 + Supervisor 2.

A seleção das escolas públicas participantes se deu pelo destaque positivo que ambas têm no município pesquisado da baixada fluminense. Uma unidade escolar faz parte do complexo da Instituição de Ensino Superior (IES) pesquisada e nesta pesquisa será nomeada com **Escola A** e a outra localizada em endereço próximo, possui conceito denominado pela prefeitura local como “escola modelo” e nesta pesquisa será nomeada de **Escola B**. Os professores da rede básica de ensino, assim como seus estagiários, foram selecionados a partir de alguns critérios descritos no próximo tópico. Para facilitar o entendimento e manter o sigilo da identidade dos participantes, o professor da Escola A será nomeado ficticiamente de Alan e sua estagiária de Alice e a professora da Escola B de Bernardete e seu estagiário de Bruno.

Importante destacar que todos os participantes foram consultados e esclarecidos, pessoalmente, sobre os objetivos da pesquisa e os instrumentos que seriam utilizados, principalmente sobre a observação *in loco* ao logo do período de estágio. Foi esclarecido, também, que a intenção das observações e notas de campo não eram de avaliação ou fiscalização institucional da universidade ao estagiário ou ao professor supervisor e que as visitas seriam todas agendadas e acordadas por todos com a devida antecedência.

Quanto ao posicionamento da pesquisadora nos momentos de observação *in loco*, esteve sempre no mesmo ambiente (quadra, sala de aula, corredores, sala da direção, etc.) das duplas em suas funções de labor, em distância na qual era possível ouvir todas as interações e falas, sem atrapalhar no cotidiano das aulas. Essa localização geográfica proposta pela pesquisadora foi acordada pelas professoras supervisoras, sem qualquer prejuízo para a dinâmica das aulas e para a coleta da pesquisa.

#### 3.2.1. Critérios de inclusão

- Professor Supervisor:

- cargo efetivo na rede básica pública de ensino do estado do Rio de Janeiro;

- possuir estagiário sob sua supervisão nas aulas durante o período de pesquisa;
- demonstrar disposição em participar da pesquisa; e,
- concordar em participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

- Estagiário:

- ser aluno(a) do curso de Licenciatura em Educação Física da IFES investigada;
- estar matriculado(a) na atividade de Estágio Curricular Supervisionado, realizando-a no âmbito escolar;
- realizar o estágio supervisionado com um dos professores supervisores selecionados;
- ter realizado a atividade de estágio curricular supervisionado de Educação Física anteriormente;
- estar frequentando regularmente as reuniões de orientação do estágio; e,
- concordar em participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### **3.2.2. Critérios de exclusão**

-Professor Supervisor:

- professores supervisores com vínculo empregatício por contrato;
- professores supervisores que não tenham estagiários durante o período da coleta desta pesquisa; e,
- professores supervisores e estagiários que não concordarem em participar desta pesquisa e/ou não assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);

- Estagiário:

- estagiários de outro curso de licenciatura e/ou de outra Instituição de Ensino Superior;
- estagiários que estão realizando a primeira atividade de estágio curricular supervisionado de Educação Física;
- estagiários que não estiverem realizando estágio em ambiente escolar; e,

- estagiários que não concordarem em participar desta pesquisa e/ou não assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);

### **3.2.3. Contexto da Pesquisa**

Esta pesquisa é fruto de um objeto de estudos do Grupo de Pesquisa em Pedagogia da Educação Física e Esporte (GPPEFE) da IFES investigada, na linha Formação Docente – eixo Estágio Supervisionado. Sob essa temática se debruçam diversos pesquisadores em prol de avanços na área acadêmica sobre essa importante etapa da formação inicial – Estágio Curricular Supervisionado.

É importante ressaltar que o GPPEFE trabalha em parceria com a Comissão de Estágio do curso de Educação Física desta IFES e tem o apoio colaborativo de pesquisadores da temática estágio na composição de seu quadro de Professores Orientadores Mediadores. Ou seja, os graduandos têm a oportunidade de desenvolver seus estágios com a orientação na universidade de professores pesquisadores na área.

Além disso, alguns desses professores orientadores mediadores são professores efetivos do da Educação Básica de diversas redes públicas de ensino. O que proporciona aos estagiários uma grande troca de experiências e informações nos encontros para orientação na universidade, minimizando a distância entre a universidade e a escola, muito comentada pela literatura atual de estágio supervisionado.

Esses encontros para orientação na universidade são organizados pela Comissão de Estágio, em parceria com GPPEFE, e ocorrem uma vez por mês, aos sábados de forma previamente agendada e avisada a todos os envolvidos, e constam de forma oficial na grade de disciplinas dos graduandos. Os encontros são de quatro dias ao longo do semestre, com duração de 4h cada dia, não contabilizando para a carga horária total do estágio.

O licenciando, a partir do 5º período do curso de Educação Física pode se matricular nas atividades de estágio e cumprir a carga horária total atual exigida por lei de 400h, podendo no máximo duas atividades de estágio por período letivo (sendo limitado a 6h diárias e 30h semanais). Os graduandos devidamente matriculados na atividade de estágio supervisionado (Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio ou Ensino Informal) devem frequentar os encontros com regularidade e seriedade, sendo a frequência um dos critérios de classificação como APTO ou INAPTO ao final do período.

Os estagiários matriculados também recebem previamente da Comissão de Estágio, disponibilizados pelos Professores Orientadores Mediadores, o mínimo de três textos acadêmicos que podem versar sobre a realidade do contexto escolar, formação docente, estágio

supervisionado, entre outros. Sempre pensados para aproximar a literatura da prática pedagógica do estagiário e mediar às discussões e reflexões feitas nos encontros de orientação. Nos encontros, os estagiários têm a oportunidade refletir sobre as demandas da escola atual, suas inquietações e, em rodas de conversa, construir conhecimento com todos os presentes, a partir de trocas de experiências e estudos científicos.

Ao final do período letivo desta IFES investigada, o estagiário apto nas frequências exigidas, deve produzir um documento institucional obrigatório, chamado Relatório Final de Estágio, e fazer a entrega escrita e a apresentação oral do documento. Esse Relatório Final de Estágio deve conter informações de reflexão das mediações dos textos disponibilizados com a prática pedagógica que vivenciou, a contextualização do ambiente escolar de estágio (estrutura física, pessoal e realidade social inserida), relato sobre sua experiência pedagógica (oportunidades de intervenção prática e percepções desses momentos), relatos sobre sua socialização profissional (em especial com o professor supervisor que o recebeu) e sugestões e/ou recomendações para Comissão de Estágio. Com isso, esse documento é bastante rico em informações importantes sobre todo o contexto do estágio supervisionado e oportuniza ao estagiário mais um momento de reflexão da experiência pedagógica.

O Relatório Final de Estágio é analisado pelos Professores Orientadores Mediadores que o acompanharam ao longo do semestre e, cumprindo as exigências de entrega do documento, são autorizados para apresentação oral do relatório em um evento acadêmico organizado pela Comissão de Estágio, em parceria com GPPEFE. O estagiário deve se inscrever no evento de forma gratuita, a fim de receber sua certificação ao final do evento, e pode escolher o modelo de apresentação do seu interesse- pôster ou apresentação oral. O evento proporciona ao aluno, além de participar de um evento acadêmico, a oportunidade de mais uma vez poder refletir sobre seu estágio com os professores orientadores mediadores, outros graduandos e audiência interessada na temática.

Apesar de um grande avanço em prol do estágio supervisionado e a formação inicial nesta IFES investigada, ainda são presentes algumas problemáticas que motivam outros pesquisadores a continuar pesquisando essa área de estudo. A maior interação da universidade com as escolas e professores supervisores que recebem os estagiários ainda carece de atenção, assim como, de proporcionar uma maior formação aos professores supervisores sobre o estágio supervisionado.

Com objetivo de desenvolver possibilidades para algumas problemática do ECS, a IFES pesquisada junto ao GPPEFE, está em andamento com o curso de pós-graduação em Supervisão de Estágio, fruto do desenvolvimento do projeto de estágio e formação continuada de professores.

Os professores supervisores participantes desta pesquisa, Alan e a Bernardete, recebem estagiários desta IFES investigada com frequência, o que de forma intencional, foi importante para seleção desses professores para pesquisa.

As seleções de participantes, organizações de instrumentos/ procedimentos e análise dos dados coletados foram feitos pela pesquisadora e outros membros pesquisadores desse projeto ampliado do GPPEFE.

### **3.3. Instrumentos Utilizados e seus Procedimentos**

Com o objetivo de coletar dados em campo para responder as questões dessa pesquisa, utilizou-se como instrumentos: entrevistas do tipo semi-estruturada (inicial e final), observações *in loco* com notas de campo e o documento institucional Relatório Final de Estágio.

A coleta de dados ocorreu no período de dois meses de duração e em cada unidade escolar e foi realizada em dias distintos. Na Escola A foram realizadas oito dias de visita, do período de 13h às 15:30h (terças-feiras), totalizando 20 horas de observação. Na Escola B foram realizadas cinco dias de visita, do período de 12h às 17h (quintas-feiras), totalizando 25h.

Esses dias e horários foram estabelecidos pelos professores supervisores e seus estagiários, sem qualquer interferência da pesquisadora na escolha dos mesmos.

A coleta de dados era realizada nas escolas e apenas com a presença do professor supervisor e seu estagiário reunidos, ou seja, em caso de ausência de um desses, a coleta era desmarcada. Logo, eram feitos sempre contatos telefônicos prévios nos dias agendados para coleta, na intenção de se certificar que ambos estariam presentes na escola na data pretendida. Devido a justificativas de demandas particulares do professor supervisor e/ou do estagiário, alguns dias de coletas foram prejudicados por conta de ausência de um dos membros da dupla pesquisada.

Importante ressaltar que a pesquisa foi iniciada com o período letivo da IFES investigada já tendo início, devido algumas demandas de ajustes de horário da pesquisadora, porém não houve qualquer prejuízo para a pesquisa, pois os dados da fase inicial foram coletados na Entrevista Inicial e ratificados nos outros instrumentos, seguindo os procedimentos pré-estabelecidos.

#### **3.3.1 Entrevistas Semi-Estruturadas**

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas de forma individual, uma no início e outra ao final do período de dois meses de estágio, com os dois professores supervisores e dois estagiários, selecionados conforme critérios já mencionados anteriormente, sendo conduzida de forma intencional “[...] uma vez que se insere como meio de coleta de fatos relatados pelos atores,

enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada [...]” (CRUZ NETO, 2002, p.57). A entrevista semiestruturada visa

[...] garantir um determinado rol de informações importantes ao estudo e, [...] dar maior flexibilidade à entrevista, proporcionando mais liberdade para o entrevistado aportar aspectos que segundo sua ótica sejam relevantes em se tratando de determinadas temáticas.” (NEGRINE, 2004, p.75).

A entrevista semi-estruturada foi desenvolvida respeitando a realidade que é dinâmica e o encaminhamento dado pelo entrevistado, sujeita a imprevistos (TURA, 2003), por isso as entrevistas realizadas foram de “natureza compreensiva” (ZAGO, 2003, p.295), mesmo contando com um guia de roteiro pré-estabelecido a fim de possibilitar a condução da mesma e a emergência de dados necessários para o desenvolvimento e análise na pesquisa em questão.

A entrevista inicial realizada no início do período do estágio supervisionado com os dois professores supervisores, Alan e Bernardete, teve como foco conhecer a trajetória de formação, as concepções do professor supervisor frente ao conceito do estágio supervisionado e sobre o seu papel nessa etapa de formação e sua organização diária pretendida no acolhimento e orientação do estagiário. A entrevista inicial também visou conhecer as perspectivas do professor supervisor com o estágio se iniciando, suas expectativas e objetivos para esse período, já que não possui formação específica para desenvolver esse trabalho.

A entrevista inicial realizada com os dois respectivos estagiários, Alice e Bruno, teve como objetivo saber mais informações do início dessa etapa de formação do estagiário, as crenças sobre a profissão pretendida, suas expectativas e percepções sobre a dinâmica do estágio supervisionado.

A entrevista final com os professores supervisores entrevistados, realizada ao final do período de estágio supervisionado, teve como objetivo entender as relações construídas entre o professor e estagiário, as concepções do professor supervisor sobre como ocorreu todo o processo de acolhimento e orientação do estagiário, seu papel ao longo da experiência vivenciada e suas intenções sobre as atitudes e escolhas realizadas no período de estágio.

A entrevista final com os estagiários teve como objetivo entender as relações construídas entre o professor e estagiário, identificar as percepções do estagiário sobre o acolhimento que recebeu do professor supervisor, no que versa a recepção, oportunidades de prática, ocasiões de socialização profissional, momento de orientação e conhecimentos construídos.

As entrevistas com todos os participantes foram realizadas de forma agendada, programada e acordada com a pesquisadora, de forma a não atrapalhar a dinâmica das aulas ou de afazeres particulares dos participantes.

### 3.3.2 Observações

Para ampliar a coleta de dados para essa pesquisa, além das entrevistas, períodos de observações *in loco* foram realizadas com o objetivo de presenciar os momentos de relação entre o professor supervisor e seu estagiário e vivenciar as demandas cotidianas da escola. A observação foi realizada no ambiente escolar em momentos que a atividade de estágio curricular supervisionado estivesse sendo realizada pelas duplas participantes dentro ou fora de situação de aula. Nesses momentos de observação, as notas de campo eram realizadas como ferramentas de registros dos acontecimentos presenciados e de falas importantes dos participantes. Nessas notas de campo foram registrados as datas, horários e a sequência de acontecimentos do dia observado, como as interações entre o professor supervisor e o estagiário, problemáticas ocorridas e dinâmicas das aulas, de forma literal sem análise qualquer do observador.

Após os dias de observação, informações e impressões da pesquisadora sobre o dia observado eram acrescentados nas notas de campo com a intenção de aprofundar as reflexões dos dados coletados. De acordo com Rockwell (2009), as notas de campo são transcritas logo após a observação e ficam mais robustas com o avançar dos registros coletados em campo.

Para Tura (2003), “a observação possibilita não só o acúmulo de dados como o descortinar de novos direcionamentos, novas focalizações e acertos de rota” (p. 191).

### 3.3.3 Documento Institucional – Relatório Final de Estágio

Além da participação nos encontros mensais de orientação na universidade, ao final do período letivo desta IFES investigada, a Comissão de Estágio do curso de Educação Física estabelece como obrigatória a entrega e apresentação do documento Relatório Final de Estágio no evento acadêmico de estágio, pelo estagiário. Nesse Relatório de Estágio, o estagiário articula sua prática pedagógica a literaturas atuais sobre as demandas da escola e do estágio, contextualiza o ambiente onde ocorreu o estágio, caracteriza os profissionais que interagiram com ele no período de estágio, em especial o professor supervisor e relata todas as suas impressões e percepções sobre os momentos de vivência do estágio dentro da escola e na universidade. No Relatório de Estágio, o estagiário tem liberdade de fazer críticas e sugestões sobre todo o processo de estágio, assim como reflexões importantes sobre as situações experienciadas de forma escrita, para ser entregue à Comissão de Estágio, e de forma oralizada, no formato de pôster ou apresentação oral para professores orientadores mediadores, outros graduandos e audiência interessada (evento público e gratuito).

Para fins de maior rigor nas análises dos dados, foram utilizados também como instrumentos os Relatórios Finais de Estágio de Alice e Bruno, no formato impresso e de

apresentação oral. Nesses relatórios, foram analisados a conformação do estágio realizado, assim como, a percepção do estagiário sobre esse período. Os documentos citados foram acessados pela pesquisadora por ser Professora Orientadora Mediadora nesta IFES investigada, trabalhando de forma colaborativa junto à Comissão de Estágio.

Com a intenção de um maior esclarecimento sobre os instrumentos escolhidos para a realização desta pesquisa, segue abaixo um quadro explicativo resumido sobre os instrumentos e suas descrições.

### Quadro 1 – Instrumentos e Procedimentos

Instrumentos	Objetivo	Descrição
Entrevistas com professores supervisores (Inicial e Final)	Conhecer as concepções, perspectivas e organização do professor supervisor no início do estágio e como se desenvolveu, ao final, a supervisão na perspectiva do professor supervisor.	Entrevista no início do estágio, com objetivo de identificar as concepções e organização do professor supervisor e ao final do período do estágio, o professor será entrevistado com vistas a conhecer como ocorreu a supervisão em seus aspectos principais sobre o acolhimento.
Entrevista aos estagiários (Inicial e Final)	Conhecer como se deu a chegada do estagiário à escola e conhecer como se desenvolveu a supervisão na perspectiva do aluno-estagiário (ao final).	Entrevista a ser realizada no início e ao final do processo de estágio, com o objetivo de conhecer como se deu o estágio em seus aspectos principais de acolhimento.
Observações (notas de campo)	Observar <i>in loco</i> a dinâmica e interação do estagiário e seu professor supervisor e o desenvolvendo do processo de acolhimento do estagiário na escola.	Constará de <i>check-lists</i> com aspectos a se observar qualitativamente, mediante observação sistemática de acompanhamento <i>in loco</i> .
Relatório Final de Estágio	Conhecer as perspectivas do estagiário sobre todo o período de estágio que vivenciou.	O relatório será entregue ao final do período de forma escrita e oral para Comissão de Estágio no evento acadêmico de estágio.

Fonte: A autora

### 3.4. Procedimentos da Pesquisa

Inicialmente, foi adotado um estudo piloto com sujeitos que não faziam parte do estudo, mas que tinham similaridades com os sujeitos que foram selecionados sob os critérios. O objetivo desta fase era verificar se as etapas e os instrumentos escolhidos estavam de acordo com as

finalidades e questões dessa pesquisa, para minimizar possíveis equívocos na manipulação do método proposto para este estudo.

Após isso, foram selecionados os sujeitos que atendiam aos critérios de inclusão e exclusão escolhidos para compor os participantes desse estudo. Esta seleção foi realizada por um levantamento dos professores supervisores já cadastrados nas atividades de estágio curricular supervisionado da IES investigada e dos estagiários devidamente matriculados nas atividades de estágio com frequência regular aos encontros de orientação na universidade.

Em seguida, os sujeitos foram convidados a participar da pesquisa e esclarecidos sobre a temática, objetivos desse estudo e as informações contidas no TCLE, sendo solicitados que o assinassem caso concordassem em participar da pesquisa.

Após as verificações e consentimentos, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com o professor supervisor, no início das atividades supervisionadas, com o objetivo de conhecer como o professor se organiza e pensa sobre o momento do acolhimento ao estagiário na escola. Da mesma forma, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com o estagiário de Educação Física sobre o momento de sua chegada à escola, ou seja, sobre como foi recepcionado no ambiente escolar pelo Professor Supervisor ou direção da escola e suas expectativas sobre o estágio supervisionado que estava se iniciando. O conteúdo dessas entrevistas foi transcrito e analiticamente sistematizados e categorizados, de modo a permitir inferências e interpretações acerca da concepção e percepção do professor supervisor e do estagiário sobre o momento do acolhimento.

Foram realizadas, também, observações (notas de campo) das aulas com visitas da pesquisadora, com o objetivo de observar as interações e momentos de acolhimento do estagiário pelo professor supervisor ao longo do período de estágio. Nessas notas de campo foram descritas algumas interações do professor supervisor e o estagiário de forma literal, sem qualquer tipo de interpretação ou análise da pesquisadora, porém após a coleta, foram acrescentadas informações e impressões da pesquisadora sobre o dia observado. As observações das aulas foram realizadas pelo período de 3 meses e ocorreram em dias distintos para cada escola pesquisada, com visitas agendadas de duração de 5h, na presença do professor supervisor e de seu estagiário participante da pesquisa.

Ao final do período de estágio curricular supervisionado foi realizada uma entrevista semi-estruturada com o professor supervisor e com o estagiário, a fim de identificar as percepções e concepções sobre a dinâmica do estágio, posicionamentos sobre as expectativas iniciais e o acolhimento realizado nas supervisões de estágio.

Os dados, após tratados foram analisados e categorizados seguindo a metodologia de Análise de Conteúdos de Bardin (1977).

No quadro 2, estas etapas encontram-se organizadas por ordem de execução, procurando proporcionar uma melhor visualização e compreensão das mesmas no desenvolvimento da pesquisa.

### **Quadro 2: Etapas de realização da pesquisa**

1ª etapa	Realização de um estudo piloto
2ª etapa	Identificação dos sujeitos da pesquisa e assinatura do TCLE
3ª etapa	(1) Realização da entrevista com o estagiário (Inicial) (2) Realização da entrevista com o Professor Supervisor (Inicial)
4ª etapa	– Início das observações das aulas pela pesquisadora (Notas de campo)
5ª etapa	(1) Realização da entrevista com o estagiário (final) (2) Realização da entrevista com o Professor Supervisor (final)
6ª etapa	Acesso aos Relatórios Finais de Estágio
7ª etapa	Transcrição das entrevistas
8ª etapa	Análise dos dados
9ª etapa	Conclusão da análise e redação dos resultados e discussões

Fonte: A autora

### **3.5. Análise dos dados**

Considerando o método qualitativo adotado como modelo de estudo na presente pesquisa, a análise dos dados atendeu os critérios da técnica de Análise de Conteúdos.

#### **3.5.1 Procedimento de análise de conteúdo**

Para o tratamento dos dados oriundos das entrevistas semi-estruturadas, das observações *in loco* e dos Relatório Finais de Estágio será utilizada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), que consiste em um conjunto de técnicas que objetiva realizar a análise das comunicações, seus significados e significantes, e tem como principal especificidade a possibilidade de se adequar a um vasto campo de aplicação. Essa técnica de análise objetiva interpretar a mensagem do conteúdo manifesto e do conteúdo latente do autor, sem interpretação subjetiva do pesquisador, ou seja, tudo aquilo que é foi declarado e/ou que ficou subentendido de forma simbólica.

A técnica é realizada em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados por meio da inferência e interpretação.

De acordo com a dinâmica da coleta dos dados a análise iniciou centrada no seu conteúdo. Todo o processo, da coleta à análise dos dados é interpretativo, ou seja, busca-se entender os

acontecimentos e discursos em seu contexto, em uma relação dialética entre a teoria e a técnica, hipóteses e inalações que vão permitir as interpretações (BARDIN, 1977).

A primeira fase realizada foi a “pré- análise”, ocasião que são divididos e organizados os materiais para serem futuramente analisados. Em seguida, foi realizada uma “leitura flutuante”, que Bardin (1977, p.75) define como “como leitura intuitiva, muito aberta a todas as ideias, reflexões, hipóteses [...]” das entrevistas iniciais e as primeiras notas de campo, que foram divididas pelas temáticas abordadas pelos professores supervisores e estagiários, em quadros distintos.

As entrevistas finais, demais notas de campo e relatórios finais foram analisados de forma a listar as categorias que fossem se destacando ao longo do processo. Os dados desses diferentes instrumentos foram analisados sob a mesma ótica, pois seguiam os mesmos objetivos entre si. Após essas leituras flutuantes de todo o material coletado, os primeiros registros começaram a serem produzidos. Nessa fase também foi realizado o que Bardin (1977) chama de “trabalho de poda”, ou seja, uma delimitação importante das unidades de codificação e registro (BARDIN, 1977, p.36). Nessa fase, também, foram associados os dados que apontavam para os objetivos e categorias que iam surgindo.

Com o objetivo de explorar de forma mais ampla as informações, os dados oriundos dos instrumentos citados foram armazenados respeitando as categorias pré-estabelecidas. Essas categorias foram submetidas à novas análises de interpretação e reflexões dos dados coletados, na busca do que era significativo para construção das categorias de análise, resultando no texto descritivo dos dados com algumas observações.

A triangulação dos dados provenientes das entrevistas (iniciais e finais), observações *in loco* com notas de campo e as informações dos Relatórios Finais de Estágio, contribuiu para uma análise mais ampliada e densa dos dados, pois permitiu diversas óticas, oriundas da intercepção das referências coletadas. (SARMENTO, 2003). Essa técnica metodológica oportuniza abranger um conjunto de instrumentos associados para analisar um objeto e por fazer “o investigador abdicar do efeito de totalização, pois tem de fazer prova, pelo cruzamento triangulado das fontes, tipo de dados e métodos, de que as suas interpretações têm uma base empírica de sustentação” (SARMENTO, 2003,p.158).

Para análise dos dados foi considerado o contexto de onde os participantes desta pesquisa estão inseridos tais como a realidade do ambiente escolar, escolas públicas municipais da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, cultura escolar, condições de trabalho e problemáticas sociais e políticas. Além de fatores como o sentido/ significado do estágio para os participantes, práticas

habituais do professor e relação com um “novo” ator naquele contexto escolar- o estagiário. Essas considerações que podem influenciar o processo do estágio curricular supervisionado foram consideradas e analisadas constantemente.

Mesmo que a literatura atual sobre a temática do acolhimento no estágio supervisionado ainda seja iniciante, algumas categorias baseadas nos textos da professora Araújo e Sarti (pesquisa na área da Pedagogia) foram importantes pontos de partida para essa pesquisa. Foram consideradas as categorias baseadas nos conceitos de análise: o modelo pedagógico da modernidade (CARVALHO,2000) e o modelo pedagógico da contemporaneidade (BUENO e SOUZA, 2012), porém foi permitido, por meio de exploração dos dados, a possibilidade do surgimento de novas propostas de categorias relacionadas aos acolhimentos observados. Para este estudo foi adotado o modelo Misto de Definição de Categorias (BARDIN, 1977) que considera modelos de categorias pré-existentes, mas que permite que surjam novas ao longo do desenvolvimento da pesquisa. E ainda, considera que as categorias pré-existentes, também, podem ser conservadas, rejeitadas ou modificadas de acordo com as necessidades e particularidades desta pesquisa.

Com intuito de organizar e facilitar o entendimento de cada caso pesquisado, a descrição de forma distinta foi importante. Por esse caminho metodológico apresentado buscou-se entender quais os elementos do acolhimento mais utilizados pelos professores supervisores com seus estagiários, assim como, suas concepções sobre o estágio e as percepções do estagiário sobre todo esse processo de formação no estágio.

## CAPÍTULO IV

### RELAÇÕES INVESTIGADAS

#### 4.1. Categorias de Indicadores

As Categorias de Indicadores são ações presentes nos Modelos de Receptividade do estagiário na escola, ou seja, comportamentos e posturas realizadas pelo professor supervisor ao seu estagiário no ambiente escolar. São eles: Chegada, Apresentação de Instrumentos Pedagógicos (escola/professor), Disponibilidade de Comunicação e Demonstração de Interesse na Formação do Estagiário, Expectativas com o Estagiário, Participação do Estagiário, Socialização Profissional do Estagiário, Orientação e *Feedback*, Relacionamento entre PS e Estagiário e Reflexão sobre a Prática e Carreira Docente. Nesse trabalho, os Modelos de Receptividade são: Recepção, Acolhimento Modelar e Acolhimento Formativo.

Os quadros abaixo, baseados nos estudos de Araújo (2014), foram criados por esta pesquisadora para organizar, sistematizar e dar suporte nas discussões dos dados que serão apresentados no Capítulo IV, desta pesquisa.

#### 4.1.1 Modelos de Receptividade

MODELOS	DESCRIÇÃO	CATEGORIA DE INDICADORES	DESCRIÇÃO
<b>RECEPÇÃO</b>	O conceito de “recepção” adotado por Araújo (2014), sendo a condição mais inicial e simples do processo de chegada do estagiário ao ambiente escolar. É a autorização para entrada e permanência no espaço físico escolar para fins de observação das aulas ou possíveis intervenções práticas nas aulas sem a devida orientação do professor supervisor.	Chegada	Autorização para realização do estágio
		Apresentação de Instrumentos Pedagógicos (escola/professor)	Não há apresentação de planejamentos ou materiais de apoio ao estagiário
		Disponibilidade de Comunicação e Demonstração de Interesse na Formação do Estagiário	PS não se coloca disponível para comunicação e interação com estagiário
			PS não demonstra interesse em participar da formação do estagiário
		Expectativas com o Estagiário	PS não apresenta grandes expectativas com o estágio e/ou o utiliza para suprir suas demandas
		Participação do Estagiário	Intervenções do estagiário sem suporte adequado
			Pouca (ou nenhuma) participação do estagiário em planejamentos e/ou atividades escolares.
		Socialização Profissional do Estagiário	Estagiário sem envolvimento com funcionamento da escola (funcionários/ atividades/aulas)
			Estagiário não convidado para participar de eventos e reuniões pedagógicas da escola
		Orientação e <i>Feedbacks</i>	Pouco (ou nenhum) momento de orientação e/ou feedbacks das aulas
		Relacionamento entre PS e Estagiário	PS assume comportamento neutro e o estagiário passivo
			Relacionamento distante, sem parceria
		Reflexão sobre a Prática e Carreira Docente.	Pouco (ou nenhum) momento de reflexão sobre a prática e/ou contexto docente

MODELOS	DESCRIÇÃO	CATEGORIA DE INDICADORES	DESCRIÇÃO
<b>ACOLHIMENTO MODELAR (E AS RELAÇÕES DE “MESTRANÇA”)</b>	O acolhimento modelar está relacionado ao modelo pedagógico da modernidade (CARVALHO, 2000), pois considera o conceito da visibilidade e a referência exemplar está no professor supervisor, ou seja, no processo de observação do exemplo, o estagiário constrói referências para a sua futura prática pedagógica.	Chegada	Escola define os horários
			Breve (ou nenhuma) apresentação do espaço físico escolar
		Apresentação de Instrumentos Pedagógicos (escola/professor)	Apresentação de planejamentos e ações pedagógicas como modelos pré-estabelecidos
		Disponibilidade de Comunicação e Demonstração de Interesse na Formação do Estagiário	Pouca (ou nenhuma) disponibilidade de acesso ao PS
			PS interessado em ensinar métodos para as aulas
		Expectativas com o Estagiário	Estagiário deve demonstrar interesse e vontade de aprender
			Estagiário deve aprender a ministrar com êxito uma aula.
		Participação do Estagiário	Transmissão de saberes do PS para estagiário
			Observação e imitação de práticas pedagógicas pelo estagiário
		Socialização Profissional do Estagiário	Pouco (ou nenhum) relacionamento com outros professores e funcionários da escola
			Estagiário em reuniões pedagógicas sem participação
		Orientação e <i>Feedbacks</i>	Orientação e <i>Feedbacks</i> com objetivo na organização procedimental da aula e ajustes do modelo ensinado
		Relacionamento entre PS e Estagiário	PS como mestre e estagiário aprendiz (aluno)
		Reflexão sobre a Prática e Carreira Docente.	Momentos de reflexão sobre a prática e metodologias de aula.

MODELOS	DESCRIÇÃO	CATEGORIA DE INDICADORES	DESCRIÇÃO
<b>ACOLHIMENTO FORMATIVO</b>	O perfil envolvido e participativo do professor supervisor na formação profissional do estagiário está relacionado ao modelo pedagógico da contemporaneidade, que destaca a invisibilidade como ponto importante no acolhimento (BUENO e SOUZA, 2012), por estimular a reflexão nas próprias práticas como fontes de referências e não em outras pessoas como modelo.	Chegada	Apresentação de toda escola
			Flexibilidade na escolha de horários
		Apresentação de Instrumentos Pedagógicos (escola/professor)	Apresentação e flexibilidade dos planejamentos e materiais de apoio (escola e do PS)
		Disponibilidade de Comunicação e Demonstração de Interesse na Formação do Estagiário	Engajamento do PS (disponibilidade e acessibilidade)
			PS interessado em intervir e atuar na formação do estagiário
		Expectativas com o Estagiário	PS estimula e incentiva o estagiário
			Formação reflexiva do estagiário
		Participação do Estagiário	Estagiário bi-docente
			Estagiário integrado nas atividades docentes e escolares
		Socialização Profissional do Estagiário	Interação do estagiário com outros professores e funcionários
			Interação do estagiário com os eventos e reuniões escolares
		Orientação e <i>Feedbacks</i>	Estímulo ao estagiário de descobertas de novas possibilidades em sala
			Diversos momentos de orientação e <i>feedback</i>
		Relacionamento entre PS e Estagiário	Relação de companheirismo entre PS e estagiário
			Relação horizontalizada entre PS e estagiário
Reflexão sobre a Prática e Carreira Docente.	Reflexão sobre a prática e vida docente		

Fonte: A autora

## 4.2. Caso Escola A

### 4.2.1 A Escola

A Escola A é uma escola municipal da rede pública de ensino de uma cidade da baixada fluminense do estado do Rio de Janeiro, com parceria com a universidade pesquisada e, atualmente, atende crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental – primeiro e segundo segmentos. A escola é de grande porte com muitos alunos efetivamente matriculados em tempo integral, funcionamento de 8h às 17h e acesso intermediado por sorteio público. A proposta pedagógica, desde a sua criação, está embasada em uma concepção da formação integral da criança, estimulando o pensamento crítico e a imaginação criadora.

A escola possui uma estrutura muito boa e conta com funcionários em todos os espaços, dos portões de entrada aos corredores. Possui dois andares, nos quais estão dispostos: duas quadras, um campo de futebol, um refeitório, auditório, área da saúde, duas salas dos professores, parque, brinquedoteca e área dos assuntos administrativos, como sala da direção, coordenação e estágios.

No 1º andar, possui também uma sala pequena designada pelo professor supervisor como “área da saúde”, que são ministradas algumas aulas por ele quando as quadras encontram-se inviabilizadas. No 2º andar, estão dispostas diversas salas em que são alocados os alunos do ensino fundamental, primeiro segmento do 3º ao 5º anos e segundo segmento do 6º ao 9º anos.

A escola possui duas quadras: a primeira, grande, situa-se logo à entrada e apresenta cobertura, duas arquibancadas, cestas de basquete, balizas e um bebedouro próximo. No entanto, o ambiente é aberto, o que conseqüentemente faz com que outros alunos ocupem as arquibancadas e até mesmo a quadra durante as aulas do professor.

A segunda quadra se encontra na parte de trás da escola, na verdade é mais uma espécie de pátio, com o piso de concreto com algumas marcações de futsal, todavia, bem apagadas. Diferente da primeira quadra, essa não é coberta, não possui arquibancadas, balizas, cestas de basquete e nem mesmo cobertura. Um fato curioso é que o professor supervisor ministrava 90% das suas aulas nesse espaço. É importante ressaltar também que no entorno existem várias árvores nas quais os alunos, durante as aulas e nos momentos livres, sempre subiam, o que poderia ocasionar acidentes.

No que diz respeito aos funcionários da escola, sempre se mostravam solícitos e prestativos para com a pesquisadora e a estagiária, em particular os inspetores, merendeiros, porteiros e a diretora.

#### 4.2.2. O professor Alan

O professor supervisor chamado neste estudo de Alan (nome fictício), tem 30 anos de idade e quatro anos de experiência docente contínua. É formado pela Universidade Castelo Branco (Rio de Janeiro), mas 70% do curso foi cumprido na Universidade Estadual da Bahia. O professor supervisor Alan comentou que teve a influência do pai para a escolha da profissão, que também é professor de Educação Física.

Ele leciona apenas nesta rede de ensino municipal, para os segmentos de educação infantil e ensino fundamental I e II e diz preferir atuar com os alunos do ensino fundamental II, pois estariam mais próximos da adolescência. O professor também afirmou que consegue trabalhar melhor os conteúdos com estes alunos do fundamental II.

Embora o PS lecionasse para o ensino fundamental II, durante o período da pesquisa, as observações ocorreram somente com o ensino fundamental I, com o 1º e 2º anos, pois foram as turmas que a estagiária estava presente. O professor acredita que nessa faixa etária os alunos devem brincar, e nesses momentos de aula, principalmente nas aulas externas, o professor ficava sentado no gramado da quadra de trás, mexendo no celular e deixando os alunos brincando do que queriam, com atuação rara do docente. O professor supervisor Alan apresentava um perfil calmo e respeitoso com todos, demonstrando controle de turma sem a necessidade de gritos ou alterações de comportamento.

No período de observações, o PS e a estagiária não utilizavam muitos materiais para as aulas, apenas uma bola de borracha e alguns cones, mesmo a escola tendo alguns materiais esportivos a mais disponíveis para uso.

O PS se disponibilizou a participar da pesquisa, se colocando sempre em posição de auxílio para qualquer situação que precisasse. Desde os contatos telefônicos até o dia da primeira visita a escola, o PS foi muito agradável e aberto para perguntas ou dúvidas. Nos dias de coleta na escola, esteve sempre solícito a todas as indagações e perguntas inerentes a pesquisa.

#### 4.2.3 A estagiária Alice

A estagiária Alice (nome fictício), tem 24 anos de idade, está no seu segundo estágio e é graduanda do 8º período do curso de Licenciatura em Educação Física na universidade pesquisada.

A estagiária relata que nunca teve experiência com crianças antes dos estágios e não tem interesse, depois de formada, em continuar na Educação Física escolar, pois pensa em fazer a modalidade bacharelado e se especializar em treinamento de força. Ela possui ambições na área de *personal trainer*.

Mesmo assim, apresentou grande interesse em aprender mais sobre o segmento do ensino fundamental e as dinâmicas de uma escola pública, com proatividade e dinamismo nos momentos de estágio.

Apresentou no início do período de estágio nervosismo nas suas intervenções nas aulas, porém ganhou mais confiança e segurança para ministrar as atividades sozinha à medida que os encontros do estágio ocorriam. Também se colocou sempre muito solícita a participar e contribuir com a pesquisa e não apresentou qualquer nervosismo ou contrariedade nas entrevistas e nas visitas da pesquisadora, mesmo que algumas ausências por motivos pessoais do PS tenham diminuído o número de visitas da pesquisadora no ambiente escolar.

#### **4.2.4 Com a palavra: Professor Supervisor Alan**

O professor Alan se mostrou muito receptivo e interessado durante as entrevistas, sempre disposto a contribuir em casos de dúvidas e questionamentos. Todas as entrevistas (inicial e final) foram realizadas dentro do seu ambiente escolar, em horários escolhidos pelo professor, a fim de não atrapalhar suas atividades laborais ou pessoais.

O professor Alan relatou em sua entrevista inicial que escolheu a profissão de professor de Educação Física em parte por influência do seu pai, que é professor de Educação Física, e porque na hora do vestibular escolheu direito e Educação Física, mas como foi aprovado apenas para o curso de Educação Física e não tinha qualquer objeção ao curso, resolveu seguir.

Atualmente, o professor leciona apenas no município da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, nos segmentos de educação infantil e ensino fundamental (I e II) e quando perguntado se faria a escolha pela profissão de professor de Educação Física novamente, após uma longa pausa, respondeu:

Pergunta difícil essa. Dentro da EF? Sim, sim. Se eu pudesse fazer algumas escolhas quanto as séries a trabalhar, eu acho que já optaria por uma faixa de idade dos alunos mais próximo da adolescência porque... né? Por questão de identificação, eu consigo, eu acho, que render um pouquinho melhor o conteúdo com eles. Com criança... eu trabalho totalmente diferente, mas eu gosto mais de trabalhar com adolescente, segundo segmento, digamos assim (Entrevista Inicial).

Sobre o momento de recepção dos estagiários, o professor supervisor Alan relatou que faz *“basicamente uma entrevista, um papo mesmo sobre a vida”*, e com ela procura saber logo se o estagiário tem interesse na docência, pois alegou que se o estagiário o procura apenas para cumprir a carga horária da atividade, ele não vai dispor de mais tempo e dedicação nesses casos, transmitindo suas experiências docentes. E acrescentou que o estagiário que demonstra mais interesse pela educação, tem mais de sua atenção e disponibilidade.

Então, ao estagiário que quer mais a educação, a gente dá mais, a gente mostra mais. Convido pra ver o dia a dia da escola, além só do momento da aula, a gente vai mostrando como é que funciona os trâmites de papel, de secretaria, de diário... mas o estagiário que chega lá já... olhando pra porta... é o básico, sabe? É uma relação prejudicial, acho que até pra ele, mas até pra ele do que pra mim porque depois ele vai embora, e eu continuo aqui (Entrevista Inicial).

O professor ainda esclareceu que espera de um estagiário “*o mínimo de dedicação... o mínimo porque às vezes nem isso, nem isso chega, entendeu?*” e que tenha intenções de aprender a fazer, de aproveitar oportunidades e de conhecer as rotinas de uma escola. Além disso, o professor relatou que espera dedicação e envolvimento do estagiário com “*aquele brilho no olho e que ele venha aberto a viver experiência. Eu espero mesmo a postura e o compromisso deles na orientação com as crianças*” (Entrevista Inicial).

O professor Alan comentou que pretendia pedir à estagiária que fosse parceira e que tivesse postura de professora nos momentos de aula e complementou que para isso, evita usar o termo estagiário perante a turma, apresentando o estagiário como professor ou professor formando, para que os alunos o enxerguem assim. Acrescentou também, que pretendia pedir que a estagiária deixasse o “*plano de aula na manga*” para que, a qualquer momento, ele possa direcioná-la para ministrar uma aula completa, ou seja, para que a estagiária ministrasse todos os passos da aula sem a intervenção do professor supervisor, aprendendo a lidar assim com as possíveis frustrações.

Eu vou tá (está) aqui, mas a aula, desde o momento de pegar a turma na sala até devolver... só vou intervir em situação fora do controle dando certo ou dando errado. Se o estagiário pegou a turma e perdeu o controle da turma e não conseguiu, eu vou deixar que ele tenha essa experiência mesmo que ela seja ruim porque ele precisa aprender a lidar com a frustração. Então, depois a gente faz as ponderações... basicamente são esses os pedidos que eu faço (Entrevista Inicial).

Sobre possíveis dúvidas com relação ao período de estágio, o professor Alan disse muitas vezes se perguntar qual o motivo impedia o professor orientador da universidade de se dirigir até a escola ou procurar fazer um trabalho integrado de comunicação entre a universidade e a escola. Ele acredita que dessa forma o trabalho seria “*mais alinhado até pra de repente desenhar uma avaliação do estagiário, um feedback, o que deu certo o que deu errado... mas é uma crítica que eu faço ao currículo acadêmico*”. O professor ainda comentou que só ele sabe de fato a carga horária e dias de efetivo estágio e que essa comunicação seria boa até para ele se programar em termos de dias e quantidade de estagiários que vai receber naquele semestre.

Então, se a gente tivesse uma relação com os professores ‘olha, a partir da semana tal vai tá (está) chegando...’ a gente poderia já fazer um planejamento incluindo... os estagiários porque eu tenho que adaptar a minha vida na escola aos estagiários, porque não é certo de vir e tem semestre que vem mais, tem semestre que não vêm. Então, assim, essa é a minha crítica ao atual modelo (Entrevista Inicial).

O professor supervisor ainda comentou que não teve nenhuma informação ou contato formal da universidade sobre a orientação do estagiário. “*Nunca recebi um documento, ou um ofício, nada que... ‘olha, a normativa pro estágio vai ser essa’ ou ‘Professor, bom dia!’... qualquer coisa, nem qualquer coisa teve. Nunca houve esse tipo de... (informações/orientações)*” (Entrevista Inicial)

Quando perguntado sobre como concebia sua função junto ao estagiário nesse processo de formação que estava iniciando, o professor comentou ser um assunto complexo e não ter certeza se consegue exercer sempre sua função, mas que a entende como “*a função de dar oportunidades e chance dele (estagiário) viver a experiência da docência*”. Acrescentou ainda que gostaria de ser visto pelo estagiário como um parceiro, alguém que possa de fato ajudar e não apenas como um professor que assina a “*folhinha dele, ou pra acuá-lo e colocá-lo na situação de menosprezo.*” (Entrevista Inicial).

Sobre questões relacionadas ao aprendizado do estagiário, o professor supervisor Alan comentou que o estagiário precisa aprender ao longo do processo de estágio “*o domínio, né? Da situação ali com a turma. O estagiário precisa ter segurança pra conseguir manter a turma focada em si pra conseguir realizar seus objetivos, executar seu plano de aula*”. O professor esclareceu que apenas após conhecer a turma e criar uma relação amistosa e de respeito mútuo com eles, o estagiário não terá problemas de desrespeito e poderá por em prática qualquer objetivo, mesmo em dias de chuva dentro da sala ou com as crianças menores. E com isso, poderá desenvolver com a turma outras habilidades na área de Educação Física que o estagiário tenha afinidade.

Para o professor, quando o estagiário está vivenciando o ambiente escolar, ele tem a oportunidade de “*aprender tudo sobre o funcionamento da escola*”, aprender que além de ministrar as aulas, o professor precisa conhecer “*a parte administrativa/ burocrática*” dos diários e relatórios e muitas vezes, a escola precisa do professor em seu horário “extra” para o desenvolvimento de projetos escolares. E que participar de forma ativa da rotina da escola é gratificante, pois possibilita o acesso a mais experiências e o crescimento profissional (Entrevista Inicial).

Sobre o relacionamento do estagiário com outros agentes da educação, o professor afirmou achar importante que o estagiário tenha mais segurança nessas relações dentro do ambiente escolar, ou seja:

...chegar e se colocar, realmente, na condição de professor em formação e não se colocar sempre em postura de menosprezo. Poder chegar até a direção, aos outros setores da escola e solicitar o material, ou tirar uma dúvida, sem essa postura retraída, quase que enfiando a cabeça em um buraco, porque se diminui. Ele poderia sim ter um pouco mais

de atitude de se colocar como alguém que mesmo não sendo formado, não tendo o diploma, está ali aqui para isso (Entrevista Inicial).

Ainda sobre o relacionamento do estagiário com outros agentes da escola, o professor Alan esclareceu que procura incentivar esse relacionamento pedindo ao estagiário que o acompanhe pelos espaços escolares e/ou que busque algum material para ele em alguns setores da escola. Com isso, na opinião do professor supervisor, isso possibilita que os outros funcionários da escola conheçam o estagiário. O professor ainda pontuou que a gestão da escola o deixa à vontade para trabalhar com os estagiários e que não tem qualquer problema quanto a isso.

O professor Alan destacou que o estagiário deve apresentar uma *“postura e atitude respeitável, assim tem grande chance de sucesso, de evitar conflitos e de ter uma relação boa com a escola e com os outros agentes da escola”*. O professor ainda pontuou que o estagiário que apresenta uma postura mais displicente, tem grandes chances de se envolver em problemas, principalmente, *“porque não vai ter o respeito das crianças”* (Entrevista Inicial).

Sobre as intervenções do estagiário nas aulas, o professor supervisor afirmou achar importante, mas que vai depender do perfil de cada estagiário. Explicou que tem estagiário que já chega ao estágio afirmando que vai fazer um *“estágio de observação, ou seja, eu não quero me envolver”* e tem outro que diz: *“...eu tô (estou) aqui pra aprender a dar aula”*. O professor comentou que com esses consegue realizar uma programação de estágio melhor, apresentando atividades e contribuindo mais, e que nos momentos de intervenção nas aulas, mesmo que tenha dez estagiários, deixa claro que será sozinho, *“porque quando eles assumirem uma turma na escola ele (eles) vai (vão) estar sozinho”* (Entrevista Inicial).

Após o término do período de estágio, a professor supervisor Alan concedeu mais uma entrevista, chamada nesta pesquisa de Entrevista Final, e esclareceu diversas situações que ocorreram durante o período de estágio da Alice.

O professor Alan comentou que a estagiária Alice foi bem recebida na escola, tanto pela equipe de gestão quanto por ele e que a rotina realizada com a estagiária Alice foi pautada no esforço e superação da estagiária.

Esforçada, esforçada porque ela chegou como toda estagiária, a maioria deles, sem muito conhecimento da rotina de sala de aula, mas ela se propôs a superar a insegurança, superar a dificuldade de encarar uma turma, que é difícil realmente, ainda mais para quem não tá habituada, então ela se esforçou bastante. Para mim essa foi a marca dela (Entrevista Final).

O professor Alan comentou que a estagiária teve oportunidade de realizar diversas funções inerentes a de professor tais como a condução de aulas, buscar turmas em sala e material para as aulas. *“Ela teve oportunidade de fazer um pouco de tudo. Desde conduzir turma, buscar em sala,*

*às vezes eu pedia que ela buscasse a turma sozinha e às vezes para levar, conduzir um momento da aula, buscar material, para conhecer a rotina da escola” (Entrevista Final).*

O professor ainda acrescentou que a estagiária, mesmo sem conhecer muito os espaços físicos da escola, nunca teve qualquer objeção quando ele propunha aulas em locais diferentes dentro da escola, sendo sempre muito receptiva.

O professor Alan comentou que até ao final do processo de estágio, continuou sem qualquer orientação ou suporte da universidade sobre o estágio da licencianda Alice, mesmo existindo uma relação entre universidade e a escola pesquisada. *“Da universidade em si, não tive outro contato, nenhum email, nem um ‘oi’ se quer...nada, nada. A escola existe um vínculo escola-universidade, os estágios são feitos através desse vínculo, é um canal já instituído”*. E ainda acrescentou também não saber quem é o professor da disciplina de estágio curricular obrigatório e a necessidade de planejar o estágio de forma coletiva (professor orientador e professor supervisor). *“Não sei nem o nome” (Entrevista Final).*

Sobre a socialização profissional da estagiária no ambiente da Escola A, o professor comentou que foi *“muito pouco”* devido a ele sempre estar presente e resolver as questões. *“E não teve necessidade dela por em prática esses contatos muito assim, mas o pouco que precisou... ‘precisava pegar aquela chave lá, tem como pedir ao funcionário tal?’ Ela tranquilamente sabia quem era” (Entrevista Final).*

Sobre a relação com os alunos, o professor descreveu que no início a estagiária teve muita insegurança e transpareceu estar assustada com aquela nova realidade, mas que aos poucos foi conseguindo lidar com as diversidades.

Os espaços mais frequentados pelo estagiário, na fala do professor, foram à quadra e o jardim de trás da escola (pátio ao ar livre) e que eventualmente iam ao parquinho e ao auditório, em dias de chuva. Ainda sobre a socialização profissional da estagiária Alice, o professor Alan afirmou que: *“Essa em específico é bem tranquila com relacionamento. Já tive estagiários que precisavam do: ‘Vamos lá!’*. *Uma dificuldade de alavancar um relacionamento, mas ela especificamente, não. Isso não era um problema para ela” (Entrevista Final).*

O professor Alan comentou que nos momentos de intervenção da estagiária nas aulas, ele preferiu não intervir, apenas em casos que fugissem ao controle da estagiária e que os conteúdos dessas aulas eram selecionados por ele e a estagiária, *“com total liberdade”*. Sobre o comportamento da turma:

Com a turma, não combinei nada, deixei que eles fossem os mais espontâneos possível para não influenciar muito e ela foi lá... acertou.... errou... quebrou a cara... e deu certo, e ela foi. Eu até me afastava, olhando o mais de longe possível para turma não vir me

procurar para pedir para beber água, ‘ó, é com ela!’ E eu ficava observando à distância (Entrevista Final).

O professor comentou que a estagiária sempre demonstrou boa receptividade às intervenções dele e apresentou um comportamento inseguro nas aulas. *“Eu só percebi insegurança quando chegou o momento da aula... a gente construiu uma relação de muito diálogo. E era tranquilo. Até quando ela não tava apta a fazer alguma coisa, ela falava”*.

Nesses momentos de intervenção nas aulas, o professor supervisor relatou que a estagiária organizava atividades que nem sempre davam certo e que não tinha problemas em receber um conselho.

As turmas têm em torno de 20 alunos, e em alguns momentos tinham 15, 14 por algumas faltas. E ela se organizava dessa maneira e teve atividades que não deu certo, porque depois ela ia ver que não era adequado para essa faixa etária, de repente a abordagem, então ela tentava sempre adequar e ela não tinha problema de receber um toque: ‘Ó, não ta dando certo, não... tenta dar um UP’(Entrevista Final).

Na opinião do professor, as intervenções nas aulas da estagiária foram como ele esperava e que até quando ocorria algo diferente do planejado pela estagiária, já tinha sido previsto por ele.

Olha, eu posso dizer que saiu como eu esperava porque até o que deu errado era previsto dar errado. Eu falava com ela “tenta” e imaginava que ela não fosse conseguir executar aquela atividade e realmente não conseguia, mas aquilo já era esperado para que ela conseguisse rever que o que a gente traz na cabeça nem sempre funciona e adaptar. Então, nada fugiu ao controle (Entrevista Final).

Sobre o planejamento do estagiário, o professor Alan esclareceu que não pediu nada formal. *“... ela me mostrava. Ela tentava ao máximo mostrar os tópicos do que ela iria fazer. Eu não exigi dela nenhum plano de aula, não, algo formal como num estágio, mas um mínimo de organização e ela atendeu ao que foi pedido*.

Quando perguntado sobre a avaliação do período de estágio da Alice, o professor comentou que atuação foi *“boa, muito boa. Regular em alguns momentos, mas por questão de insegurança, o que é perfeitamente compreensível. Não por desinteresse, jamais, ou por incapacidade”*. O professor acrescentou ainda ser normal esse comportamento, por ser o estágio o local de aprender o *“conhecimento prático de aula”* (Entrevista Final).

O professor supervisor acrescentou que não houve necessidade de qualquer correção por comportamentos inadequados da estagiária e que a orientou sobre questões pedagógicas. *“Em termos de postura, de comportamento ético, nada. O que a gente pontua é questão pedagógica”*. O professor ainda pontuou a necessidade da estagiária desenvolver a autoconfiança e que, na sua opinião, isso dependeria de alguns fatores.

Acho que ela precisa desenvolver a autoconfiança. E aí, talvez, só o tempo dê isso a ela, ou o interesse pela educação. Não sei qual é o interesse profissional dela na Educação Física, de repente ela só está ali disposta mesmo em aprender mas não é a carreira que ela seguir, então... se ela quiser ser professora da educação básica, ela vai precisar trabalhar um pouco a autoconfiança perante a turma. ‘Bom, é isso aí, eu vou dar conta e que venham os desafios’ (Entrevista Final).

O professor ainda acrescentou que a estagiária apresentou bom relacionamento com as crianças (alunos) e facilidade para intervir quando necessário sobre o comportamento.

Ela tem um bom relacionamento com crianças. De repente ela já deve ter alguma experiência de recreação, não sei. Isso facilitou, ela não tinha problema de chamar atenção de um aluno, de juntar a turma, de buscar, de agrupar. Ela não tinha... Domínio de turma foi de regular para bom, não tinha problemas com isso. Não era aquela pessoa que falava e as crianças ignoravam, isso não acontecia (Entrevista Final).

Em sua avaliação sobre a estagiária, o professor destacou a necessidade de ampliar seus conhecimentos sobre a rotina pedagógica da escola, porém também destacou o pouco tempo que teve junto a estagiária para aprofundar essa parte e desejou que em uma próxima oportunidade ela possa vivenciar isso. *“Com ela não deu tempo de chagar nessa etapa. Foi bem atropelado e o perfil das turmas também, são turmas maiores, fundamental I com ela, então, no fundamental II que a gente tem esse trabalho diferenciado, não deu tempo. Espero que ela em outra oportunidade possa ver”* (Entrevista Final). O professor ainda avaliou que a estagiária teve avanços quando entendeu que não poderia usar modelos de aulas e que assistiu algum desses momentos em que a estagiária não teve muito êxito nas aulas, mas que julgou como esperados.

Ela se saiu bem depois que ela entendeu que não adianta chegar com fôrma pronta. Teve um momento em que eu assisti a tragédia, depois eu ri, eu já sabia que isso iria acontecer, já tinha avisado ela: ‘olha, não se preocupa, não. A gente vai lhe dar com a frustração de maneira pedagógica também. Eu não vou te dizer se o seu planejamento é viável ou não, vou deixar você fazer. Não é nada absurdo’. E ela fez e não deu certo (risos) e depois a gente conversou. ‘Óh, essa faixa etária eles precisam mais disso, daquilo’. E como já tinha sido combinado, ela nunca mais vai esquecer. Não vou dizer que foi traumático, porque foi algo conversado (Entrevista Final).

Ainda sobre a avaliação da estagiária, o professor comentou ter sido proativa e ter ficado muito a vontade para correção, elogios, ensinamentos e suporte aos alunos, em casos de necessidade. O professor Alan resumiu o aproveitamento da estagiária como: *“Então, o aproveitamento dela, sem dúvida, foi de bom para excelente”* (Entrevista Final).

O professor Alan acrescentou que teve um relacionamento *“excelente”* com a estagiária e que teve suas expectativas alcançadas com relação ao estágio da Alice. Porém, ele acrescentou sua insatisfação em não ter conhecimento prévio sobre o tempo que poderá contar com o estagiário em suas aulas. *“O momento que ela esteve foi muito bom, mas o ideal é que a gente já soubesse*

previamente: ‘Ó, começou o ano, o estagiário vai estar lá a partir de tal semana e vai ficar até a semana tal’. Até para saber se vai dar tempo de combinar com ela ou com ele” (Entrevista Final).

Sobre o aprendizado da estagiária Alice em um ambiente escolar real, o professor Alan esclareceu a importância da estagiária ter presenciado a necessidade da flexibilidade no cotidiano escolar. “Flexibilidade, acho que foi um ponto forte. A gente trabalha numa escola, como qualquer escola, que existem fatores externos ao nosso planejamento, interfere. Como nesse dia que teve que juntar uma turma, falta água, tá chovendo muito, só veio metade da turma (...)”. Destacou também que espera que a estagiária tenha aprendido sobre o funcionamento e a realidade da vida de professor.

A gente tentou de todo jeito mostrar isso, desde salário, valorização, de quanto ganha, quais os caminhos para chegar, quais concursos estão abertos... “e aí vale a pena mesmo?”, eu perguntava para ela... ‘Vale a pena mesmo ser professor? Vale a pena partir para uma outra área? Ó, pesa...aqui é assim, ganha tanto, faz isso, tem esse tipo de cobrança...’. Então, eu espero que ela tenha aprendido a enxergar como um campo profissional. (Entrevista Final).

Sobre as questões de aula, o professor destacou que espera que a estagiária tenha aprendido a ser mais flexível e ter “jogo de cintura” com situações inesperadas e “sensibilidade” para perceber quando não é possível dar continuidade ao planejamento previamente estabelecido (Entrevista Final).

O docente Alan pontuou a sua concepção sobre o próprio papel no processo de formação do futuro e se definiu como “conselheiro” da estagiária sobre as vivências pedagógicas.

De conselheiro. Sabe assim de tentar ali, eu não tenho tanto de sala de aula mas o pouquinho que eu já vi, é assim que funciona. ‘Ó, tá vendo essa situação aqui? A gente vai precisar encarar agora a consequência, o aluno machucou e isso vai virar uma ocorrência. Olha a dor de cabeça que isso vai dar...’. Então, foi muito nesse sentido de deixar ela ciente: ‘Ó, tudo tem uma consequência, boa ou ruim’. Então, foi mais nessa perspectiva mesmo (Entrevista Final).

O professor acrescentou ser grande a responsabilidade de ter outra pessoa compartilhando de suas aulas e da necessidade de “lembrar” de fornecer os *feedbacks* e informações para a estagiária.

A responsabilidade ela traz um peso, que não chega a ser desconfortável, não é isso. Mas o peso da responsabilidade que tem alguém que está ali que eu preciso me dedicar esse pouquinho a mais porque eu tenho alguém ali ao meu lado, eu não to sozinho e vou fazer sozinho. Tenho que lembrar de está sempre passando o feedback para ela para não ficar perdida no que eu vou fazer. Sem ela eu não preciso dizer a ninguém o que eu vou fazer. Eu chego e faço. Mas ‘olhe, hoje a gente vai fazer isso, hoje é um dia tal...’. Eu tinha que ter esse cuidado de lembrar de estar sempre... Teve um dia que eu esqueci de avisar a ela que não tinha aula, aí ela chegou... essas coisas...de ter alguém (Entrevista Final).

Ele ainda destacou que espera que a estagiária Alice o tenha enxergado como um amigo, como alguém que estava ali para ajudar e quando perguntado se teria algum último conselho ou sugestão para a estagiária Alice, o professor disse:

Pensa, observa o que foi vivido, o que foi visto e considera os pontos positivos e negativos para saber se valem a pena dentro do que ela deseja como profissional. Então, assim, diante do que já falei, seja flexível mas considere que esse é um campo profissional importante e que vale a pena, apesar dos pesares (Entrevista Final).

#### 4.2.5 Com a palavra: Estagiária Alice

A estagiária Alice (nome fictício) se apresentou muito calma, interessada durante as entrevistas e sempre disposta a contribuir em casos de dúvidas e questionamentos. Todas as entrevistas (inicial e final) foram realizadas em locais e horários escolhidos pela estagiária, a fim de não atrapalhar suas atividades pessoais e acadêmicas. Também serão apresentados aqui dados retirados do Relatório Final de Estágio, devidamente autorizado pela estagiária Alice.

Sobre a sua recepção à escola, a estagiária Alice disse que foi muito bem recebida pela direção e funcionários da escola e que não teve qualquer problema na escolha dos horários e assinaturas de documentos do estágio.

Eu me senti bem acolhida. Eles me deram bastante atenção, me passaram as informações necessárias; tanto a inspetora quanto a diretora, na hora de assinar, foram bem pacientes; quando eu tinha dúvidas, também, foram pacientes nos momentos de ouvir e na hora de me atender. Então, da direção eu não tenho nada a reclamar mesmo. Eu sempre fui bem tratada pela direção” (Entrevista Inicial).

A recepção do professor supervisor Alan também foi colocada pela estagiária como positiva, porém destacou algumas perguntas que o professor fez a ela logo no primeiro dia de estágio: *“Aí eu cheguei na escola, ele me... recebeu bem, perguntou como é que eu tava (estava), perguntou se eu ainda não tinha desistido da profissão (risos)... eu falei que não, que eu não ia, eu falei: ‘não, nem vou!’ (risos)... foi assim”*. (Entrevista Inicial).

A estagiária comentou que o Professor Alan apresentou simpatia e a recebeu bem nas suas aulas, além de boa postura profissional: *“Até que eu fui recebida bem, foi (ele) simpático comigo”* (Entrevista Inicial).

O professor orientador (professor supervisor) do meu estágio possuía a postura correta como docente, tinha o controle de turma, era responsável com os seus afazeres na docência, porém não tinha o costume de aplicar atividades para as suas turmas do ensino fundamental I, em que estive presente (Relatório Final).

A estagiária Alice relatou que as atividades pedagógicas destinadas a ela eram da área de Educação Física e que não foi remanejada para outra função dentro do ambiente escolar: *“Sim, foram da área de Educação Física. Acho que se me fosse oferecido até da área pedagógica para*

*ficar só em sala, eu não ia aceitar porque eu quero estagiar na área que eu estou me formando”* (Entrevista Inicial). Comentou também que ficou quase um mês observando as aulas, por vontade própria de conhecer melhor as turmas: *“(...) fiquei papo de quase um mês só na observação, porque eu tive uma experiência ruim, no meu estágio anterior, que o professor me impôs logo uma atividade de cara”* (Entrevista Final).

Sobre a apresentação do espaço físico, a estagiária relatou que o professor supervisor Alan caminhou com ela pelas áreas externas da escola, deixando outros setores sem o conhecimento da estagiária:

Foi pelo professor (Alan), mas eu não conheço todo espaço da escola. Eu conheço mais os espaços em que eu preciso utilizar que é a área externa, a quadra, algumas salas de aula, mas a sala dos professores, por exemplo, eu não conheço, e têm outros espaços que são desconhecidos para mim (Entrevista Inicial).

Sobre o planejamento e a identidade da escola, a estagiária Alice afirmou que não teve acesso a qualquer planejamento ou apresentação da identidade da escola. *“Não me foi apresentado (planejamento)”* (Entrevista Inicial).

A estagiária Alice comentou ter boas expectativas com o atual estágio, apesar de ter algumas posições críticas e que acredita que terá grandes ensinamentos sobre o cotidiano pedagógico de uma escola:

Por mais que eu tenha uma visão crítica de muitos pontos do meu estágio, acredito que eu vou sair daqui com uma visão bem madura do que é a realidade da escola. Muitas vezes o que a gente tem na graduação, a gente vê que na prática do dia a dia é bem diferente, e isso vai amadurecer minha visão como futura professora; vou aprender a lidar com os alunos, assim espero; ter um jogo de cintura com as crianças e poder ter uma boa desenvoltura para desenvolver as atividades (Entrevista Inicial).

Mesmo no início do período de estágio, a estagiária Alice pontuou negativamente a contribuição do professor Alan na sua formação e suas primeiras impressões sobre as aulas:

Não está sendo muito agradável porque a forma dele ministrar as aulas são totalmente contrárias ao que é correto. Normalmente ele não passa atividades para as crianças, as crianças fazem atividades livres, algumas sobem em árvores e outras chutam bola aleatoriamente, e eu acho que isso não contribui muito para o meu aprendizado no estágio, a não ser a vivência, lidar com as crianças e essas coisas assim, mas na prática mesmo eu não estou tendo uma boa experiência por causa disso (Entrevista Inicial).

Quando indagada sobre o relacionamento entre a universidade e a escola que estava iniciando o estágio, a estagiária Alice pontuou que não houve qualquer interação entre as partes, mas acredita que seria muito profícuo para o estágio se houvesse essa comunicação.

Não tem aproximação do professor, normalmente, com a universidade. Por exemplo, nas reuniões (reuniões de estágio) o professor não comparece para participar, e eu acho que contribuiria. Acho que o momento do estágio seria mais proveitoso se houvesse uma

melhor organização e uma boa comunicação até para poder planejar atividades, mas infelizmente isso não acontece” (Entrevista Inicial).

Após o término do período de estágio, a estagiária Alice concedeu mais uma entrevista, chamada nesta pesquisa de Entrevista Final, e entregou a Comissão de Estágio da universidade o Relatório Final de Estágio, pontuando diversas situações que ocorreram durante o seu período de estágio sob orientação do professor supervisor Alan.

A estagiária Alice acrescentou que o professor supervisor Alan utilizava mais o espaço externo do que a quadra coberta da escola, o que causava grande estranheza a estagiária. *“Nesse espaço, o chão era de concreto e tinha uma área com gramado também, não era uma quadra e era a céu aberto, o espaço era bem amplo”* (Relatório Final).

Sobre essa situação, a estagiária acrescentou que perguntou ao professor o motivo de não usar a quadra esportiva da escola, e o professor respondeu que deixava a quadra para os alunos maiores usarem.

Com relação as aulas ministradas pelo professor supervisor, a estagiária Alice acrescentou que o professor não tinha o hábito de passar atividades planejadas e/ou sistematizadas para esses alunos menores, o que teria dificultado a intervenção da estagiária.

Durante o estágio o professor orientador não tinha o costume de passar atividades para as crianças na maioria das vezes porque ele dizia acreditar que crianças tem que brincar e não se prender a atividades, e assim era feito na maior parte do tempo do estágio, as crianças sempre encararam as aulas de Educação Física como “aula livre” que foi como o professor nomeou, e até as crianças já haviam se acostumado com o estilo de aula do professor, pois muitas perguntavam se a aula seria livre antes mesmo da aula. Elas ficavam correndo, umas levavam brinquedos, e os meninos brincavam com a única bola que o professor disponibilizava (Relatório Final).

Ainda sobre as aulas ministradas pelo professor supervisor Alan, a estagiária comentou que ele não tinha o hábito de dar aulas e ficava, constantemente, sentado com o celular nas mãos:

Então, na maior parte do tempo quando eu não estava dando aula, ele simplesmente chegava com as crianças na... na área lá, externa, deixava as crianças brincando de que queriam...algumas levavam até brinquedo para a quadra. Às vezes ele (PS) sentava no gramado, ficava lá sentado, olhando pro nada, aí mexia no celular, entendeu? Às vezes ele parava para conversar comigo. Então, assim... (Relatório Final).

Sobre o relacionamento com o professor supervisor Alan, a estagiária esclarece que foram momentos positivos com o professor, apesar de alguns momentos de estresse com ele durante as aulas do estágio.

Então... eu tive momentos agradáveis e bem chatos com o professor. É... porque apesar da maior parte do tempo a gente ter uma relação... boa, ele às vezes falava... para mim... as experiências anteriores como professor e como foi a graduação dele... e tal. E... vira e mexe eu passava por algumas (alguns) estresses perante umas atitudes que ele tinha comigo dentro do estágio, né. Ele fazia pouco caso de muita coisa. Mas no geral, assim,

é... eu tentava lidar bem com ele na medida do possível... apelava mais para o lado profissional mesmo, entendeu? (Entrevista Final).

Para a estagiária Alice, o professor não demonstrou interesse nas atividades de estágio: “*Não, e ele não demonstrava interesse*”. A estagiária ainda acrescentou que o professor supervisor Alan não deveria ser professor supervisor de estagiários, pois não apresentou ter conhecimento sobre a orientação e acompanhamentos de estagiários, assim como, seu papel na formação deles.

Eu acho que ele... não deveria é... atuar como professor de estágio. Ele não tem orientação suficiente pra ser supervisor de estágio... dá pra ver pelas atitudes dele... ele deixa os estagiários muito soltos, né, por conta própria... é... e eu acho que deveria ter é... uma interação maior e... e o professor deveria guiar os estagiários, porque o estágio é pra isso, pro aluno, estagiando, aprender. E se não tiver a orientação do professor, muita coisa que poderia ajudar... passa batido por causa disso. E eu, infelizmente, não tive essa experiência, eu (ficou pensando)... (Entrevista Final).

Ainda sobre o relacionamento com o professor supervisor Alan, a estagiária Alice pontuou desapontamento com os poucos momentos de orientação ou demonstração de interesse pela sua formação. Na opinião da estagiária, o professor parece não ter formação adequada para orientar estagiários em suas aulas.

Muitas vezes ele não demonstrava estar disposto a trocar conhecimentos comigo ou sugerir alguma atividade para realizar com os alunos, sempre era eu fazendo pergunta. É lamentável essas situações aqui expostas, pois sabe-se o quanto a relação do professor com o estagiário é primordial para que o andamento do estágio seja de forma agradável e proveitosa, e consequentemente enriquecedora para ambos. Apesar disso, eu sempre mantive o profissionalismo na frente e sempre o tratei com respeito, o vi como um colega de profissão pois estou ciente de que os professores colaboradores (supervisor) do estágio supervisionado aceitam receber nós, os estagiários, porém os mesmos não possuem o embasamento suficiente para que possa servir de orientação, durante o andamento do estágio (Relatório Final).

Os momentos de *feedbacks* do professor supervisor a estagiária também foram poucos e, de acordo com a estagiária Alice, o professor parecia não ter conhecimento da sua importância no processo do estágio supervisionado:

Não! Até porque é... aquele... o diálogo que deve ter do professor com... o aluno, a troca de informações... em muitos momentos faltou. Por isso que eu tive, também, muitos momentos de estresse. Então, eu acho que ele não tinha noção da importância que é esse estágio supervisionado (Entrevista Final).

A estagiária ainda acrescentou que não houve qualquer avaliação do professor supervisor sobre sua prática pedagógica, apenas tomou conhecimento de alguns pontos quando o professor preencheu os documentos de estágio.

Só na hora de entregar para ele a folha do estágio, da auto avaliação. Saiu preenchendo e depois só me deu a para eu assinar... onde eu tinha que assinar, e aí eu vi que ele é... ele deu um resultado positivo, um feedback positivo pra mim. É... só deixou.... só não foi tão

positivo na questão do controle de turma que realmente é a parte que é... mais difícil (risos) (Entrevista Final).

Quando perguntada se sofreu alguma correção nas aulas do professor supervisor, a estagiária relatou que não recebeu orientações de correção e que tiveram momentos que o professor se ausentou da quadra: *“Na primeira atividade que eu apliquei em grupo, ele não quis, ele não ficou perto também... ele até saiu da quadra. Ele foi lá para a secretaria, no dia. E... no dia que eu apliquei a atividade ele também se afastou* (Entrevista Final).

A estagiária Alice reafirmou na Entrevista Final que não houve qualquer planejamento apresentado a ela durante o período de estágio: *“Não havia (planejamento), não havia. Porque ele sempre disse para mim que criança tem que ficar solta para brincar”* (Entrevista Final).

Sobre os seus momentos de intervenção, a estagiária Alice relatou que após o período de observação das aulas, começou a ministrar aulas para diversas turmas. Nesses momentos de intervenção, o professor supervisor não apresentou muito interesse e se afastava do local das aulas.

Então, ele me deixou sozinha com as crianças. Ele se afastou. Ele... porque lá tem uma área que é aberta... e tem tipo um cantinho mais afastado que tem uns bancos... e ele ficou exatamente lá... mais afastado... que de lá ele não tinha como intervir, entendeu? Então, praticamente é como se eu tivesse ficado sozinha, na parte... externa (Entrevista Final).

Ainda sobre as intervenções, a estagiária relatou que ficou assustada quando o professor supervisor Alan pediu que assumisse a turma sozinha:

Então, é... eu fiquei um pouco assustada quando eu vi que ele falou: ‘Ah, pode ir lá. Eu vou ficar pra cá, que eu não sei o que’, eu olhei assim e eu: ‘Tá’. Então, eu me senti um pouco desafiada. E meu maior medo mesmo, não era medo... meu maior... sei lá, minha maior insegurança, na verdade... era na hora de controlar as crianças mesmo... controle de turma, o jogo de cintura todo, né, que tem que ter. Mas... pra aplicar a atividade eu não senti dificuldade, entendeu, e... porém, eu acho que o professor deveria estar lá é... se dispondo se caso (eu) precisasse de alguma coisa (Entrevista Final).

A estagiária Alice acredita que o comportamento do professor deveria ter sido outro, mais atencioso.

A estagiária acrescentou que na sua terceira intervenção nas aulas, contou com pouca orientação do professor supervisor para seu planejamento e que se organizou sozinha:

A minha terceira aula eu ministrei sozinha, fui orientada com pequenas ideias do tipo de atividade que eu poderia aplicar, e após isso eu montei o meu plano de aula sem o auxílio do professor orientador do estágio, e pensei nos materiais que eu iria utilizar, que foram bola e cones (Entrevista Final).

E continuou sobre a postura do professor supervisor nesse dia da sua intervenção: *“No momento dessa atividade o professor ficou afastado, observando de longe e tomando conta de*

*uma outra turma que ele juntou no dia e que separou da área onde eu aplicaria as atividades, pois eram turmas diferentes.” (Relatório Final).*

A estagiária comentou que o professor supervisor não pediu os planejamentos dessas aulas ministradas e que foram confeccionados por ela, com pouco suporte do professor supervisor:

Então, eu fui pensando... tudo na minha mente. Não, ele não quis. Ele não pediu (planejamento). Eu só escrevi... . Eu até levei para o dia da aula... Para dar uma ajuda. Inclusive é... dei uma lida no projeto (plano de aula), até a escola (percurso), dei mais uma lida...E aí eu guardei na minha mochila. Eu pensei: ‘Ah, se o professor quiser dá uma olhada no planejamento, né? Aí eu guardei (Entrevista Final).

Em uma avaliação da estagiária sobre seu período de estágio nessa escola, relatou que aprendeu muito sobre o relacionamento com os alunos: *“Uma coisa positiva é que eu... amadureci muito na questão de saber lidar com as crianças e... durante a forma como me posicionar... na hora de aplicar uma atividade, sabe? Porém, a estagiária não atribuiu esse aprendizado ao professor supervisor, concluindo que aprendeu sozinha: “Não, isso (amadurecimento) foi uma coisa que eu criei na hora de tentar me virar sozinha, entendeu? Isso daí foi uma forma que eu... foi como se eu tivesse me... auto-amadurecido sem aquele calorzinho (nervosismo), entendeu?” (Entrevista Final).*

De acordo com a estagiária, o relacionamento com a direção da escola e com os outros funcionários da escola foi pequeno, mas que sempre foi bem tratada por todos quando precisou entrar em contato: *“Eu não tive uma ligação direta com os funcionários, mas às vezes que eu tive contato com eles pra buscar alguma informação, pegar algumas assinaturas, eu fui bem tratada”.* Ela acrescentou ainda que a relação com os alunos foi muito boa e que teve momentos em que foi reconhecida por algumas crianças fora da escola. A estagiária relatou também que algumas vezes o professor apresentou a ela a necessidade de atuar na resolução dos conflitos entre os alunos: *“Aí ele (professor) vinha pra mim... e aí as crianças vinham pra mim, e eu tinha que resolver, aí acabava que eu tinha como um certo de uma...certa relação com as crianças, né, cito até da resolução de problemas. Então, as crianças pegaram mais intimidade comigo, né, com o tempo”.* Sobre os responsáveis dos alunos, a estagiária comentou que não teve acesso, apenas ouvia *“muitas histórias de estresse ligado a reclamações de acontecimentos das aulas, normalmente pelo fato de algum aluno se machucar ou rasgar alguma roupa durante a aula” (Relatório Final).*

Sobre o contato com outros professores da Escola A, a estagiária pontuou que foram raros e que a baixa comunicação do professor supervisor com os demais colegas, pode ter influenciado a sua interação com eles:

Já os demais professores da escola, estes costumavam ser educados comigo quando eu trocava alguma palavra com eles que, não era sempre, pois o professor docente não

mantinha essa ligação com os demais professores, apesar de ser considerado importante essa ligação do corpo docente, mas mesmo que a gente dividisse o mesmo espaço não havia diálogo (Relatório Final).

Quanto ao conhecimento do espaço físico, a estagiária Alice comentou que não foi apresentada a todos os espaços da escola pelo professor supervisor ou por qualquer outro funcionário da escola e que alguns lugares eram apresentados apenas quando solicitados por ela: *“Então, eu não tive um uma apresentação de todos os espaços da escola... muitas vezes eu tinha que perguntar pro professor onde era isso, onde era aquilo”*. Ela acrescentou que quando tinha um intervalo entre as aulas, ficava na quadra aguardando a próxima turma e que nem sempre o professor supervisor ficava no local com ela: *“A gente (estagiária, pesquisadora e raramente o professor) ficava na... quadra, logo na entrada da [escola A]... e eu ficava lá... esperando o tempo passar, fazer o que tinha que fazer”* (Entrevista Final).

A estagiária fez uma avaliação sobre a sua atuação no período de estágio e relatou que o seu temperamento facilitou a sua inserção na escola, pois afirmou já ter facilidade no trato com crianças e julgou ter sido uma experiência de saldo positivo. Sobre as atividades ministradas:

No geral, eu acho que o andamento da aplicação das atividades foram bem e... legais, eu acho que minha maior dificuldade mesmo foi... na hora de controlar turma, né, porque como são crianças pequenas, tem aquela... aquele alvoroço todo, aquela energia toda, mas... no meu primeiro, no primeiro, na primeira atividade...(Entrevista Final).

Sobre os conteúdos apreendidos nesse processo do estágio supervisionado, com o professor supervisor Alan na Escola A, a estagiária Alice afirmou que aprendeu a lidar com situações estressantes e a ser mais profissional, mesmo naqueles momentos onde discordava de algo:

*“É... saber lidar com momentos estressantes e ser profissional nesses momentos (risos) porque... porque, às vezes, eu tava (estava) lá, com raiva e estressada e eu não demonstrava, eu agia normal como tinha que agir durante o estágio, falava com ele de forma normal, não passava pra ele que eu tava (estava) com raiva. E... eu acho que amadureceu muito minha visão dentro... do que é ser professor na... não o que é ser professor porque eu acho que é muito mais do que tá (está) ali no estágio, mas pelo menos uma... uma pequena noção do que é a realidade (Entrevista Final).*

De acordo com a estagiária, não foi realizado qualquer contato entre a universidade e a escola até o final do período de estágio e reafirmou que considera muito importante um relacionamento mais próximo entre as instituições para o melhor andamento do estágio:

*É como, eu... parece que... parece que é só eu e o professor ali e não tem ninguém... tomando conta do lado de fora. Essa é a sensação que você tem? É! Porque, tipo, as coisas acontecem, o professor responsável (orientador)... e a Rural não tá sabendo quem é o professor, como é que eu tô (estou) sendo tratada... se eu não falasse, não contasse como é que tá (está)... é na realidade com ele, ninguém ia saber, entendeu? Então, eu acho que a relação da universidade com a escola... é muito limitada, entendeu? E deveria ter uma melhor atuação (relação), acho que até pra, pra um... melhor andamento do estágio, até em função de organização e isso tudo (Entrevista Final).*

Para a estagiária entrevistada é importante para o sucesso do estágio supervisionado que o professor supervisor participe “*ajudando de alguma forma no direcionamento das práticas do estagiário e divida conhecimentos*” e sugere ao professor supervisor Alan que:

Eu diria que ele deveria fazer um plano de aula para essas crianças, pra que elas tenham um melhor desenvolvimento, né, um melhor aprendizado. É... diria que ele deveria é... se portar melhor com os estagiários porque vão ser futuros professores... professores como ele, e que se ele acha que ele não teve uma, talvez, não sei... uma boa formação, ele deveria dar esse tipo de formação digna pra quem estiver chegando na escola, né, porque... como... estagiário não tem que sofrer, estagiário tá (está) lá pra aprender, né. Então, acho que ele deveria ter um pouco mais de empatia nessa questão do lado profissional (Entrevista Final).

Certo dia, a estagiária Alice concedeu uma Entrevista Extra a pesquisadora e relatou como ficou desapontada com o professor supervisor, por este ter se ausentado da escola sem avisá-la com a devida antecedência: “*Eu fiquei mofando. Aí ele foi e eu fiquei esperando esse tempo todo... e... agora eu fico imaginando se eu tivesse chegado na escola... antes de encontrar... depois dele sair... eu ia ficar sem informação nenhuma... entendeu? Porque ele não me avisou*” (Entrevista Extra). Tal situação foi relatada também na sua Entrevista Final e em seu Relatório Final de Estágio como o “*lado negativo*” desse estágio.

A estagiária pontuou que quando essa situação ocorreu, estava chegando à escola e o professor Alan estava saindo no horário do estágio, alegando precisar resolver questões pessoais. A estagiária alegou ter ficado chateada por não ter sido avisada e por ter saído de casa sem necessidade naquele dia, tendo de aguardar na universidade o professor Alan retornar à escola.

E o lado negativo disso é que, por umas duas vezes eu cheguei, uma vez eu quase cheguei no colégio, e o professor tava (estava) saindo... e ele não tinha me avisado que ele ia sair do colégio... eu tava (estava) chegando no colégio, e ele tava (estava) saindo. Eu encontrei com ele assim, na surpresa. Eu olhei assim, aí... aí eu olhei assim, eu falei assim: ‘Ué, professor, o que que aconteceu?’ Aí ele: ‘Ah não, é que eu vou ali resolver uma coisa, 14h40min eu tô (estou) de volta’. Eu cheguei lá era o que (pensando), umas 12h45min mais ou menos, meu estágio era 13h, aí... eu: ‘Ué, professor. O estágio. É 13h, não sei o que, aí ele: ‘Ah... daqui a pouco eu volto, vou resolver uma coisa, 14h40min eu tô (estou) de volta. Aí eu pensei: ‘Eu saí de casa à toa essa hora’. Aí fui pra dentro da Universidade, fiquei esperando. Ele podia ter me mandado uma mensagem. E eu deixei de fazer um monte de coisa, que eu tava (estava) enrolada em casa... e eu larguei tudo pra poder terminar depois (Entrevista Final).

De acordo com a estagiária Alice, em outra ocasião, ela estranhou o pequeno movimento de crianças na escola e perguntou a uma senhora sobre o que havia acontecido, sendo então informada que as aulas haviam sido suspensas por falta d’água:

Teve uma vez que eu fui com o Jorge (nome fictício de um amigo) lá no colégio e... a gente chegou lá... não tinha ninguém. A gente ficou sem saber o que tava (estava) acontecendo. Aí perguntamos pra uma das, acho que era professora... tava (estava) uma moça lá, a gente perguntamos (perguntou) o que tinha acontecido, que a escola tava (estava) vazia, só tinham alguns professores, a diretora... aí ela falou que desde... o início

da manhã que tava (estava) sem água, no CAIC (escola), e que 12h eles tinham dispensado os alunos... e a gente (estagiária e pesquisador) não sabia, não sabia de nada... saí de lá estressada (Entrevista Final).

Sobre essas situações, a estagiária criticou a *“falta de respeito”* e *“falta de comunicação”*:

Pois é... e não teve aviso prévio, eu acho que... faltou muito uma falta de comunicação, eu acho que até um tipo de falta de respeito com o estagiário, entendeu? É como se assim: ‘cada um se virado jeito... você se vira do seu jeito...e eu faço o meu lado, entendeu? Eu fico pensando: ‘Imagina se eu morasse longe? Como é que ia ser para mim, entendeu? Porque dia de semana eu tô (estou) em X (cidade da escola) [nome da cidade ocultado] (Entrevista Final).

Ao finalizar seu Relatório Final, a estagiária definiu esse estágio como *“uma experiência enriquecedora”* e apontou alguns dos problemas que teve com o professor supervisor Alan. *“Tive dificuldades em relação ao meu relacionamento com o professor supervisor, pois muitas vezes ele não se demonstrava interessado em compartilhar conhecimentos comigo, muitas vezes se mostrou ausente (...)”*, ao comentar sobre a importância do estágio supervisionado para sua formação acadêmica e o papel indispensável do professor supervisor nesse processo:

Pudemos concluir toda a importância do estágio supervisionado para o futuro professor na graduação, e como é essencial para a formação de sua identidade como futuro docente as vivências do dia a dia na escola junto ao professor supervisor, pois serve como um exemplo para o estagiário, já que é o professor docente que lhes transfere toda a bagagem de conhecimento em anos de docência (Relatório Final).

#### **4.2.6 O estágio sob a observação da pesquisadora**

As observações ocorreram no ambiente escolar A, em momentos de práticas pedagógicas, com devida autorização da gestão escolar, do professor supervisor Alan e da estagiária Alice. Essas observações começaram após o início do período de estágio, devido a questões burocráticas, porém esse momento de recepção foi resgatado pelos relatos dos participantes nas entrevistas e no relatório final.

O PS, na primeira semana do período de observações, ficou um pouco tenso e manifestou dúvidas acerca da função da pesquisadora, porém com muita conversa e explicação, o PS entendeu que poderia seguir o ritmo normal de suas aulas e, a partir da segunda semana, aparentou ter ficado mais à vontade e tranquilo com a presença da pesquisadora nas aulas. Na terceira semana de observação, o PS não se incomodava mais com a presença da pesquisadora durante o desenvolvimento do estágio.

O PS sempre apresentou muita cordialidade e interesse em participar da pesquisa, recebendo muito bem a pesquisadora para as entrevistas e observação nas aulas. Não apresentou qualquer dificuldade ou impasse nos contatos telefônicos e mensagens para agendamentos prévios de visitas.

As aulas, majoritariamente, ocorriam em apenas uma dessas quadras, que se localizava na parte de trás da escola – era mais uma espécie de pátio, comumente chamada de área externa pelo PS e pela estagiária. Isso acontecia porque a quadra que se localizava na frente da escola e que era coberta, estava sendo utilizada por outro professor. Enquanto a pesquisadora esteve presente, essa quadra foi utilizada apenas uma vez e o PS precisou pedir que os alunos de outras turmas não atrapalhassem a aula.

Os momentos de observação *in loco* ocorreram às quintas-feiras de 13h às 15h30min e, nesse período, a pesquisadora observou o desenvolvimento das aulas com duas turmas do 1º e 2º anos do primeiro segmento do ensino fundamental. As turmas tinham cerca de 20 alunos cada. É importante dizer que a estagiária realizava o estágio também às sextas-feiras para integralizar sua carga horária de estágio, porém não ocorriam observações nesse dia da semana. O PS, em alguns momentos, sobretudo nos intervalos, conversava com a pesquisadora e a estagiária acerca da sua trajetória profissional e os níveis de ensino que mais sentia apreço. Em algumas dessas conversas, ele sempre dizia que na educação infantil e nas turmas em que a pesquisa estava sendo desenvolvida (Ensino Fundamental I) não tinha como passar muito conteúdo, pois, segundo ele, criança deve brincar. Por mais que o PS justificasse o seu desenvolvimento das aulas, não era possível notar uma intencionalidade no que fazia. Um exemplo disso foram os momentos em que a estagiária chegava à escola e o PS não conversava com ela sobre o conteúdo do dia.

Durante as aulas, os alunos subiam em árvores do entorno, o que poderia ocasionar acidentes, e a estagiária se deslocava pelo espaço para tentar controlar as crianças enquanto o professor pouco se mobilizava. Em alguns momentos, principalmente nas aulas externas, o professor ficava sentado no gramado da quadra de trás, mexia no celular enquanto os alunos brincavam, com rara mediação do docente.

No que diz respeito aos materiais, foi possível observar o professor levando apenas uma bola de borracha e dessa forma, não foi possível saber se a escola possuía outros materiais para as aulas práticas. Em nenhum momento o PS ou a estagiária relataram que essa limitação dos materiais prejudicava o decorrer das aulas.

O professor Alan e a estagiária Alice apresentaram uma relação de educação e respeito e foi possível observar breves diálogos entre o professor supervisor e a estagiária em alguns intervalos entre as aulas. A estagiária, como declara na entrevista, tinha uma relação muito boa com os alunos, tendo em vista que ela ficava toda parte do estágio com eles, desenvolvendo algumas atividades voluntariamente. Todavia, com o professor, por mais que se respeitassem, a estagiária não parecia estar satisfeita com o desenvolvimento das aulas e orientação no estágio.

O relacionamento da estagiária com os funcionários não era frequente e foi possível observar apenas um “bom dia” e “boa tarde”.

A dinâmica das turmas para as aulas de Educação Física era organizada com o PS e a estagiária acompanhava os alunos da sala para quadra e vice versa. O PS dividia a turma em filas de meninos e meninas.

Do instante que a estagiária chegava à escola até o final das aulas observadas, o PS destinou alguns momentos para conversas sobre planejamento das aulas. A estagiária ia para o ambiente escolar sem ao menos saber qual conteúdo o professor ministraria e, ainda, durante muitas aulas, o PS esteve distante dos alunos e da estagiária.

No local do estágio, a estagiária sempre esteve atenta aos conflitos dos alunos, assumindo o protagonismo nas aulas, mesmo sem um planejamento prévio. Como o PS não apresentava um planejamento, a estagiária Alice exercia mais a função de acompanhar os alunos e passar o tempo com eles. O PS Alan não tinha o hábito de fazer qualquer orientação ou sugestão de ação ao estagiário em momento de aula. Esse momento de orientação também não ocorreu no início ou no final de cada aula, mesmo tendo tempo para isso, pois as turmas eram pequenas e não muito agitadas.

Embora o PS Alan fosse respeitoso com a estagiária, a pesquisadora presenciou um evento que merece atenção: em um dia que o abastecimento de água no município foi interrompido, a gestão escolar liberou os alunos às 12h. Posto isso, esperava-se que o PS informasse à estagiária que as aulas do período vespertino estavam suspensas, mas não foi o que aconteceu. Tanto a estagiária como a pesquisadora foram à escola e receberam a informação de que o PS já tinha ido embora. É importante ressaltar que o PS tinha o contato de *whatsapp* da estagiária, porém não realizou qualquer aviso sobre sua ausência naquele dia. Tal fato traz a indagação de um possível desinteresse com a estagiária, porém, pode ter ocorrido apenas um esquecimento pontual.

Em outro dia de observação, a estagiária relatou que ao chegar para seu estágio, foi surpreendida com o PS Alan saindo das dependências do colégio. Quando a estagiária perguntou o que estava acontecendo, o professor Alan explicou que precisaria sair para resolver assuntos pessoais e que tinha esquecido de avisá-la. A estagiária permaneceu na escola aguardando o retorno do professor para finalizar seu horário de estágio daquele dia.

O PS relatou saber de sua “autoridade” perante os trâmites legais do estágio, como o cumprimento da carga horária mínima, frequência adequada na semana e intervenções práticas nas aulas que o estagiário deve cumprir. Inclusive, em sua entrevista, fez uma crítica em relação à falta de aproximação dos professores orientadores do estágio com a escola, pois ele acredita que seria muito mais proveitoso esse momento complexo que é o estágio.

Durante as observações não foi presenciado pela pesquisadora um convite à estagiária para participar de nenhum evento escolar ou atividade como Reunião de Responsáveis e Conselho de Classe, ou seja, sua socialização profissional se resumia à sala de aula e ao pátio.

O PS observado não apresentava ter preocupação com a formação da estagiária e nem em fornecer conhecimentos para que ela aprendesse as dinâmicas e realidades do cotidiano escolar para construção da sua identidade profissional docente.

#### **4.2.7 Proposta de categoria de Indicadores de Acolhimento**

É importante ressaltar que nenhum processo de estágio está totalmente inserido em um Modelo de Receptividade do estagiário na escola, pois as atitudes e posturas que o PS tem com seus estagiários são frutos de um contexto de vivências pessoais e profissionais que formaram a sua identidade docente (NÓVOA, 2011).

A falta de formação específica do professor supervisor para saber receber, acolher e orientar seus estagiários, também, influencia a receptividade do PS ao seu estagiário, pois recebem estagiários em suas aulas sem possuir o conhecimento adequado para aquela prática, repetindo sem a devida reflexão, concepções de sua formação e/ou modelos de formação presentes no campo educacional (BENITES, 2012).

Logo, um professor supervisor, ao longo do estágio, pode desenvolver ações e discussões com o estagiário oriundas do Acolhimento Modelar e/ou Acolhimento Formativo e até mesmo da Recepção, entre outras formas, dependendo das diversas influências e socializações que vivenciou.

Esta pesquisa buscou levantar indicadores de acolhimento que mais se destacaram na relação do PS com o seu estagiário nesse processo de formação na escola e que nortearam os trabalhos desenvolvidos por eles.

De acordo com os dados coletados e as relações observadas do professor supervisor Alan e da estagiária Alice, pode-se observar um acolhimento com mais indicadores do modelo Recepção. Mesmo que, por muitas vezes, o PS apresentasse um discurso positivo sobre o estágio e sua importância para a formação da licencianda, na sua prática de orientador com a estagiária pôde-se observar ausências e poucas oportunidades de conversas e vivências sobre a prática docente. Por isso, o professor supervisor Alan apresentou diversos elementos indicadores ao Modelo de Receptividade da Recepção.

Para nortear essa pesquisa e organizar a discussão dos dados, será proposto uma sistematização de ações adotadas no estágio chamados aqui de Categoria de Indicadores.

#### **4.2.8 Discussão dos Dados da Escola A**

As Categorias de Indicadores foram utilizadas nesse trabalho para organizar e dar suporte aos momentos de análise e reflexão dos dados coletados. Serão apresentados e discutidos, a seguir, informações referentes à Escola A e seus participantes.

##### **4.2.8.1 Chegada do estagiário**

A estagiária Alice realizou o estágio na Escola A que integra o complexo da universidade pesquisada e, frequentemente, recebe graduandos para diversas atividades acadêmicas, como estágios e aulas práticas.

A estagiária Alice teve atenção da equipe gestora para assinatura dos documentos de estágio e sobre algumas informações importantes da escola. Os horários dos professores supervisores foram apresentados e a estagiária pôde escolher o horário que se adequasse à sua grade de disciplinas acadêmicas.

A estagiária cumpriu seus horários de estágio curricular, sob a supervisão do professor Alan, em aulas de Educação Física de turmas do ensino fundamental I.

A apresentação do espaço físico da escola foi realizada pelo professor supervisor Alan, porém se limitou as áreas que a estagiária mais frequentaria como: a quadra coberta, área externa (pátio) e algumas salas de aula. A sala dos professores e outros ambientes de socialização dos professores não foram apresentados à estagiária, o que contribuiu para que a estagiária se sentisse menos pertencente e acolhida no ambiente escolar A pelo professor supervisor e por outros professores/funcionários da escola.

De acordo com Araújo (2014), a Recepção é quando o estagiário tem apenas a autorização de entrada na escola para cumprir o seu estágio, mas não evolui para um estágio de maior acolhimento e acompanhamento do licenciando junto ao seu professor supervisor.

É fundamental que o estagiário seja acolhido e tratado com atenção por todos desde o momento de sua chegada à escola, pois é, muitas vezes, o primeiro contato com a escola e o estagiário pode apresentar inseguranças e timidez nesse início.

O horário de realização do estágio deve ser acordado entre o estagiário e a direção da escola, de forma que o horário das aulas na universidade seja devidamente preservado.

A função que o estagiário é destinado a cumprir durante a sua carga horária na escola merece destaque, pois o futuro professor de Educação Física deve desenvolver atividades relacionadas ao seu curso de licenciatura e sob a supervisão de um profissional devidamente habilitado. Ou seja, o estagiário não deve ser colocado para assumir turmas sem supervisão e/ou realizar atividades que condizem com outras funções dentro da escola (SARTI, 2009).

#### 4.2.8.2 Apresentação de Instrumentos Pedagógicos (escola/professor)

A estagiária Alice tinha conhecimento da escola A por fazer parte do complexo da universidade e sempre receber estagiários de diversos cursos de licenciatura da instituição superior participante desta pesquisa.

Ao receber a estagiária, o professor supervisor Alan se preocupou com o interesse e disposição da mesma em realizar aquele estágio e, também, deixou claro que não exigiria planejamentos das aulas que a estagiária iria ministrar. A estagiária demonstrou interesse em dividir os planejamentos das aulas feitos por ela, mas o professor Alan insistiu repetidas vezes de que não era necessário, ao insistir apenas em uma conversa sobre o que seria dado.

O professor Alan não apresentou qualquer planejamento ou organização bimestral da escola para a estagiária, a fim de que ela possuísse mais informações sobre aquele ambiente escolar, onde cumpria seu estágio curricular supervisionado. O PS também não apresentou planejamento anual ou bimestral sobre suas aulas à estagiária, sempre alegando que apontava a temática e a estagiária tinha total liberdade de pesquisar.

Na prática do dia a dia, o professor supervisor não parecia seguir um planejamento, deixava as crianças brincarem livremente em um espaço aberto, sempre alegando que crianças do ensino fundamental I não precisariam utilizar a quadra oficial da escola e deveriam brincar explorando os espaços.

A ausência da apresentação dos planejamentos ou documentos diretivos da escola/aula do PS à sua estagiária prejudicou que a mesma desenvolvesse atividades mais direcionadas, pois desconhecia a identidade da escola e as necessidades dos alunos. Além disso, a estagiária também careceu de suporte para construção e análise de planos de aula das intervenções (todos os estagiários são obrigados a apresentar, no final do estágio, um documento a Comissão de Estágio com os Planos de Aulas das três intervenções realizadas na escola).

De acordo com Araújo (2014), faz parte de um acolhimento interessado na formação do estagiário que a escola e/ou professor supervisor apresente os documentos diretivos de planejamentos ao estagiário, pois serão eles que darão base para o estagiário compreender a realidade da escola e propor atividades que sejam direcionadas as demandas específicas daqueles alunos.

Um dos elementos da receptividade que denotam que o estágio curricular supervisionado não se desenvolveu para além da Recepção, é o professor supervisor não demonstrar interesse em dividir seus planejamentos organizacionais com seu estagiário e/ou participar da elaboração dos planos de aula do estagiário (ARAÚJO, 2014).

#### 4.2.8.3 Disponibilidade de Comunicação e Demonstração de Interesse do PS na Formação do Estagiário

O professor supervisor Alan disponibilizou desde o início do estágio seu número pessoal de celular (*whatsapp*) para a estagiária Alice, para que ambos pudessem se comunicar quando necessário.

Porém essa ferramenta de comunicação não foi utilizada de forma eficaz e produtiva, visto que por duas vezes (que foram acompanhadas nas visitas da pesquisa), a estagiária se dirigiu até escola A e foi surpreendida com a suspensão das aulas naqueles dias, sem aviso prévio. Essas situações foram decorrentes da falta de abastecimento de água à escola, o que provocou a suspensão das aulas do turno da tarde, e da ausência do PS da unidade escolar por problemas pessoais que exigiam a sua atenção.

Em relato sobre essas situações, o PS disse ter esquecido de avisar a estagiária que as aulas se encontravam suspensas e justificou que, quando está sozinho não precisa se lembrar de avisar nada a ninguém, porém que nas aulas com a presença de estagiários, precisa se dedicar um “pouquinho” mais para se lembrar de dar os *feedbacks*.

Sobre participar na formação da estagiária, o professor não pareceu saber exatamente o que desenvolver na orientação de um estagiário e não demonstrava muito interesse nas atividades ou demandas da estagiária nas aulas.

Ocorreram, também, situações de ausência do PS nas aulas ministradas pela estagiária, sob a justificativa de resolver problemas na secretaria ou até mesmo, de deixar a estagiária aprender com a prática e só contar com a intervenção dele em casos que fugissem ao controle.

Esses momentos de afastamento do PS nas aulas ministradas e planejadas pela estagiária a causaram bastante insatisfação e insegurança, pois desejava que o professor estivesse mais próximo dando todo o suporte necessário nas aulas.

De acordo com Araújo (2014), o professor supervisor que demonstra interesse na formação do estagiário se coloca disponível e acessível para uma relação de parceria dentro e fora dos muros da escola. Esses meios de comunicação estreitam os laços e aproximam o PS de seu estagiário, facilitando a tirada de dúvidas, orientações e conversas sobre o meio docente.

Na Recepção, o estagiário tem pouco ou nenhuma oportunidade de acesso ao professor supervisor, motivado pelo desinteresse ou ignorância do PS, sobre o ato de acolher e orientar um estagiário. Nesses casos, o estagiário tende a ter uma relação distante e impessoal com seu professor supervisor, não tendo muito espaço para orientações e discussões mais aprofundadas. Sob essas motivações também, na Recepção, o PS não demonstra muito interesse em participar do

processo formativo do estágio, muitas vezes, considerando que autorizar a estada do estagiário em suas aulas e assinar os documentos de estágio seria uma participação efetiva (ARAÚJO, 2014).

#### **4.2.8.4 Expectativas do PS com o Estagiário**

O professor supervisor Alan relatou que a primeira coisa que faz quando um estagiário chega a sua aula é perguntar as reais intenções dele com aquele estágio e com a carreira de professor de Educação Física. Acrescentou também que explica todas as dificuldades da carreira docente e as problemáticas do dia a dia de uma escola.

A expectativa do professor supervisor Alan com seu estagiário é que ele tenha envolvimento com seu estágio e que tenha postura profissional respeitável durante esse tempo que ficará na escola. O PS acredita que o estagiário deva demonstrar interesse e compromisso com a sua própria formação profissional e que procura avaliar essa dedicação quando acolhe os estagiários.

O professor supervisor Alan acredita que a sua atuação e dedicação ao estágio depende da demonstração de interesse pelo estágio e pela profissão, pois ele acredita que quanto mais dedicação o estagiário tenha, mais envolvimento ele terá com o estágio. O PS considerou que a estagiária Alice, mesmo bastante insegura e inexperiente, demonstrou interesse com seu estágio e foi esforçada ao longo do período de estágio supervisionado na escola A.

De acordo com Araújo (2014), na Recepção, o professor supervisor não tem qualquer expectativa com seu estagiário, pois não apresenta interesse em participar e auxiliar na formação do estagiário. Nesses casos, o PS não se dedica a motivar e incentivar o estagiário, que por muitas vezes, pode ignorar o cotidiano docente e sentir-se inseguro (BUENO e SOUZA, 2012).

O professor supervisor Alan, em relação às expectativas de sua estagiária Alice, apresentou elementos de um Acolhimento Modelar, ou seja, o PS manifestou a expectativa de que o estagiário apresentasse interesse e o procurasse com objetivo de aprender o que tem para ensinar (CARVALHO, 2000).

#### **4.2.8.5 Participação do estagiário no cotidiano escolar**

A estagiária Alice, no início do seu estágio supervisionado, pediu ao professor supervisor Alan que ficasse um tempo observando as aulas por ainda se achar insegura para intervir com os alunos. O professor supervisor Alan acredita que todo estagiário chega inseguro e que os erros são muito comuns no início do estágio.

Nas aulas observadas, a estagiária Alice teve uma participação bastante expressiva e atuante, pois após os dias dedicados a observação, se dedicou para planejar e intervir com o professor Alan nas aulas. Porém, muito dos planejamentos de suas intervenções não foram

discutidos com o PS, por ele julgar não ser necessário esse tipo de cobrança no estágio e suas intervenções foram realizadas sem qualquer supervisão do professor supervisor Alan. O PS defendeu a opinião de que a estagiária precisava de espaço e autonomia e que só iria intervir na aula caso algo desse errado. Alan acrescentou que não avisou nada aos alunos e deixou que eles fossem naturais, para que a estagiária vivenciasse a realidade escolar.

O estagiário desenvolveu sua participação nas aulas de forma autônoma, baseada no seu interesse em vivenciar aquela nova experiência docente. A atuação da estagiária se limitou às aulas ministradas no ambiente da quadra/ pátio e não teve a oportunidade de vivenciar outros ambientes da escola e/ou eventos pedagógicos.

De acordo com Araujo (2014), um dos elementos que convergem com os ideais da Recepção é a não integração do estagiário pelo PS ao dia a dia escolar, como participação nas aulas sob a sua supervisão, planejamentos e culminância de eventos escolares.

Ao estagiário, o PS deve conceder a oportunidade de realizar intervenções nas aulas e assumir o protagonismo das atividades, porém sempre devidamente supervisionado por um profissional capacitado. Com isso, o estagiário não deve assumir o cargo de professor efetivo de turmas com o objetivo de substituir uma carência de professores na escola e/ou ser utilizado para “descanso” do professor supervisor, essas posturas são contra a lei que regulamenta o estágio supervisionado nos cursos de licenciatura. Além disso, com essas ações, a escola e/ou professor supervisor demonstram um desinteresse pela formação profissional de qualidade do estagiário (ARAÚJO, 2014).

#### **4.2.8.6 Socialização Profissional do Estagiário**

A socialização profissional da estagiária Alice ocorreu de forma bem limitada, o que causou alguns momentos de frustração e desânimo à estagiária. O professor supervisor Alan apresentou apenas alguns espaços da escola, em especial a quadra, o espaço aberto (pátio) que realizava a maioria das suas aulas e sala de materiais. Porém, outros espaços importantes, como a salas dos professores, a direção e a coordenação da unidade escolar não foram apresentados por ele. A estagiária Alice não vivenciou as conversas informais ou os debates importantes que ocorrem rotineiramente em uma sala dos professores, pela falta de convite do PS para socializar nesses espaços.

Não houve convites pelo PS para participar de planejamentos e/ou execuções de eventos na escola, assim como, de participar de reuniões pedagógicas (Reunião de pais, Conselho de Classe e outros). A estagiária Alice, também, não teve oportunidade de conviver com outros professores e funcionários da escola, tendo apenas socializado com os profissionais que assinaram seus

documentos de estágio e/ou a pedido do PS para resolver alguma coisa (a solicitação de material esportivo ou a comunicação de uma mensagem).

Quando o estagiário de licenciatura tem a oportunidade da socialização profissional, ele acessa os símbolos e os hábitos inerentes ao cotidiano escolar e isso o permite refletir sobre o conhecimento inerente a sua socialização antecipatória (família, amigos e sua própria vida escolar). Ao retornar à escola na função de futuro docente, o estagiário precisa ressignificar sua socialização escolar e, com isso, enfrentar um novo desafio de “prestar atenção nos fenômenos da sala de aula em relação ao qual ele possui expectativas ou representações fortes” (TARDIF, 2012, p.70).

Através dessas trocas de experiência e vivências com diversos atores da sua profissão, o estagiário pode refletir e construir a sua própria identidade profissional.

[...] a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no ato do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida. O indivíduo nunca constrói [ sua identidade] sozinho: depende tanto dos julgamentos dos outros, como das suas próprias orientações e auto definições. [Assim] a identidade é produto de sucessivas socializações (DUBAR, 1997, p.13)

Para Araújo (2014), a socialização profissional profícua ao estagiário permite a vivência de momentos de construção profissional e a compreensão, de forma antecipada, do seu futuro local de labor. Logo, quando essa socialização profissional não é priorizada no estágio, o estagiário carece de momentos importantes de interação com outros agentes e eventos da escola. No modelo de receptividade Recepção (ARAÚJO, 2014), o estagiário tem pouca ou nenhuma oportunidade de vivenciar momentos de interação com outros profissionais de educação e de participar do cotidiano escolar. Essa condição prejudica o desenvolvimento profissional do estagiário, pois o limita de interagir e aprender com outros profissionais mais experientes o *hábitus* da profissão escolhida.

#### **4.2.8.7 Orientação e *Feedbacks***

Os momentos destinados a orientação e *feedbacks* do professor supervisor Alan à estagiária Alice, sobre suas intervenções, foram bem limitados, o que causou insatisfação a estagiária. O PS não demonstrou interesse em construir e analisar o planejamento das aulas de intervenção junto à estagiária, nem mesmo diante dos planos de aulas apresentados por Alice. Além disso, participou pouquíssimas vezes das aulas ministradas pela estagiária, mantendo-se afastado com frequência do local das aulas.

As orientações do PS se limitavam a pequenas considerações sobre a adequação da faixa etária dos alunos à atividade que proposta pela estagiária ou alguma informação sobre a dinâmica

de aula acarretar algum problema à escola. As orientações do PS sobre as questões inerentes ao mundo escolar foram breves e, algumas vezes, com frases desanimadoras à estagiária. Nas entrevistas, a estagiária recordou que Alan a indagou, no início do estágio, se ela ainda não tinha desistido da profissão de professora de Educação Física. A estagiária comentou ter ficado bastante incomodada com o comentário, principalmente, oriundo do seu professor supervisor de estágio.

Os *feedbacks* são avaliações que o PS proporciona ao seu estagiário, com o objetivo de analisar e contribuir para uma prática docente reflexiva. (PIMENTA; LIMA, 2009). Sobre essa ideia, o professor supervisor Alan não tinha o hábito de avaliar e discutir as ações realizadas pela estagiária e realizou comentários apenas no preenchimento obrigatório do documento de estágio.

Nos indicadores da Recepção (ARAÚJO, 2014), no quesito sobre orientações e *feedbacks* ao estagiário, o professor supervisor não demonstra a preocupação em integrar a sua rotina momentos destinados a conversas reflexivas com o estagiário sobre a prática e a dinâmica docente. Ou seja, o estagiário cumpre sua carga horária de estágio na escola, mas não lhe é proporcionado momentos de discussão e aprendizagem sobre as vivências experimentadas no estágio.

Segundo Araújo (2014), o professor supervisor deve estar sempre atento e participativo no acompanhamento do seu estagiário, observando as suas indagações e atuações nas aulas, para que assim, possa proporcionar orientações e *feedbacks* relevantes à futura vida profissional do estagiário.

#### **4.2.8.8 Relacionamento entre Professor Supervisor e Estagiário**

O bom relacionamento profissional entre o professor supervisor e seu estagiário é fundamental para que haja proximidade e parceria no período do estágio curricular supervisionado. No relacionamento entre Alan e a estagiária Alice ocorreram algumas situações divergentes, interferindo na percepção de ambos sobre o período do estágio supervisionado. Na percepção do PS, o relacionamento com a estagiária foi excelente, mas Alan crê que se a estagiária tem o interesse de seguir a carreira de professora de Educação Física, precisa desenvolver mais sua confiança e o seu conhecimento sobre a rotina pedagógica de uma escola. A convicção do PS é a de que a estagiária teve oportunidades de vivenciar um pouco de tudo dentro da escola e que teve um desempenho positivo, apesar da insegurança manifestada por Alice no início.

Sobre o seu papel como professor supervisor, Alan destacou que foi um conselheiro para Alice e que acompanhar um estagiário exige muita responsabilidade, pois precisaria orientar e oferecer *feedbacks* para um profissional em formação em suas aulas. O PS acredita ter sido visto

pela estagiária Alice como um amigo, alguém que estava disposto a ajudar e a contribuir com a sua formação e que gostaria de ter tido mais tempo para dispor com a estagiária.

A estagiária Alice, por sua vez, concebeu a relação com o PS de forma bem diferente. A estagiária relatou que Alan não demonstrou muito interesse pelo estágio e/ou pela sua formação profissional. Sobre suas intervenções, a estagiária comentou que o professor supervisor não a supervisionava, deixando-a sozinha com os alunos na quadra, sob a justificativa de que isso a deixaria mais autônoma e confiante. A estagiária não acredita que Alan tenha condições de ser professor supervisor de estágio curricular, pois ele não demonstra ter conhecimento e/ou interesse em guiar um estagiário. Na opinião da estagiária, o PS sempre deixou seus alunos soltos, sem um planejamento certo a seguir, o que prejudicou as intervenções da estagiária.

O relacionamento do PS e da estagiária Alice se desenvolveu de forma distante e pouco atenciosa por parte de Alan. O professor supervisor não demonstrou muito interesse e/ou conhecimento em orientar e acompanhar a estagiária no seu processo de estágio, não oportunizando orientações e reflexões sobre as práticas que estavam sendo vivenciadas. Ao se ausentar dos momentos de intervenção da estagiária Alice, o PS a deixou mais insegura com relação à turma e não presenciou situações importantes das aulas para discutir e dialogar com a estagiária posteriormente.

O professor supervisor Alan não oportunizou momentos de vivência em outros espaços escolares a estagiária, que nos intervalos entre as aulas, aguardava o PS na quadra. Mesmo tendo disponibilizado a estagiária Alice o seu contato pelo *whatsapp*, o PS não fez uso da ferramenta para orientação e informação, esquecendo algumas vezes de avisar à estagiária dos dias que as aulas haviam sido suspensas.

De acordo com Araújo (2014), na Recepção, o professor supervisor se mantém distante de seu estagiário, não demonstrando interesse em participar do processo de formação profissional do estagiário, em uma relação de pouca parceria e companheirismo. Quando o estágio não evolui para além da Recepção, o PS não oferece supervisão dos momentos de intervenção do estagiário, se ausentando do espaço para resolver outras questões profissionais e/ou pessoais. Com isso, não constrói elementos suficientes para uma análise crítica para *feedbacks* com seu estagiário.

Para Araújo (2014), o estagiário não deve realizar seu período de estágio curricular na escola que não apresenta supervisão de um profissional habilitado para tal e sob nenhuma hipótese deve assumir sozinho às turmas por qualquer motivo ou necessidade da escola.

#### **4.2.8.9 Reflexão sobre a prática docente no cotidiano escolar**

No período de estágio curricular da Alice sob a supervisão do professor Alan, não foram percebidos muitos momentos destinados a reflexão sobre prática docente.

O professor Alan não disponibilizava momentos com a sua estagiária para refletir sobre as vivências pedagógicas no estágio ou situações importantes que foram presenciadas durante as aulas.

Discussões sobre o cotidiano e questões problemáticas docentes, também, não eram muito discutidas entre o PS Alan e sua estagiária. O PS até comentava sobre algumas dificuldades da vida de professor, mas não abordava esse assunto na perspectiva de refletir e/ou incentivar a estagiária, mas sim de apresentar as dificuldades do cotidiano docente.

A estagiária relata em sua entrevista final que o PS Alan a recebeu perguntando se ainda não havia desistido da profissão. Essa atitude a deixou bastante chateada e descontente com a postura do professor supervisor de estágio.

De acordo com Araújo (2014), no acolhimento Formativo (BUENO E SOUZA, 2012), o professor supervisor deve proporcionar momentos de reflexão sob o conceito da invisibilidade. Ou seja, o estagiário não imita seu PS, ele vivencia e reflete junto ao seu PS sobre as dinâmicas docentes e constrói sua identidade docente a partir de reflexões e discussões experimentadas.

Na Recepção (ARAÚJO, 2014) o estagiário fica limitado a autorização de permanência para a realização das horas de estágio, mas não há integração com o ambiente escolar e uma maior atenção na formação profissional desse futuro professor, não havendo momentos destinados a orientação e reflexão sobre a prática docente.

#### **4.2.9 Discussão dos Objetivos da Pesquisa (Escola A)**

Após a análise qualitativa de todos os dados oriundos dos instrumentos utilizados nesse estudo, alguns resultados foram obtidos em resposta aos objetivos pretendidos.

É importante ressaltar que essa pesquisa não teve intenção de “enquadrar” a receptividade do estagiário na escola A em um formato específico das categorias, mas sim, analisar indicadores e características que mais se aproximavam das categorias pré-existentes (ARAÚJO, 2014), escolhidas para esse estudo (Recepção, Acolhimento Modelar e Acolhimento Formativo).

O estágio realizado por Alice na Escola A foi observado e analisado com rigor de pesquisa e pôde-se inferir que, no quesito de levantamento de indicadores de acolhimento ao estagiário de Educação Física realizados na escola A durante o desenvolvimento da atividade de Estágio Curricular Supervisionado, o acolhimento se aproxima mais do modo inicial de receptividade do estagiário na escola, chamado pela professora Araújo (2014) de Recepção.

A receptividade da estagiária Alice pelo professor supervisor Alan teve mais indicadores de uma Recepção por não ter apresentado elementos de evolução para outros acolhimentos descritos (Acolhimento Modelar e Acolhimento Formativo). De acordo com a anuência da direção da escola A, Alan aceitou receber a estagiária Alice em suas aulas e disponibilizou seu número de *whatsapp* para futuras necessidades de comunicação. Mesmo assim, como foi possível observar, o PS desenvolveu uma relação mais distante da estagiária Alice.

Ao longo de todo estágio, a estagiária Alice não foi incentivada pelo professor Alan a pensar sua prática e refletir constantemente sobre todo o contexto escolar e a carreira docente. O estágio careceu de momentos destinados à orientação pedagógica e de *feedbacks* das ações de Alice junto aos alunos.

O PS não possui uma formação específica para receber e orientar um estagiário e também não recebeu formações ou diretrizes pela universidade de origem do estagiário, situações essas que abriram espaço para um “fazer artesanal” do professor, agindo com a estagiária de maneira intuitiva e insegura. Apesar disso, Alan concebe o período do estágio curricular supervisionado como uma importante etapa da formação docente e que a estagiária deve conhecer todos os espaços escolares e vivenciar todas as problemáticas inerentes a uma escola pública da cidade. Ele disse entender seu papel na formação profissional do estagiário como de bastante responsabilidade e que espera ter sido visto pela estagiária Alice como um amigo que estava lá para ajudar.

O professor supervisor concebe que ofereceu um estágio dotado de muita autonomia e que oportunizou a Alice o máximo de acesso à realidade escolar, proporcionando vivência antecipada de uma escola de verdade. Para ele, os espaços para a estagiária protagonizar sua autonomia junto aos alunos ocorreram nos momentos oportunos em que ele se ausentou da quadra, para que ela pudesse vivenciar a realidade de uma aula de Educação Física em uma escola pública. Alan avaliou o processo de estágio de forma positiva e destacou que a estagiária foi proativa, precisando apenas trabalhar mais sua insegurança nas aulas com os alunos.

O que foi observado *in loco* pela pesquisadora, no entanto, foi um estágio com características bem distintas das percebidas pelo professor supervisor Alan sobre a sua própria prática com o estagiário. A pesquisadora observou que o PS não contribuiu para construção de uma relação mais próxima e estreita com sua estagiária. Momentos destinados à orientação e aos *feedbacks* à estagiária não foram presenciados pela pesquisadora, assim como, interações da estagiária em outros espaços de convivência pela escola. Durante as aulas ministradas pela estagiária, o professor Alan se ausentava e não oferecia o suporte necessário para Alice com as turmas e com o planejamento.

Na escola A, é importante destacar que a percepção do PS sobre o acolhimento oferecido a sua estagiária é bem distinta da percepção que a estagiária teve desse mesmo período. Nas suas entrevistas, Alice pontuou o desinteresse do PS pelo estágio, com ausências das aulas e poucos momentos destinados a orientação e *feedbacks* das intervenções realizadas. Além disso, comentou a falta de organização, planejamento das aulas e do convite de Alan para participar de outros espaços e eventos escolares, limitando a vivência com outros professores/ funcionários da escola.

Por fim, a estagiária Alice acredita que teve, na escola A, a oportunidade de aprender a lidar com situações estressantes e ainda ser profissional nesses momentos, sem demonstrar raiva ou insatisfação, pois em alguns momentos de desacordo com o PS, conseguiu conduzir o estágio sem brigas ou aborrecimentos. Ela entendeu que Alan não exerceu o seu papel de orientador e formador nesse processo, pois não demonstrava interesse e/ou conhecimento de como deveria conduzir o estágio curricular supervisionado.

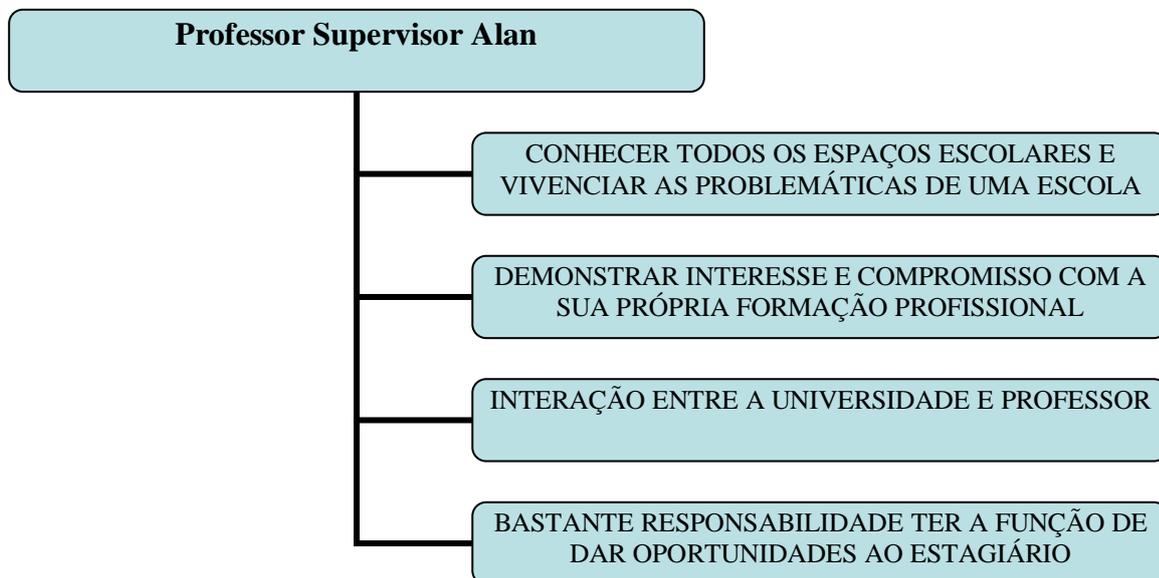
A estagiária percebeu que o período de estágio vivido foi profícuo e enriquecedor por ter tido a oportunidade de exercer um pouco da docência, mesmo que sem a devida supervisão da PS, orientações e *feedbacks* sobre suas intervenções e reflexões sobre suas práticas pedagógicas. E pontuou que Alan não deveria estar exercendo a função de professor supervisor, dada a ausência de formação ou habilitação para receber um estagiário em suas aulas.

Outro ponto de bastante destaque nesse estágio na escola A foi a insatisfação do professor Alan e da estagiária Alice quanto ao suporte e acompanhamento oferecido pela universidade ao longo do período de estágio. Ambos conceberam que a instituição superior não demonstrou interesse em conhecer a realidade do estágio na escola pesquisada e não forneceu qualquer orientação ao professor supervisor e a estagiária. O professor Alan destacou em sua fala que não teve qualquer comunicação com a universidade e que desconhece os professores orientadores que encaminham os estagiários para suas aulas. Ele citou, também, que sente a necessidade de saber informações da universidade de forma prévia, como as datas de início e de término do estágio, para que ele possa se programar para receber os estagiários.

A universidade conta com suporte de orientações para a documentação de estágio e frequentes encontros mensais com os estagiários para estudos e apoio, porém a estagiária Alice comentou a necessidade de uma maior relação entre a universidade e a escola para um melhor andamento e organização do estágio.

É importante destacar que essa pesquisa não busca julgar a conduta de professores supervisores e estagiários. A pesquisa teve como objetivo geral levantar indicadores do acolhimento ao estagiário de Educação Física realizados nas escolas durante o desenvolvimento da atividade de Estágio Curricular Supervisionado, ou seja, entender como esses acolhimentos são

realizados e quais as concepções e percepções dos participantes sobre todo esse processo de estágio vivenciado.

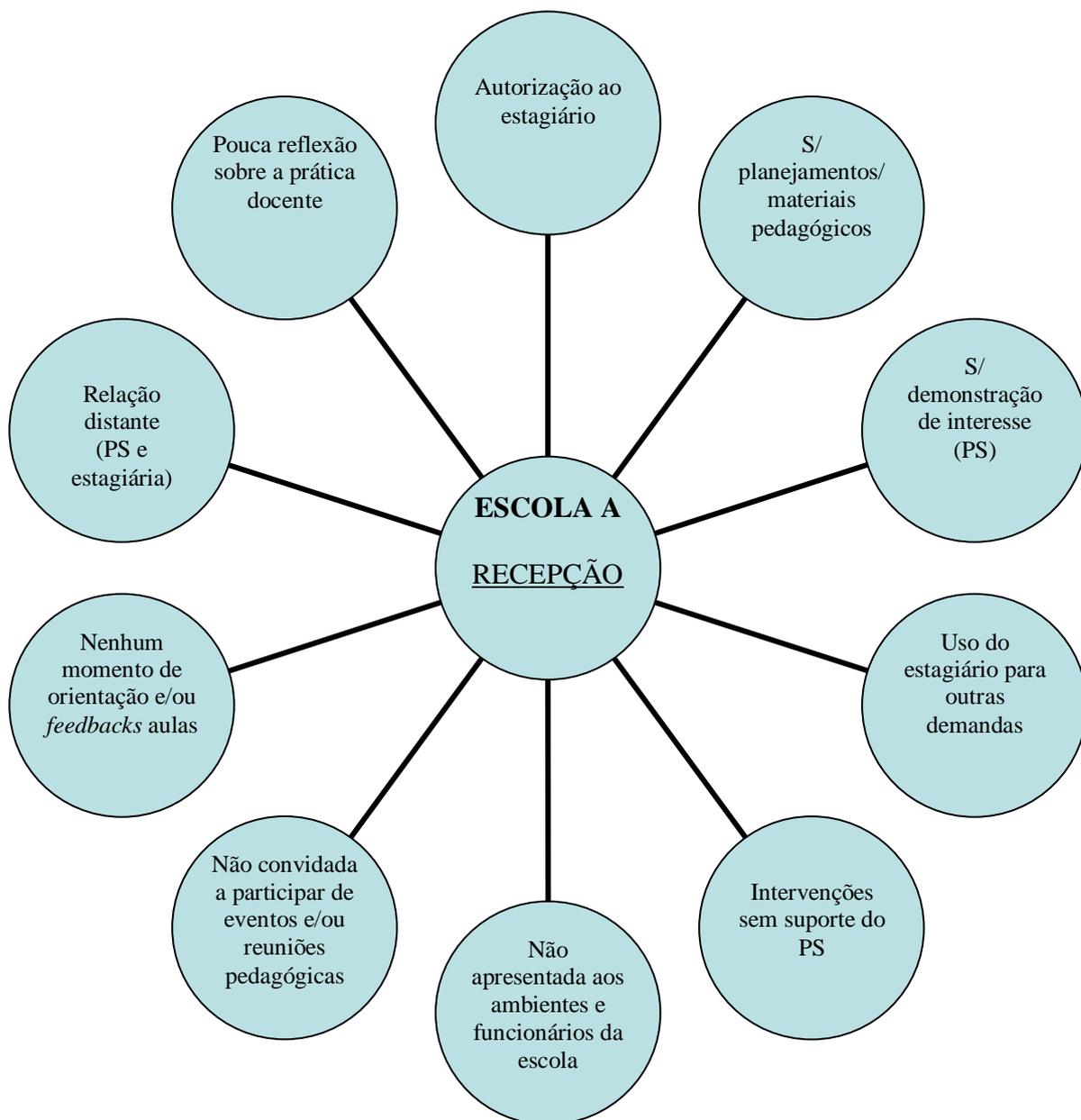


**Figura 1. Concepções sobre ECS do Professor Supervisor Alan**

**Quadro 4. Percepções sobre ECS do Professor Alan e da Estagiária Alice**

CATEGORIA DE INDICADORES	PROFESSOR ALAN	ESTAGIÁRIA ALICE
Chegada	Autorização dada	Bem recebida pela direção, sem problemas nas assinaturas dos documentos
Apresentação de Instrumentos Pedagógicos (escola/professor)	Não apresentou ou exigiu planejamento formal da estagiária, por não julgar necessário	Não houve apresentação de planejamentos e/ ou outros materiais pedagógicos
Disponibilidade de Comunicação e Demonstração de Interesse na Formação do Estagiário	Forneceu o contato de <i>whatsapp</i> à estagiária	Forneceu contato telefônico, mas não usou devidamente
	Acredita ter papel importante no estágio	Não demonstrou interesse em participar da formação
Expectativas com o Estagiário	Demonstrar interesse e compromisso com a sua própria formação profissional	PS não apresentou grandes expectativas Estagiária substituiu o professor, algumas vezes
Participação do Estagiário	Intervenções do estagiário sem a sua presença para construir autonomia	Houve intervenções nas aulas, porém sem o suporte do PS
	Nenhuma participação do estagiário em planejamentos e/ou atividades escolares, por falta de tempo	Não participou de elaborações de planejamentos e/ou eventos escolares
Socialização Profissional do Estagiário	Teve a oportunidade conhecer todos os espaços escolares	Não foi apresentada a todos os ambientes e funcionários da escola
	Estagiário não convidado para participar de eventos e reuniões pedagógicas da escola, por falta de tempo	Não foi convidada a participar de eventos e/ou reuniões pedagógicas
Orientação e <i>Feedbacks</i>	Aulas livres, por acreditar que criança deva brincar	Nenhum momento de orientação e/ou <i>feedbacks</i> das aulas
Relacionamento entre PS e Estagiário	Acredita ter sido um amigo, conselheiro para sua estagiária	Relacionamento distante, sem parceria no cotidiano das aulas
Reflexão sobre a Prática e Carreira Docente.	Poder vivenciar as problemáticas de uma escola	Perguntada pelo PS se iria abandonar a profissão pelas condições estruturais e salariais

Fonte: A autora



**Figura 2. Esquema sobre o Estágio Supervisionado na Escola A**

### 4.3 Caso Escola B

#### 4.3.1 A Escola B

A escola B está localizada em uma cidade da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, pertencente à rede básica pública de ensino, atendendo o segmento do ensino fundamental. É considerada uma escola modelo pela Secretaria Municipal de Ensino por sua estrutura física, sua baixa carência de professores, a grande adesão dos alunos e por causa da grade de horários com diversas modalidades de ensino. A escola B é conhecida no município como uma das melhores do

ensino público municipal. Até pouco tempo atrás, existiam projetos que atendiam a comunidade local (danças, lutas), porém o corte de verbas extinguiu esses projetos.

Durante esta pesquisa, o prédio escolar ainda acolhia outra unidade escolar de Creche/Educação Infantil, composta por oito turmas, uma vez que o prédio original passava por obras de manutenção, sem qualquer previsão para o fim da reforma. Com isso, na escola B funcionavam duas escolas, contendo secretarias, corpo docente e de gestão distintos. A estrutura física dessa escola é considerada de grande porte pela prefeitura por atender desde a creche ao nono ano e ainda, o ensino de jovens e adultos, nos turnos da manhã, vespertino e noturno.

A escola B atende uma região carente e mesmo localizada perto da via (estrada) principal de transporte da cidade, sua rua não contava com asfalto, o que dificultava o acesso da comunidade, a pé ou por veículos. Existem funcionários no portão e pelos corredores, o que não impediu, entretanto, os embates entre alunos e a direção da escola, observados pela pesquisadora. Na área de Educação Física, a escola tem vários professores, porém essa pesquisa acompanhou apenas as aulas da Prof<sup>a</sup>. Bernardete (nome fictício) na presença do estagiário Bruno (nome fictício), às quintas-feiras no turno da tarde.

A quadra apresenta cobertura com marcações no solo bem apagadas, bebedouro próximo e bom espaço para atividades desportivas. Porém, não há arquibancada ou locais para audiência, o que limita o espaço de transeuntes e outros alunos, causando acidentes como boladas e tropeços. Além disso, a quadra é dividida com a outra professora, o que gera um grande transtorno na organização das aulas, pois podiam se contar em média 40 alunos em cada metade da quadra, fazendo atividades distintas nos horários das aulas de Educação Física.

A quadra é também o pátio da escola, com isso é utilizada várias vezes ao dia para pequenos intervalos de merenda e filas para a recepção de todos os alunos da escola. A PS e o estagiário paravam as atividades constantemente para ceder espaço para essas outras demandas da escola, o que prejudicava o andamento das aulas, ainda mais com crianças de terceiro e quarto ano, que foram as turmas observadas por esta pesquisadora.

Uma questão importante relatada pela professora supervisora é da escassez de material esportivo para as aulas de Educação Física. A professora relatou não ser desinteresse do diretor, mas a ausência de investimento público governamental. A sala de material é bem reduzida e dividida com a equipe de limpeza da escola, contendo apenas duas bolas (uma de handebol e outra de futebol, bastante desgastada), alguns colchonetes sujos e poucos bambolês tortos. Os cones pequenos e a escada de atividades foram comprados pela professora Supervisora, segundo relato da mesma.

### 4.3.2 A professora Bernadete

A PS tem 37 anos de idade, é licenciada há onze anos pela Faculdade Unisuam além de trabalhar a três anos na unidade escolar B. Ela reside no bairro da Penha, na cidade do Rio de Janeiro, e leciona apenas a disciplina de Educação Física nesta unidade escolar, com matrícula efetiva de 16h.

A PS se disponibilizou a participar da pesquisa e sempre se apresentou solícita, desde os contatos telefônicos até os dias de visita à escola. Nos dias de coleta na escola, ela esteve sempre disposta a responder as indagações inerentes à pesquisa. No início das visitas da pesquisadora, a PS apresentou certo nervosismo e procurava sempre dar satisfação do que tinha feito em suas aulas ou sobre algum problema com aluno. Para deixá-la mais a vontade, o instrumento de gravação de áudio não foi utilizado. A professora aparentou ter ficado mais tranquila após essa medida e as próximas visitas ocorreram de forma mais natural e espontânea.

A professora supervisora Bernadete apresenta um perfil calmo, respeitoso com todos e não utiliza do tom de voz elevado em suas aulas para obter o domínio de turma. Ela tratou os alunos e o estagiário muito bem, de forma simpática e agregadora, sempre de forma respeitosa. A PS apresentou-se um pouco desmotivada com a profissão devido aos problemas inerentes a ausência de investimento público que afetam, principalmente, as condições de uso da quadra e de oferta dos materiais esportivos pela escola.

Essas situações apontadas são destacadas pela PS como prejudiciais para aulas mais elaboradas e o cumprimento de um planejamento mais diversificado para os alunos. Por receber muitos alunos de origem social carente, o uniforme adequado para atividade física não é exigido com rigor pela PS, visto que muitos alunos não têm condições de comprar tênis ou uma bermuda para atividade física. Isso também prejudica o desenvolvimento das aulas de Educação Física, devido às calças jeans e os pés descalços das crianças. A PS também destacou que todas essas problemáticas sociais e políticas que a escola enfrenta atrapalham muito o desenvolvimento do estágio supervisionado na escola, pois o estagiário fica limitado às atividades e materiais que são possíveis serem utilizados frente aquela realidade escolar.

Bernadete atende a todas as idades do segmento do ensino fundamental nesta unidade escolar e possui turmas com um quantitativo médio de 40 alunos. O estagiário Bruno parece ser visto pela PS como um “apoio” para as demandas desgastantes do dia a dia escolar, delegando-o muitas tarefas e concedendo-lhe grande autonomia no decorrer das aulas.

### **4.3.3 O estagiário Bruno**

O estagiário Bruno (nome fictício) é aluno da graduação de Licenciatura em Educação Física na universidade pesquisada, do 5º período, sendo essa a sua primeira experiência no estágio supervisionado obrigatório. Entretanto, Bruno possui experiência pregressa em escolinhas de futebol da cidade. Essa experiência foi muito importante para o desenvolvimento desse estágio, visto que ampliou seu conhecimento sobre a função docente e domínio de turma. Mesmo com todas as problemáticas de espaço e material da escola B, ele conseguia se articular com a professora Bernardete e não aparentava nervosismo diante da impossibilidade de cumprir algum tópico do plano de aula.

O estagiário reside próximo à escola e conhece a realidade social da instituição e da região. Isso lhe garantiu certa vantagem, pois ele escolheu a escola pela proximidade e por já conhecer algumas dessas situações-problemas mencionadas anteriormente. Durante as aulas, ele apresentou domínio de turma e muita tranquilidade ao lidar com os alunos no decorrer das aulas. Ele possui o respeito dos alunos e da PS que, por sua vez, elogiou seu comportamento como docente diante das turmas.

O estagiário Bruno apresentou empatia e grande envolvimento com o ambiente escolar, com a equipe de gestão e com a professora Bernadete, além de sempre se encontrar disposto a tirar dúvidas e a solucionar qualquer problema. Ele também se colocou sempre muito solícito a contribuir com a pesquisa e não apresentou qualquer nervosismo ou contrariedade nas entrevistas e nas visitas da pesquisadora, apesar de algumas ausências do estagiário, por motivos pessoais, terem diminuído o número de interações da pesquisadora com ele no ambiente escolar.

### **4.3.4 Com a palavra: Professora Supervisora Bernardete**

Todas as entrevistas (inicial e final) com a professora supervisora Bernadete foram realizadas dentro do seu ambiente escolar, em horários escolhidos pela PS, a fim de não atrapalhar suas atividades laborais ou pessoais.

A professora apresentou em sua entrevista inicial um grande envolvimento com a área de Educação Física e que a sua escolha pela profissão ocorreu por influências positivas de vários professores de Educação Física que manteve contato ao longo de sua vida estudantil. Acrescentou que sempre soube que seria professora de Educação Física e que se tivesse oportunidade de retornar no tempo, escolheria ser professora de Educação Física outra vez, mesmo diante das adversidades que caracterizam o magistério na rede pública de ensino.

A docente leciona nesta Escola B há oito anos para diversos anos escolares do Ensino Fundamental e para os projetos de “aceleração” de ensino, que visam adequar a idade dos alunos à

série correspondente a partir de um currículo mais enxuto e voltado para o desenvolvimento da autonomia do educando. A PS comentou que a falta de materiais esportivos básicos é um grande problema enfrentado pela Educação Física na escola, embora a instituição “*seja referência no município de XXX (sigilo de pesquisa) e a gestão possuir um trabalho de qualidade em todos os aspectos. Nossos diretores Marlon e Igor (nomes fictícios) fazem um trabalho de excelência*”. Bernadete explicou que mesmo a escola sendo considerada uma “*escola modelo*” do município pela Secretaria Municipal de Educação, a escassez de material próprio para Educação Física é algo alarmante. Ela afirmou que os poucos materiais que utiliza foram comprados com recursos próprios e que não é falta de esforço da gestão escolar, mas sim, descaso da prefeitura com a educação (Entrevista Inicial).

Sobre o estágio supervisionado, a professora comentou que ao receber um estagiário para orientar, pergunta sobre as principais dúvidas que ele possui e, de imediato, apresenta-lhe a realidade e a rotina da escola: “*Bom, pergunto ao estagiário as dúvidas principais que ele tem e falo realidade, o que acontece, eles vem como muita dúvida ,né? Mostramos tudo. Apresento, falo como que é a rotina*” (Entrevista Inicial). Ela acrescentou que, ao receber o estagiário em suas aulas, espera o apoio e iniciativa do estagiário junto as tarefas e atividades escolares: “*Eu espero proatividade, que ele me ajude, que ele tenha essa proatividade, essa iniciativa*”. A docente ainda comentou que a escola tem grande satisfação em receber estagiários e que “*são (os estagiários) muito bem recebidos*” em um ambiente “*bastante harmonioso*”. Sobre a rotina que pretende adotar com o estagiário Bruno, a professora esclareceu que “*Minha rotina é mostrar toda a escola e a preocupação de entender o que o estagiário precisa para seu entendimento enquanto futuro profissional* (Entrevista Inicial).

A professora Bernardete comentou que pretendia pedir auxílio do estagiário na organização das aulas: “*Pretendo pedir que ele me ajude. O que é bem difícil, sozinha com 40 crianças, me ajudar a organizar... eu gosto de participação na organização*” (Entrevista Inicial). A PS relatou não ter qualquer dúvida sobre o processo de estágio e/ou recepção do estagiário e disse, também, que não havia tido qualquer contato com a universidade sobre as orientações e desenvolvimento do estágio, mas que gostaria de ter uma maior proximidade com a instituição superior que envia seus estagiários à escola. Sobre essa relação com os responsáveis do estágio na universidade, a professora pontuou ser importante: “*Eu gostaria que fosse harmoniosa, porque é importante, né?*” (Entrevista Inicial).

Quando perguntada sobre como concebia sua função junto ao estagiário nesse processo de formação que estava iniciando, a professora relatou ter o “*papel principal*”, pois ao se espelhar nela, o estagiário poderá “*ser melhor no futuro*”. E sobre as suas expectativas com esse estágio,

afirmou: *“Eu espero que esse profissional no futuro seja o melhor possível, assim como eu passei por todos estágios e fui uma boa profissional. A professora Bernardete manifestou ainda a expectativa de assumir a função de um modelo a ser seguido pelo estagiário, ao considerar que as palavras a seguir poderiam partir dele: “Eu quero ser igual e ela... poxa... (risos)” (Entrevista Inicial).*

Sobre as questões relacionadas ao aprendizado do estagiário, a professora supervisora Bernardete comentou que o estagiário precisa aprender ao longo do processo de estágio *“principalmente a questão dos objetivos, dos conteúdos”* e ainda, *“as principais dificuldades que ele sente. Eu pergunto logo, primeiramente, quais as dificuldades que você tem? Você já vivenciou esse ambiente escolar?”*. E afirmou que na escola, o estagiário tem condições de vislumbrar e desenvolver esses conhecimentos. Destacou também, que o estagiário deve aprender diversas questões da escola. *“Para ser um bom profissional no futuro, você tem que estar atento a várias questões, psicológicas, afetiva, cognitiva... tudo isso”*. E quando perguntada sobre o que mais o estagiário poderia aprender com ela, afirmou: *“A responsabilidade... ta lidando com vidas, né?! Tem que estar atento a isso”* (Entrevista Inicial).

Sobre o relacionamento do estagiário com outros agentes da educação, a professora afirmou achar importante e que se deve ter *“primeiramente respeito, tem uma hierarquia, questão de respeito, a convivência é importante porque um precisa do outro dentro da escola, né? O faxineiro, a merendeira, todo mundo é uma equipe né”*. E sobre o relacionamento do estagiário com os alunos, também destacou o respeito. *“Também peço respeito. Hoje em dia esta difícil essa questão de respeito até mesmo com o Professor, né?”* (Entrevista Inicial). A PS destacou ainda que o estagiário deve apresentar *“postura profissional”* e que até a data dessa entrevista, não teve estagiários com uma postura inadequada ao ambiente escolar (Entrevista Inicial).

Sobre as intervenções do estagiário nas aulas, a professora supervisora afirmou ser importante. *“Eu acho necessário porque quando eu fui estagiária eu aprendi assim na prática.”*. E que se algo não ocorresse dentro do esperado nessas aulas, *“esperaria acabar e falaria com ele”*. Quando perguntada sobre formas e concepções sobre a avaliação do estagiário, a professora Bernardete pontuou aquilo que ela avalia: *“Horário, né? Se ele chega realmente nos horários, proatividade e se ele está realmente disposto a ajudar, disposto a aprender”*. (Entrevista Inicial).

Após o término do período de estágio, a professora supervisora Bernardete concedeu mais uma entrevista, chamada nesta pesquisa de Entrevista Final, onde esclareceu diversas situações que ocorreram durante o período de estágio do Bruno.

A PS comentou que o estagiário Bruno foi bem recebido na escola pela equipe de gestão e que a rotina realizada com o estagiário Bruno foi pautada nos conceitos da “*assiduidade, domínio de turma, relação entre estagiário e alunos e proatividade*” (Entrevista Final).

A situação da disposição do espaço físico e a escassez de material específico para as aulas de Educação Física foi bastante recordada pela professora Bernardete, porém a mesma afirmou que isso não prejudicou o estágio. “*Em momento nenhum, pois sempre enfrentamos tudo com muita paciência, dinamismo e atenção*. E ainda acrescentou que foi bom para o estagiário ter esse contato com a realidade das escolas públicas do município (Entrevista Final).

A professora Bernardete comentou que até ao final do processo de estágio não teve qualquer orientação ou suporte da universidade sobre o estágio do licenciando Bruno. “*Não tive nenhum feedback em relação a isto (orientação sobre o estágio). Nenhuma recomendação e nenhum suporte*”. E ainda acrescentou que: “*Gostaria dessa relação de feedback entre a universidade e o professor(supervisor). Algo poderia ser melhor nessa relação, pois o trabalho conjunto renderia muito mais*”. (Entrevista Final).

Sobre a socialização profissional do estagiário no ambiente da Escola B, a professora comentou que foi “*uma relação de companheirismo, cordial e educada*” e a relação com os alunos foi “*baseada no respeito mútuo e com muito carinho, respeito e diálogo*”. De acordo com a PS, os espaços mais frequentados pelo estagiário foram às salas de aula e a quadra esportiva, sendo que o estagiário Bruno também foi apresentado aos outros espaços físicos da escola no dia de seu acolhimento. Ainda sobre a socialização profissional do estagiário Bruno, a professora Bernardete afirmou que: “*Ele é bastante comunicativo e muito bem relacionado no ambiente (escolar)*” (Entrevista Final).

A professora supervisora Bernadete comentou que sempre permitiu que o estagiário Bruno fizesse intervenções nas aulas, onde desenvolveram um trabalho de parceria mútua. Sobre esses momentos de intervenção, disse que: “*O estagiário foi muito bem em seu desenvolvimento durante as aulas e não houve qualquer interrupção de minha parte durante o decorrer da aula. Também costumo dar o feedback após a aula até para não falar na frente da turma*”. A professora acrescentou que os conteúdos das aulas dadas pelo estagiário estavam de acordo com as diretrizes do planejamento anual realizado pelo grupo de docentes de Educação Física do município, apresentado ao estagiário no início do estágio. “*O estagiário estava sempre interessado e mostrou-se bastante engajado nos conteúdos propostos. Bruno sempre esteve disposto e proativo com novas possibilidades*”. (Entrevista Final).

A professora comentou que o estagiário sempre demonstrou boa receptividade às intervenções dela e apresentou um comportamento muito proativo nas aulas: “*Sempre. Em uma*

*das aulas sobre futebol para deficientes visuais o estagiário disponibilizou seu tempo para procurar o material para a aula prática. O Bruno é muito tranquilo e sempre disposto a ajudar*". Em situações de *feedback* da orientação, a professora declarou que o estagiário *"sempre foi bem crítico e bastante interessado mostrando suas opiniões, questionamentos e soluções para as necessidades surgidas"* (Entrevista Final).

Quando perguntada sobre a avaliação do período de estágio do Bruno, a professora comentou que a atuação dele foi *"excelente, muito bem orientada e executada. Tudo correu de forma tranquila dentro da normalidade e os alunos participaram com muito divertimento e motivados com as brincadeiras, jogos e brinquedos"*. A professora supervisora acrescentou que não houve necessidade de qualquer correção por comportamentos inadequados do estagiário e que ele apresenta *"domínio de turma, dinamismo na hora de exposição das atividades, relação com a turma, proatividade e respeito"*. Porém, a PS destacou que precisou orientar o estagiário no que diz respeito à pontualidade e ao cumprimento dos horários. *"O que conversei com o Bruno em relação a isso foi à questão do cumprimento do horário. Apenas mostrei a questão da importância em chegar no horário quando ele estiver empregado em uma instituição"*. (Entrevista Final).

Sobre o aprendizado do estagiário Bruno, a professora Bernardete esclareceu a importância do estagiário ter vivido o ambiente escolar e sua realidade.

Quando iniciamos o estágio acabei trazendo essa discussão a respeito das aulas de Educação Física devido a questões da falta de materiais, necessidades de melhores estruturas e espaços para as aulas de Educação Física, sobre a não importância das aulas de Educação Física de alguns alunos que se negam a fazer e ele também acabou vivenciando isto na prática (Entrevista Final).

A professora Bernardete acrescentou ser muito importante o estagiário aprender a considerar as diferentes situações que ocorrem à sua volta e que existem várias formas de agir, pensar e solucionar os problemas durante as aulas. A docente acrescentou que a sua intenção não era que o estagiário a imitasse ou repetisse qualquer comportamento, mas sim, de aprender a

manter uma postura profissional e acima de tudo o respeito. De transmitir as experiências e possibilitar toda uma interação baseada na construção do conhecimento por meio de um diálogo entre professor, aluno e propiciar um ambiente facilitador para a aprendizagem ocorrer normalmente (Entrevista Final).

Quando perguntada sobre a sua percepção sobre o aprendizado do estagiário Bruno na Escola B, a professora comentou que:

ele com certeza vivenciou uma experiência única e diferente da teoria, com todas as dificuldades que os profissionais de educação encontram no âmbito escolar tais como: faltas de materiais, turmas lotadas, alunos com deficiência sem monitor, falta de espaços escolares voltados para as aulas de Educação Física e etc (Entrevista Final).

A professora supervisora Bernardete afirmou que a sua relação com o estagiário Bruno foi orientada pela *“reciprocidade, o respeito, a proatividade, o profissionalismo e o companheirismo”* e considerou positivo o tempo com o estagiário Bruno.

A convivência e as trocas de experiências com o Bruno foram bastante enriquecedoras e pude analisar suas competências e qualidades de um bom profissional. Ele já está um profissional pronto, foi o melhor estagiário que já estive comigo até hoje. Muito boa nossa relação em todos os aspectos (Entrevista Final).

A docente Bernardete acredita que exerce um importante papel no processo de formação profissional do estagiário: *“Essa é a minha maior preocupação em contribuir na formação de futuros colegas de trabalho e me preocupo em prestar o melhor durante essa passagem de meu estagiário”*. E relatou se sentir capaz para tal, mas ainda ter dúvidas sobre o processo de orientação do estagiário. *“Eu me sinto capaz, porém com dúvidas em relação por onde começar de qual ponto de partida. Na verdade, não tenho a receita do bolo, porém sei que juntos iremos compartilhar dúvidas, sugestões e criarmos um ambiente facilitador”*. A PS ainda acrescentou que acredita seja necessária uma capacitação específica para o professor supervisor para que este oriente outros futuros colegas de trabalho de forma verdadeiramente profícua: *“Percebo sim o quanto é importante de verdade ter esse conhecimento (formação específica)* (Entrevista Final).

Quando perguntada se teria algum último conselho ou sugestão para o estagiário Bruno, a professora disse: *“Não desistir de sua profissão, pois teremos muitas adversidades durante o caminho da docência”*. (Entrevista Final).

#### **4.2.5 Com a palavra: Estagiário Bruno**

O estagiário Bruno se apresentou muito calmo, interessado durante as entrevistas e sempre disposto a contribuir em casos de dúvidas e questionamentos. Todas as entrevistas (inicial e final) foram realizadas em locais e em horários escolhidos pelo estagiário, a fim de não atrapalhar suas atividades pessoais e acadêmicas. Também serão apresentados dados retirados do Relatório Final de Estágio, cujos usos foram devidamente autorizados pelo estagiário Bruno.

O estagiário Bruno pontuou que a escola é reconhecida na região, mas que problemas políticos interferiram no funcionamento dos projetos. *“A escola é muito famosa no município e no bairro por ser uma das melhores do ensino público/municipal. Existiam projetos que abrigavam a comunidade local (danças, lutas), mas com o corte de verbas esses projetos foram extintos”*. O estagiário comentou também que, mesmo sendo seu primeiro estágio, a escola já era conhecida por ele, por residir próximo a unidade escolar (Relatório Final).

Sobre a sua recepção, o estagiário Bruno disse que foi muito bem acolhido pela direção e pelos funcionários da escola:

Bom, nos primeiros dias que eu procurei o colégio, eu fui super bem recebido pela coordenadora... logo ela me encaminhou pro diretor, que no momento não pode me atender porque ele tava (estava) com pais, aí eu aguardei um pouco... e o diretor foi super receptivo, me mostrou os horários dos professores que tinham, de Educação Física, no colégio, e falou que eu poderia ficar a vontade pra voltar, o dia que eu quisesse, me deu o horário da escola também, tudo direitinho para que eu pudesse resolver a documentação, né! Eu fui bem aceito de cara assim. As pessoas foram super receptivas e simpáticas (Entrevista Inicial).

Sobre as questões de organização e disponibilidade de horários para realizar o estágio.

Então, é... eles (equipe pedagógica) me deram... uma vasta lista de professores. Eu acho que são/eram quatro ou cinco professores, e eu... pude ter a liberdade de escolher o horário que... que ficaria melhor pra mim. É...eu botei como prioridade também as minhas aulas aqui na universidade... porque... eu jamais deixaria de vir pra alguma disciplina pra fazer o estágio. E... como eu já tinha me preparado mais ou menos pra... pra disciplina estágio... eu já tinha deixado alguns espaços na grade que eu imaginava é... que conseguiria um colégio, entendeu? Eles (equipe pedagógica) não interferiram de nenhuma forma, me deixaram com toda liberdade possível e eu disse meus horários pra eles, eles falaram que tudo bem, tranquilo... que eu puder... eu vou... às vezes se eu precisar sair cedo e comunicar com a professora, a professora é super tranquila também, ela não... reclama, não fala nada disso. E.. é tranquilo... com relação a horário eu sou bem tranquilo (Entrevista Inicial).

O estagiário Bruno comentou que a professora supervisora Bernardete apresentou comprometimento profissional e que o recebeu muito bem nas suas aulas:

Meu professor supervisor foi a professora Bernardete, uma excelente profissional que faz o que ama, e meu encontro com ela foi muito legal porque ela me recebeu super bem e a primeira coisa que ela fez foi mostrar tudo que a gente tinha, como que funcionava o colégio, né, os projetos (Entrevista Inicial).

E ainda, que a PS orientou e apresentou o estagiário ao espaço físico, aos materiais disponíveis e aos outros agentes de educação da Escola B: *“Eu fui apresentado devidamente a todos, inclusive aos inspetores também, o pessoal da limpeza. Lá é um colégio muito legal, é como se fosse uma espécie de família lá. Todo mundo se conhece muito bem, todo mundo se dá muito bem”* (Entrevista Inicial).

Bruno acrescentou que a professora supervisora Bernardete explicou a necessidade de dividir a pequena quadra com outro professor de Educação Física. *“Tínhamos apenas uma quadra para duas turmas de Educação Física revezando, ou seja, a turma que eu estagiava usava a metade da quadra. Era bem complicado, porque eram cerca de 50 crianças num espaço muito limitado”* (Relatório Final). Sobre o planejamento e a identidade da escola, o estagiário afirmou que após ter confirmado sua participação e continuidade no estágio, a PS disponibilizou o planejamento anual organizado pela Secretaria Municipal de Educação e o Projeto Político Pedagógico da escola para utilizar na orientação. O estagiário Bruno relatou que as atividades pedagógicas destinadas a ele eram todas direcionadas a área de Educação Física assim como recebeu a orientação de estágio por uma professora licenciada em Educação Física.

O estagiário Bruno comentou ter boas expectativas com o atual estágio e que devido à boa recepção que teve, mudou a sua opinião sobre a escola e que pretendia fazer os outros módulos do estágio na Escola B:

Nesse período de estágio, eu pretendo continuar aprendendo muito mais e período que vem eu quero puxar outro estágio porque eu tô (estou) gostando muito do ambiente escolar. Como é uma das áreas que eu pretendo seguir, eu pretendo continuar fazendo estágio e se tudo der certo, eu pretendo fazer parte do município de XXX (sigilo de pesquisa). Como eu sou morador daqui, sou aluno e morador também, eu tô (estou) gostando muito do ambiente, foi uma surpresa boa pra mim, né, que eu tinha uma visão formada muito ruim sobre o município e eu tava (estava) completamente enganado. Isso foi uma coisa muito feliz pra mim. (Entrevista Inicial).

Após o término do período de estágio, o estagiário Bruno concedeu mais uma entrevista, chamada nesta pesquisa de Entrevista Final e entregou a Comissão de Estágio da universidade o Relatório Final de Estágio, pontuando diversas situações que ocorreram durante o seu período de estágio sob a orientação da professora supervisora Bernadete.

As condições estruturais e de organização da escola foram apresentadas pelo estagiário Bruno com um dos problemas que ele teve que enfrentar. A quadra pequena, a necessidade de dividi-la com outro professor e a quantidade de alunos foram alguns pontos levantados por ele: *“Era bem complicado, porque eram cerca de 50 crianças num espaço muito limitado e dar conta de observar uma grande quantidade de crianças executando os fundamentos e corrigi-las ao mesmo tempo”* (Relatório Final).

O estagiário relatou sobre sua boa recepção e reconheceu que diante das adversidades, a sua presença na escola B era também de grande ajuda à professora Bernadete.

Ela me recebeu muito bem... me recebeu muito bem (tom de satisfação) porque ela é uma pessoa simpática, uma pessoa parceira e também porque a condição lá que a gente tem que dar aula no estágio é... tipo... é uma coisa louca porque é uma quadra pequena, dividida ao meio e são duas turmas de 40 alunos, então, imagina... cada metade com 40 alunos. Então, ela pode, tipo assim, ficar muito feliz com a minha chegada porque eu de certa forma eu ajudo ela a administrar (tom de satisfação) toda essa turma, assim, ela fica... bem tranquila... ela sempre me tratou muito bem (Entrevista Final).

O estagiário Bruno comentou que sua relação com a professora supervisora Bernadete foi muito profícua e que ela demonstrou interesse em orientá-lo nos diversos momentos do estágio: *“A minha relação com a Bernardete foi a melhor possível, ela me orientou muito bem, tudo que eu tinha dúvida ela tava sempre pronta para me ajudar, me deu dicas, entre outras coisas. Nossa comunicação era muito fluente”*. Ainda sobre o relacionamento com a professora supervisora, o estagiário esclareceu que eles estiveram em sintonia e que o estágio foi uma experiência positiva para ele: *“A atuação (em parceria) foi a melhor possível, a gente atuou em sintonia e eu fiquei*

*muito animado com relação ao estágio, como foi meu primeiro, foi uma experiência super legal e estou ansioso, inclusive para passar novamente* (Entrevista Final).

Ainda sobre a professora supervisora:

A minha orientadora local foi a peça que mais agregou nesse estágio. Uma excelente profissional que faz o que ama. Me recebeu muito bem, me orientou de forma majestosa e ela me tratava como se fosse professor. Dávamos aulas juntos, e ela me orientava no que acreditava que eu poderia melhorar ou sobre alguma situação específica referente ao ambiente (Relatório Final)

O planejamento que fazia, segundo o estagiário, traduzia-se em algumas “ideias” que ele apresentava a professora e “*explicava mais ou menos antes das aulas*” e ela decidia se eram possíveis ou não. Em caso negativo, a professora explicava o motivo e, através do diálogo, PS e estagiário buscavam aprimorar essas ideias para serem aplicadas em outra oportunidade. Os conteúdos ministrados nas intervenções com a professora supervisora, por sua vez, eram os pré-estabelecidos no planejamento anual recebido do município e adequados à realidade da Escola B.

É um calendário bimestral que a gente seguia, na medida do possível, por conta da falta de materiais e também pelo espaço, que era escasso. A quadra era pequena, com duas turmas de 50 alunos. Então a gente trabalhava e tentava se aproximar ao máximo do conteúdo bimestral (Entrevista Final).

Segundo o estagiário Bruno, as tarefas não eram diretamente designadas a ele, pois sempre conversavam e as decidiam juntos, sem nenhuma autoridade ou voz de comando sob o estagiário.

A professora Bernardete, na verdade, ela não designava nada para mim, era tudo em conjunto. A gente conversa, ela me dava liberdade de ter a posição realmente de professor, então, a gente conversava e via o que seria o melhor para fazer para mim, para ela e para turma. Era um pensamento conjunto, ela não dava esse tom de autoridade, de impor. Ela gostava de conversar comigo para ver minha desenvoltura com relação a criatividade também, além da desenvoltura com relação a didática (Entrevista Final).

Sobre esses momentos de intervenção, o estagiário Bruno acredita que

ter a experiência na prática como a dominância da turma e de um conteúdo para com o professor e o colégio também. Tendo noção de tudo que está acontecendo, planejando a aula e correndo atrás dos objetivos que essa aula tem como conquistar (Entrevista Final).

O estagiário esclareceu que no início do período de estágio passou pelos momentos de observação das aulas e que, após a PS passar os conteúdos, deixava-o livre para ministrar as aulas. O estagiário teve permissão da professora para dar aulas e, na sua opinião, foi bastante apoiado e assistido nesses momentos de intervenção.

Bom, na maioria das aulas eu dei aula junto com a professora. Eu pude ser protagonista junto com a professora. Ela me confiou muito, ela nas primeiras aulas viu que eu tinha meio que um pulso firme ao saber lidar com as crianças, então...ela meio que deixou eu fluir a aula com ela e só foi me dando uns toques, na verdade, coisas que eu podia

melhorar, mais dicas assim para malícia propriamente dito de professor. Coisas que só quem dá aula a bastante tempo já entende (Entrevista Final).

O estagiário relatou que as atividades ministradas seguiam o plano bimestral e que apesar deles não terem *“muito acesso a material”*, buscavam de diversas formas proporcionar o acesso dos alunos ao conteúdo. E para as crianças mais novas, que apresentavam menos interesse, PS e estagiário tentavam *“conquistar a atenção delas através de outras brincadeiras para depois tentar introduzir a disciplina”* (Entrevista Final):

Como não podíamos utilizar todo o espaço, nos concluímos os objetivos através de trabalhos finais, onde eram pesquisados fundamentos, história do esporte e regras também. Por mais que o espaço fosse pequeno e o material escasso, nós tínhamos um bom controle sobre tudo. Os alunos colaboravam bastante e não tivemos problemas graves com nenhum aluno. Quando precisávamos resolver alguma coisa, revezávamos, e não demorávamos a retornar (Relatório Final).

Segundo o estagiário Bruno, as aulas eram ministradas em formato de bi-docência, pois ambos trabalhavam simultaneamente com a turma, dividida pela professora Bernadete em meninas, cuja responsabilidade era da PS, e os meninos, orientados pelo estagiário Bruno: *“Eu praticamente dei todas as aulas, após a avaliação da professora, eu basicamente dei as aulas junto com ela. Como as turmas eram grandes a gente trabalhava simultaneamente e em sintonia. E isso deu muito certo, uma experiência muito divertida”* (Entrevista Final).

Quando perguntado se teve oportunidade de ministrar aulas sozinho, o estagiário Bruno informou que no início do período de estágio passou pelos momentos de observação das aulas e que, depois da professora do ensino regular apresentar os conteúdos, a faixa etária e pedir para ele organizar um plano de aula. O estagiário continuou sua fala dizendo que, mesmo com a liberdade dada pela professora, ele ficou bem nervoso no início, mas que à medida que conhecia mais os alunos, mais se adaptava àquela realidade: *“esse período foi muito bom para aprender a me dar melhor no ambiente escolar”* (Entrevista Final).

O estagiário Bruno acrescentou que após alguns *feedbacks* para ajustes, o professor supervisor e ele começaram a atuar juntos e que ele recebeu, também, importantes avaliações da professora Bernadete desde o início do período de estágio para melhorar sua conduta em aula. *“Houve sim (avaliações), nas primeiras aulas ela me deixou mais livre para poder me observar e logo depois ela me deu o feedback para eu poder melhorar em algumas situações e me deu alguns toques com relação as turmas”* (Entrevista Final). E ainda sobre esses momentos de *feedback* que recebia da professora Bernadete, o estagiário destacou as principais falas manifestadas por ele:

Diversas aulas, algumas coisas que eu poderia ter melhorado, ela deixava rolar e logo após ela falava comigo: *“Ó...esse aluno aqui é melhor você falar dessa forma porque a personalidade dele é essa, entendeu? Com essa menina aqui, você já pode falar igual você fala com esse menino, tem que ter mais pulso firme, e tal...entendeu?”* Eram mais dicas

com relação aos alunos e também, com o controle da turma porque imagina uma quadra 40x20m para 100 crianças, né?, correndo desenfreadamente. Então, recebi algumas dicas de como ter um controle melhor, não total, porque é quase impossível, mas um controle melhor com relação a turma (Entrevista Final).

O estagiário relatou que quando chegava à escola, a aula já tinha começado e devido à necessidade de apoio, aparentemente, a professora supervisora Bernadete se interessava mais que ele aprendesse as dinâmicas e técnicas de como dar aula e controlar os alunos na atividade. Mas destacou que a professora, sempre que tinha oportunidade fora da quadra, conversava sobre a vida docente no seu dia a dia.

Bom, eu acho que como eu chegava basicamente no horário que estava acontecendo a aula, o objetivo principal (da professora) era que eu aprendesse a maneira certa de dar aula e controlasse os alunos. Mas sempre que nós tínhamos um momento fora da quadra, fora da sala de aula, ela tentava me mostrar tudo que ela podia sobre como funcionava a docência no dia a dia. Ela me mostrou provas e trabalhos que ela passava, me apresentou toda a equipe da secretaria, me convidava para as reuniões, me mostrava todo o planejamento que tinha. Então, eu acredito que eu tenha aprendido também muito mais a dar aula em si e a controlar os alunos naquela situação. Porque foi uma coisa que eu tive muito mais contato do que com as dificuldades do dia a dia docente, porque eram alguns dias da semana só e não tinha como ter noção de tudo (Entrevista Final).

Para o estagiário Bruno, é mais importante aprender, no estágio, os mecanismos e técnicas de como dar aula do que sobre o cotidiano docente, visto que quando for professor efetivo de uma escola, aprenderá na prática:

Bom, eu acho que é mais importante aprender o que fazer na prática escolar porque o que a gente vai aprender no mundo do trabalho docente a gente só vai aprender quando a gente se formar, quando a gente tiver isso no dia a dia e nosso cotidiano. A gente vai ter prática com tipos de escolas diferentes, tipos de instituições diferentes e isso vai trazer a experiência (Entrevista Final).

Quando perguntado sobre o aprendizado construído nesse período de estágio na escola B sob a supervisão da professora Bernadete, o estagiário comentou que:

Nossa...(risos), eu aprendi muita coisa, muita coisa porque eu nunca tinha dado aula para uma quantidade de crianças, naquele espaço público e naquela escassez de material, então eu aprendi a me virar com tudo aquilo, aprendi a me virar com diferentes tipos de personalidades das crianças e foi uma coisa que acrescentou muito (Entrevista Final).

Bruno relatou os que traços do seu temperamento pouco envergonhado e facilidade em comunicação o ajudaram bastante no trato com as pessoas no ambiente escolar:

Bom, com relação a minha personalidade ajudou bastante porque eu sou uma pessoa bem desinibida, eu fiz muito tempo de teatro e também tenho uma dicção muito boa e sei lidar muito bem as pessoas. E nessa abordagem dos alunos, no ambiente escolar, é aí que o professor entra, a Bernadete (nome fictício) entra... (risos) ela me ajudou bastante nas coisas que tinha dúvidas, ela me ajudou bastante (Entrevista Final).

O estagiário ainda explicou sobre o seu relacionamento com as outras pessoas dentro da escola e afirmou que foi tratado muito bem pelos outros professores e que muitas vezes foi chamado pelo nome, o que lhe foi motivo de surpresa positiva:

Eu tive uma relação muito legal, todo mundo sorria para mim, todo mundo me tratava super bem. A gente buscava os alunos na sala, como o colégio lá é fundamental, só para fazer Educação Física que eles mudavam de sala, então a gente buscava os alunos nas salas para descer para o pátio. E eu tinha contato com alguns professores, me tratavam bem, guardavam meu nome, que por incrível que pareça isso é uma coisa legal, porque a maioria não lembra do nome. E toda vez que eu ia embora ou chegava era bem recebido. E como eram pessoas que a maioria morava em XXX (sigilo de pesquisa) mesmo, sempre tinha um assunto ou outro que a gente falava. Fui tratado com uma certa simpatia (Entrevista Final).

O estagiário disse que não teve contato com todos os professores da escola, mas aqueles que o conheceram, aparentavam ser pessoas maravilhosas e pareciam estar felizes no que faziam: *“Eles orientavam, tratavam bem as crianças e eram organizados quanto a tudo”*. Os gestores da escola também o receberam muito bem e o ajudaram a encontrar o “melhor professor” de acordo com o horário disponível, mostraram a escola, os materiais, o apresentaram para os funcionários e passaram os horários. Os funcionários, na opinião do estagiário, eram *“muito educados e preparados”*, pois toda vez que tinha um problema, o mesmo era solucionado com eficácia. Sobre os pais e demais responsáveis, o estagiário pontuou que não teve muito contato, porque os mesmos só apareciam no horário de entrada e saída dos alunos. Não teve oportunidade, também, de prestigiar uma reunião de pais, o *“que seria de extrema importância porque é algo que vou lidar diretamente após a formação”*. Ele ainda acrescentou que a Educação Física era bem vista e associada com as outras disciplinas desde a hora de buscar ou levar os alunos em sala até os eventos de datas comemorativas na escola (Relatório Final).

Sobre o relacionamento com os alunos, o estagiário Bruno esclareceu que foi muito bom e que a professora Bernadete foi fundamental para isso, pois o apresentou para turma como professor:

Meu relacionamento com os alunos era o melhor possível, eles me adoravam pelo fato de eu ser professor de futebol também. Isso chamava muito atenção deles e também, a Fernanda me apresentou de uma forma muito legal, positiva, me apresentou até como professor, né?!(risos)...falou que: *“Ele vai ficar com a gente e tal...”*. Falou que eu ia ficar com eles durante um período e, aí, todas as crianças se animavam, foi uma coisa muito divertida, muito legal a forma que eles me abraçavam (Entrevista Final).

Dentre os vários espaços escolares, o estagiário comentou que o que mais frequentou e se sentiu mais a vontade foi à quadra, mas que foi bem tratado em todos os outros lugares da escola:

O espaço que me senti mais a vontade foi a quadra porque um futuro profissional de Educação Física, é uma coisa que eu amo. Mas em todos os ambientes da escola eu me

sentia muito abraçado, eles me ofereciam café da tarde, almoço e na portaria eu era muito bem recebido, todo mundo sorria para mim, me tratava bem, era simpático comigo. Então, eu não tenho nada que reclamar com relação as pessoas e a socialização naquele ambiente. Acho que o diretor de lá faz uma gestão maravilhosa e proporciona esse ambiente no colégio (Entrevista Final).

O estagiário Bruno destacou a ausência de comunicação entre universidade e escola e que as únicas orientações que recebeu para transmitir a professora supervisora foram relacionadas a quantidade de horas e o segmento escolar que deveria estagiar:

Eu acho que não houve nenhuma relação entre a universidade e o estágio. Certa forma houve por conta dessa pesquisa de mestrado, acredito, mas de qualquer outra forma, eu tive que não tiveram nenhuma supervisão da universidade, não tiveram nenhuma comunicação. A documentação que o departamento de estágio fornece a nós, majoritariamente, não é lida pelos coordenadores, mais a parte burocrática assim. Eu acho que tinha que ter uma força tarefa maior, um acompanhamento maior porque é uma das disciplinas mais importantes, umas disciplinas que a gente vai ter contato com a nossa profissão propriamente dita (Entrevista Final).

Ainda sobre essa relação entre a universidade e a escola, o estagiário acredita que deveria haver mais fiscalização, *“parada mais arrojada, mais pulso firme”* no controle do estágio pela universidade porque dessa forma – *“muito largada”* – só quem faz de fato o estágio de maneira correta são os discentes conscientes da importância dessa atividade para o seu futuro profissional. Na opinião do estagiário Bruno, o professor orientador da universidade deveria: *“[...] basicamente avaliar como foi o estágio e acompanhar também junto com o professor orientador do colégio* (Entrevista Final). E quando perguntado sobre a importância desse acompanhamento dos professores orientadores da universidade, o estagiário destacou a importância de ser ter o *feedback* de uma pessoa gabaritada para tal orientação:

Esse é um dos pontos mais importantes. Eu acho que se esse acompanhamento existisse de forma correta, não existiria nenhum professor de Educação Física ruim. Porque eu acredito que com a experiência de um professor, provavelmente doutor, mesmo que a pessoa se sentisse pressionada ou vigiada, no final do dia ela teria um feedback de um doutor e isso somaria muito basicamente uma exemplificação do que vai ser quando começar a exercer a docência” (Entrevista Final).

Quando sugerido que fizesse uma auto-avaliação de sua atuação dentro de todo esse período de estágio, o estagiário Bruno explanou que se dedicou muito e que, baseado nas impressões positivas que teve, acredita que tenha se saído bem. *“Bom...eu acredito que eu não tenha total credibilidade para me avaliar, sendo que era meu primeiro estágio, mas pelo que a Fernanda falou e pelo que os alunos demonstraram, me pareceu que eu me sai bem para um primeiro estágio e eu me esforcei muito para isso também”* (Entrevista Final).

Para o estagiário Bruno, um professor supervisor deve “[...] *ter noção básica do que ele tem que fazer, o que ele tem que demonstrar para o aluno, o que ele tem que repassar para gente para poder ter esse contato*” (Entrevista Final).

Na opinião do estagiário Bruno, o estagiário: “[...] *tem que ser proativo, tem que ser dedicado também aquilo, porque aquilo é*”. Sobre a avaliação de sua professora supervisora Bernadete, o estagiário acredita não ter “*nenhum aspecto negativo com relação à professora*”, e salientou mais uma vez que a mesma foi “*maravilhosa*” e que “*fez tudo que ela pôde e até o que ela não pôde*” para o sucesso do seu estágio. “*A supervisora local pôde me proporcionar essa experiência incrível*” (Relatório Final). O estagiário explicou que a professora parecia ter noção do que estava fazendo, mesmo nem sempre conseguindo exercer o trabalho 100% do que tinha planejado.

O estagiário explicou que a professora Bernardete aparentou ter ficado satisfeita com a conduta dele mesmo não demonstrando muitas certezas sobre o que esperar do estagiário, nem sobre os caminhos que esse estágio iria traçar.

Bom, eu acho que nem ela sabia com clareza o que ela esperava de mim. Eu acho que era uma grande incógnita, ela só tava deixando rolar e graças a Deus ela ficou bem satisfeita. Ela estava simplesmente esperando para ver o que ia acontecer e em alguns momentos ela disse que já chegou a ter estagiários e os estagiários ficavam o tempo sentados, escrevendo só e não participavam da aula. E a experiência positiva dela foi que eu fui muito proativo, sempre perguntei, sempre estive disposta a participar de todas as aulas. (Entrevista Final).

O estagiário ainda acrescentou avaliando todo o processo de estágio dizendo que a experiência do estágio no ambiente que será seu futuro local de trabalho foi muito válida e que isso proporcionou rever alguns conhecimentos aprendidos nas disciplinas e aumentar sua segurança na escolha da profissão.

Após esse período no estágio, pude adquirir muito mais experiência no campo da docência. Estive com pessoas maravilhosas, num ambiente que exemplifica a realidade do ensino público que será uma das minhas possíveis áreas de trabalho. Pude por em prática conteúdos relacionados a diversas disciplinas que já cursei. Como primeiro estágio, tive uma visão muito positiva e que me trouxe uma segurança enorme sobre a minha decisão de carreira (Relatório Final).

Quando perguntado se teria algum conselho ou sugestão para a professora supervisora Bernadete, o estagiário Bruno comentou que ela poderia ser um pouco mais firme, porém entende toda a problemática que pode estar envolvida nisso.

Eu não sei, acho que nenhum...porque eu acho que não tenho ainda credibilidade para esse tipo de coisa. Eu acho, talvez, para ser um pouco mais firme, mas é bem complicado, porque ela pode ter tentado ter sido firme em algum momento e o colégio não foi muito favorável a isso. Porque lá os alunos retrucam mesmo e uma parada bem complicada

porque você não sabe até que certo ponto você pode continuar retrucando com o aluno (Relatório Final).

E a sugestão final do estagiário para outros colegas licenciandos de Educação Física, foi:

Acredito que temos muitas dificuldades e precisamos de muitas melhorias. Nossa disciplina é sucateada e desvalorizada cada vez mais, o quem tem colaborado para essa dificuldade. Os alunos precisam ter mais tempo de Educação Física para poder se desenvolver melhor, tanto fisicamente quanto psicologicamente, mas principalmente socialmente (Relatório Final).

#### **4.3.6 O estágio sob a observação da pesquisadora**

As observações foram feitas no ambiente escolar B, em momentos de práticas pedagógicas, com a devida autorização da gestão escolar, da professora supervisora Bernardete e do estagiário Bruno.

As observações começaram após o início do período de estágio, devido a questões burocráticas, porém esse momento de recepção foi relatado pelos participantes nas entrevistas e no relatório final.

As turmas eram cheias, com quantitativo de mais de 40 alunos e a quadra era dividida com outra professora de Educação Física no mesmo horário, devido à carência de espaço físico destinado as aulas de Educação Física. Além dessa situação, várias vezes as aulas eram interrompidas para horários de entrada/ saída e intervalo (recreio) de outras turmas. Com isso, a quadra se transformava no pátio da escola, espaço para as crianças brincarem livremente e, depois, se organizarem em filas para entrada/saída no prédio da escola. Durante todo esse período, os alunos que estavam tendo aula de Educação Física permaneciam nos cantos da quadra, com suas atividades de aula paralisadas para minimizar o risco de acidentes entre os alunos de diferentes faixas etárias, o que prejudicava muito a dinâmica e evolução das aulas de Educação Física. Após o “esvaziamento” da quadra pelos outros alunos (entrada/saída ou intervalos), a professora Bernadete e o estagiário Bruno tinham que estruturar o espaço (metade da quadra) com os materiais e recobrar a atenção dos alunos para a continuidade das aulas, o que muitas vezes, levava ao desinteresse e perda de estímulo de muitos alunos.

Os materiais são outra problemática muito apontada pelos participantes desta pesquisa. A escassez de material esportivo é algo alarmante na escola B, mesmo a PS relatando que o diretor fazia o que podia para comprar materiais, mas nem sempre tinha verba disponibilizada pelo poder público para esse fim específico. Com isso, o material se resume a bolas velhas e rasgadas, alguns cones pequenos e bambolês bem tortos. A PS relatou que a escada de atividades que ela utilizou foi comprada por ela e que o estagiário Bruno, de forma voluntária, ficou de conseguir uma bola com guiso emprestada na universidade para tentarem fazer uma aula diferente para os alunos. O

material esportivo da escola é armazenado em um local que também é depósito dos funcionários da limpeza, o que não permite muito espaço para organização. Em alguns momentos de observação na escola, a PS relatava que essa falta de materiais prejudicava muito a execução do planejamento anual do município, pois não conseguia realizar todas as atividades pretendidas. Acrescentou também, que essa situação dos materiais prejudicou o estagiário, pois mesmo sendo importante ele ter conhecimento da realidade das escolas públicas do município, não podia aprender a lecionar diversas atividades devido a essa limitação. O estagiário Bruno também relatou diversas vezes essa questão dos materiais como fator complicador para suas intervenções e atividades pedagógicas planejadas.

A professora supervisora Bernadete, no início do período de estágio, ficou um pouco tensa e preocupada em justificar quase todas as suas ações pedagógicas à observadora. Porém, com muita conversa e explicação da observadora, a PS entendeu que poderia seguir o ritmo normal de suas aulas e aparentou ter ficado mais à vontade e tranquila. Ela não apresentou qualquer dificuldade ou impasse nos contatos telefônicos e mensagens para agendamentos prévios de visitas.

No início da pesquisa, a PS acreditava que as entrevistas e visitas eram estratégias de fiscalização e acompanhamento do estagiário Bruno pela universidade. Visto que nunca antes tinha sido feito esse contato entre universidade e escola (relato da professora). Após as explicações, porém, ela compreendeu que se tratava de uma pesquisa ampla de um grupo de pesquisa da universidade sobre a temática do estágio curricular supervisionado.

A PS e o estagiário apresentaram uma relação de muita educação e respeito mútuo, sempre organizado e pautado no diálogo para resolver os problemas com os alunos. Essa relação era de parceria entre os dois, visto que o estagiário exercia uma importante função nas aulas: a de “ajuda” nas aulas de Educação Física. O estagiário aparentava estar muito à vontade com o espaço escolar e com a professora supervisora, sendo muito bem recebido pelos funcionários, PS e pelos alunos. A recepção ao estagiário Bruno era realizada de forma muito educada e respeitosa, visto que a presença do estagiário era algo muito esperado por todos.

Devido às problemáticas enfrentadas pela PS para ministrar suas aulas, o estagiário Bruno era de muita ajuda e suporte para conseguir administrar o espaço, os materiais e o controle das turmas. A chegada do estagiário ocorria em momentos em que a aula já havia iniciado (1ª turma) e o Bruno era muito aguardado pela PS e pelos alunos, pois algumas atividades a professora explicava que só seriam possíveis na presença do estagiário Bruno.

Além disso, a PS atendia a diversas faixas etárias, o que exigia um planejamento e atenção diferenciada aos alunos nos momentos de “intervalo”, para não ocorrerem acidentes ou uma

dispersão. Nesses momentos, a PS solicitava bastante a ajuda do estagiário, como apoio no controle dos alunos e dos materiais.

A dinâmica das turmas para as aulas de Educação Física era organizada com a PS e o estagiário, que era o responsável por buscar as crianças da sala para quadra e vice versa. A PS geralmente dividia a turma em filas de meninos e meninas e o estagiário Bruno ficava responsável pelo grupo dos meninos.

O planejamento era conversado entre os dois em momentos fora da escola, por trocas de mensagens (relato dos participantes) e, rapidamente, antes das aulas para alinharem os objetivos e os materiais que seriam escolhidos para aquelas aulas. O estagiário ajudava nessa divisão de materiais e organização dos alunos na quadra para atividade.

Durante as aulas, a PS esteve sempre no local e atenta aos conflitos dos alunos, porém deixou o protagonismo das aulas muitas vezes para o estagiário Bruno. O estagiário é tratado por ela como um colega de profissão e o apresentou para as turmas como professor Bruno. Eles dividiam as arrumações e comando das atividades, ficando na maioria do tempo o estagiário com os meninos e a PS com as meninas, nas atividades iniciais. Isso porque a PS, como estratégia de aula, dividia a turma em meninos e meninas e ministrava as atividades para as meninas, enquanto o estagiário Bruno ministrava para os meninos. Ao longo da aula, o estagiário assumia mais autonomia e comandava outras atividades, porém sempre com a PS na quadra com a turma.

Bernardete apresentava muita confiança no estagiário Bruno e o aguardava em aula para iniciar algumas atividades específicas, principalmente o futebol com os meninos. Certa vez, a PS comentou aos alunos que o “*professor Bruno*”, forma que ela utilizava para apresentar o estagiário as turmas, era treinador na Escolinha do Flamengo, o que trouxe muita animação e interesse dos meninos pela constante presença do estagiário Bruno, assim como do futebol também nas aulas.

A presença do estagiário era um suporte significativo para a PS durante suas aulas de Educação Física, principalmente com as faixas etárias menores, pois essas turmas demonstravam mais interesse em participar das aulas e demandavam mais atenção da PS. Com isso, a presença do estagiário Bruno era fundamental para conseguir realizar a organização dos materiais e a execução do planejamento das aulas, recorde-se, divididas entre meninos e meninas.

Em caso de acidentes ou qualquer situação que a PS precisava se ausentar, uma comunicação oral entre eles era feita para que o estagiário assumisse a aula, enquanto a professora não retornasse. Durante esses momentos de ausência, o estagiário não apresentou nervosismo ou insegurança ao prosseguir com as atividades.

O estagiário Bruno a ajudava em todos os passos da aula, desde organizar os materiais em quadra, buscar e levar turmas, resolver conflitos, orientar atividades aos meninos e guardar os

materiais no depósito. Mesmo sem muitas explicações dos motivos dessas ações ao estagiário, ele sempre a ajudava nas aulas e sabia da importância da sua presença nas aulas para a PS.

Em um dia de observação, a escola estava organizada para semana de provas e a professora Bernardete iria ser a supervisora de uma prova de história para uma turma bem indisciplinada do 9º ano. A turma apresentou comportamento bem agitado e falante no início da avaliação, mesmo a professora, ainda sozinha, pedindo silêncio com muita educação a todos. Com a chegada do estagiário Bruno, ela o orientou a supervisionar metade da sala, enquanto ela supervisionava a outra metade, dividindo igualmente a tarefa de orientar os alunos. Os alunos demonstraram respeito pelo estagiário e a avaliação transcorreu sem maiores incidentes. Nesse dia, o estagiário foi liberado pela PS mais cedo, pois as atividades escolares já tinham sido finalizadas após as provas bimestrais.

A PS não tinha o hábito de fazer qualquer orientação ou sugestão de ação ao estagiário em momento de aula. Ambos relataram que devido a rotina muito concorrida de aulas e atenção aos alunos, muitas orientações de *feedback* eram realizadas pelo *whatsapp* antes e depois das aulas.

Durante os momentos de observação, foram presenciados convites ao estagiário para participar de um evento escolar e do Conselho de Classe. O estagiário demonstrou interesse em participar e não houve qualquer empecilho da coordenação ou da direção sobre sua participação.

Era percebido pela pesquisadora que a PS se preocupava com a formação do estagiário e em fornecer conhecimentos para que ele aprendesse as dinâmicas de uma escola, mas que devido a sua realidade, sua atenção estava para todas as demandas que tinha que dar conta nas aulas, ou seja, a execução do planejamento e controle de turma eram o foco principal da aula e do estágio. Quando perguntada sobre a construção de conhecimento docente para o estagiário, a PS relatou que o fato do Bruno estar ali presenciando todas as adversidades e a auxiliando com a disciplina das turmas, era um fator muito importante para aprendizagem do exercício do magistério.

A professora supervisora Bernardete, mesmo sempre muito solícita ao estagiário, apresentava um comportamento inseguro na orientação do mesmo, exercendo sua atividade de supervisora quase que de forma “artesanal”, ou seja, por instinto e a partir de tentativas julgava serem as mais corretas, aparentemente, sem ter uma organização ou sistematização das etapas de uma orientação e supervisão de um estagiário. A PS apresentava interesse na formação do estagiário e no conhecimento sobre a sua importância no processo do estágio, mas não sabia “como proceder” para ser efetiva nessa formação, alegando muitas vezes falta de orientação e formação dela por parte da universidade. Além disso, não apresentava saber de sua “autoridade” perante os trâmites legais do estágio, como o cumprimento da carga horária mínima, frequência adequada na semana e intervenções práticas nas aulas que o estagiário deve cumprir, o que muitas

vezes ocasionava ausências ou atrasos do estagiário nas aulas, sem a devida comprovação adequada.

Na maioria das vezes, a professora Bernardete se comportava com gratidão ao estagiário, devido a toda ajuda prestada por ele nas aulas, e não demonstrava estar à vontade para cobrar horários e frequência. E essa sensação de gratidão e de “não autoridade” foi percebida pelo observador na gestão da escola também, que sempre se pronunciavam favoráveis a receber os estagiários dessa universidade pesquisada, por precisarem muito de ajuda no desenvolvimento de projetos e andamento das aulas. Com isso, não foi constatada qualquer tipo de “fiscalização” ou “controle” no cumprimento dos dias e horários do estagiário e/ou organização de orientação ao estagiário.

#### **4.3.7 Proposta de categoria de Levantamento de Indicadores de Acolhimento**

Cabe ressaltar novamente que nenhum processo de estágio está totalmente inserido em um Modelo de Receptividade do estagiário na escola, pois as atitudes e posturas que o PS tem com seus estagiários são frutos de um contexto de vivências pessoais e profissionais que formaram a sua identidade docente (NÓVOA, 2011).

A falta de capacitação específica para receber, acolher e orientar os estagiários influencia a receptividade do PS, pois recebem os estagiários em suas aulas sem possuir o conhecimento adequado para aquela prática, repetindo sem a devida reflexão, concepções de sua formação e/ou modelos de formação presentes no campo educacional (BENITES, 2012). Logo, um professor supervisor, ao longo do estágio, pode desenvolver ações e discussões com o seu estagiário oriundas do Acolhimento Modelar e/ou Acolhimento Formativo, e até mesmo da Recepção, entre outras formas, dependendo das diversas influências e socializações que vivenciou.

Esta pesquisa buscou levantar indicadores de acolhimento que mais se destacaram na relação do PS com o seu estagiário nesse processo de formação na escola e que nortearam os trabalhos desenvolvidos por eles. De acordo com os dados coletados a partir das interações observadas entre a PS Bernardete e o estagiário Bruno, pode-se observar um tipo de acolhimento com mais indicadores do modelo Formativo. Mesmo que, por muitas vezes, a professora Bernardete apresentasse insegurança nas ações e escolhas, baseadas em sua realidade escolar e de sua formação profissional para orientar um estagiário, a PS apresentou diversos elementos indicadores ao Acolhimento Formativo.

Para nortear essa pesquisa e organizar a discussão dos dados, será proposto uma sistematização de ações adotadas no estágio chamados aqui de Categoria de Indicadores.

### 4.3.8 Discussão dos Dados da Escola B

A Categoria de Indicadores foram utilizadas nesse trabalho para organizar e dar suporte nos momentos de análise e reflexão dos dados coletados. Serão apresentados e discutidos a seguir informações referente à Escola B pesquisada e seus participantes.

#### 4.3.8.1 Receptividade

Essa pesquisa não teve início no momento da recepção do estagiário ao ambiente escolar, porém buscou-se sanar essa demanda através da coleta de dados com instrumentos que revivessem esse momento com os participantes.

A recepção do estagiário Bruno se deu de forma muito respeitosa e agradável pela equipe gestora e, posteriormente, pela professora Bernardete. O estagiário foi recebido pela coordenadora pedagógica e pelo diretor geral que apresentaram o espaço físico e explicaram as demandas e problemáticas da escola B. Além disso, foi disponibilizado ao estagiário a possibilidade de escolher a grade de horário de estágio para que não atrapalhasse os horários de aula na Universidade. O estagiário escolheu o horário da professora Bernardete sem conhecê-la previamente.

Desde a chegada à escola, o estagiário Bruno contou com a constante presença do diretor geral sempre o oferecendo ajuda e disponibilizando a escola B para outros estagiários interessados em cumprir o período de estágio na unidade. O estagiário também foi bem recebido pela professora supervisora Bernardete, a qual apresentou interesse em ter o estagiário em suas aulas e incluí-lo nas suas atividades escolares cotidianas.

Essa receptividade foi fundamental para que o estagiário, nesse primeiro momento, se sentisse acolhido e à vontade com o ambiente escolar. Quando a escola demonstra preocupação com a grade de horário do estagiário e flexibiliza da melhor forma para recebê-lo na escola, ela já está contribuindo com o processo de estágio curricular supervisionado, mesmo que de forma ainda inicial.

A escola não é um ambiente desconhecido para um estudante de licenciatura, porém, para muitos estagiários, esse é o primeiro contato com a escola no lugar de “não aluno”, ou seja, na posição de futuro docente, e essa receptividade é importante para a construção da integração do estagiário ao ambiente escolar. A “escola como *locus* formativo privilegiado” (SARTI, 2013, p.218) produz conhecimentos únicos e específicos do cotidiano escolar. Logo, todos na escola devem se sentir parte desse processo de construção de um novo professor.

Para a realização de um Acolhimento com características Formativas, a recepção do estagiário na escola é uma fase muito importante da integração inicial. Para isso, é fundamental

que seja apresentado ao estagiário o ambiente escolar e que seja demonstrado interesse em recebê-lo e em contribuir com a sua formação profissional.

Esse modo de recepcionar estagiários assume características específicas que apontam para um engajamento do professor da educação básica no processo de formação profissional do estagiário. Ele se vê na posição de realizar intervenções formativas junto ao estagiário. O professor da escola se vê assim como alguém que deve interferir no processo e atuar na formação de um futuro docente. (ARAÚJO,2014,p.219)

#### **4.3.8.2 Apresentação de instrumentos pedagógicos (escola/professor)**

O estagiário Bruno teve acesso a diversas conversas com a direção e a PS sobre a identidade da escola e todas as suas problemáticas presentes na dinâmica cotidiana. Porém, ficou a cargo da PS a apresentação dos planos anuais e bimestrais das aulas de Educação Física ao estagiário. O município conta com um planejamento anual oferecido pela Secretaria de Educação a todos os professores de Educação Física em exercício, o qual foi apresentado pela professora Bernardete ao estagiário. Mesmo sendo um documento oficial da prefeitura da cidade pesquisada, a professora explicou ao estagiário que seria possível algumas adequações por conta da situação particular da escolar. Assim, o estagiário teve acesso aos planos e as programações dos eventos escolares agendadas para aquele bimestre que esteve na escola.

As demandas da escola B são muitas e que fazem com que os planos bimestrais tenham que ser adequados a esta realidade. Por possuir a quadra esportiva também utilizada como pátio para recreação da escola, pela quadra ser compartilhada com outro professor de Educação Física e a carência importante de materiais esportivos exigem da professora supervisora uma adaptação de todo o seu conteúdo e planejamento nas aulas de Educação Física.

A PS apresentou toda essa realidade da escola ao estagiário e buscou incluí-lo nas tomadas de decisão importantes nas aulas, permitindo que o estagiário Bruno propusesse atividades alternativas como adequação ao plano de aula. Para o estagiário foi muito importante ter acesso a esses materiais da escola, pois para atuar em um ambiente escolar é fundamental que se conheça sua identidade e características. Apesar do estagiário morar nos arredores da escola e conhecer a realidade local, foi preciso ter acesso, mesmo que por conversas, aos fundamentos e aos objetivos que a escola se propõe a seguir naquele ano.

O estagiário também teve acesso ao Planejamento Anual oferecido pela prefeitura da cidade e pode refletir junto com a PS a importância de uma flexibilização do planejamento para que ele esteja coerente com as demandas da escola. E isso só foi possível porque a PS disponibilizou desde o início esse material e permitiu as reflexões de adaptação sobre o mesmo.

Para o Acolhimento Formativo, segundo os conceitos de Bueno e Souza (2012), o estagiário deve conhecer o ambiente escolar onde ocorrerá o estágio e ter acesso aos planejamentos da escola. É fundamental, também, que a identidade da escola e de sua comunidade assistida seja apresentada ao estágio, para que ele possa conhecer e propor intervenções pedagógicas compatíveis a aquela realidade específica.

Para Araújo (2014), quando o professor supervisor apresenta ao seu estagiário instrumentos de trabalho pedagógicos (diários de classe, planejamentos, Projeto Político da Escola, relatórios e outros), está contribuindo positivamente para o processo de socialização profissional do estagiário.

#### **4.3.8.3 Disponibilidade de comunicação e demonstração de interesse na formação do estagiário**

A professora Bernardete desde o início do estágio se colocou acessível ao estagiário para questionamentos e necessidade de orientação, por meio de conversas presenciais, telefônicas e *on line* (*whatsapp* e *e-mail*). O estagiário e a professora mantinham contato frequente sobre a temática das aulas, problemáticas da escola e peculiaridades da vida docente. Esses contatos eram utilizados também para avisos em casos de ausência de ambos ou problemas sobre os dias das aulas que aconteciam os horários de estágio.

A professora Bernardete apresentava interesse em participar da formação do estagiário, ao realizar medidas que acreditava serem importantes para o período de estágio. A professora nunca teve qualquer formação ou conhecimento sobre o processo de orientação de um estagiário, mas escolhia ações que acreditava serem positivas e que solucionariam problemas da época em que realizou o estágio supervisionado.

Mesmo demonstrando interesse na formação do estagiário, a professora apresentou insegurança nas escolhas mais acertadas, potencializadas, possivelmente pelas demandas da escola e/ou pela sua “não formação” para orientar um estagiário. Com isso, muitas das suas ações com o estagiário eram baseadas no conceito da “ajuda”, onde ela ajudava o estagiário em sua formação e o estagiário, por sua vez, ajudava nas situações problemáticas de aula.

A disponibilidade de horários e de diversos meios de comunicação ao estagiário Bruno demonstraram o interesse da PS em interagir e participar desse processo de estágio. Quando o professor supervisor se coloca disponível para orientar, incentivar a reflexão e sanar possíveis dúvidas do seu estagiário, ele está contribuindo de forma positiva para que o futuro professor possa construir a sua realidade docente.

No Acolhimento Formativo, segundo Araújo (2014), o PS se sente parte do processo formativo profissional do estagiário e se preocupa em oferecer uma comunicação efetiva entre eles. O PS entende a importância desse período e a possibilidade de haver diversas dúvidas e questionamentos do estagiário sobre as aulas, horários, intervenções, orientações e *feedbacks*. Com isso, meios diversos de comunicação podem ser utilizados para facilitar e aproximar ambos nesses momentos de interação, dentro e fora do ambiente escolar. O PS pode oferecer um horário específico para os momentos de orientação e troca com o estagiário dentro do seu horário de planejamento e/ou pode disponibilizar seus canais pessoais de comunicação como: *email*, *whatsapp* e telefones.

Toda essa disponibilidade favorece o relacionamento mais próximo do PS com seu estagiário e amplia as oportunidades de orientação sobre as aulas, os alunos, a escola, a carreira docente, entre outros (BUENO E SOUZA, 2012).

#### **4.3.8.4 Expectativas com o estagiário**

A professora supervisora Bernardete elogiou repetidas vezes o comportamento e aprendizado do estagiário Bruno e acreditava que ele já tinha um bom relacionamento com as crianças devido a sua experiência anterior em escolhinha de futebol.

Devido às adversidades na escola, a professora também esperava pela “ajuda” do estagiário com as divisões das tarefas e o suporte com os materiais esportivos que seriam utilizados das aulas. Essa “ajuda” era vista pelos dois (PS e estagiário) como importante para o processo de formação do estagiário, por oportunizar ao estagiário esse contato com a realidade escolar atual.

A professora esperava que o estagiário aprendesse não só sobre as metodologias nas aulas, mas também, sobre a vida docente e suas necessidades diárias, pois todas as dificuldades vivenciadas no estágio eram, para Bernardete, vistas como importantes para construção da identidade docente.

No Acolhimento Formativo, segundo Araújo (2014), o PS deve sempre incentivar e estimular seus estagiários nas carreiras profissionais escolhidas porque muitas vezes a falta de experiência somada as problemáticas da escola ocasionam insegurança nas aulas e desestímulo com o estágio e com a profissão. O PS não deve esperar o estagiário demonstrar interesse pelas aulas e pela profissão, pois, através de suas orientações e reflexões sobre a profissão, o PS pode ser foco de estímulo positivo aos seus estagiários.

#### **4.3.8.5 Participação do estagiário no cotidiano escolar**

A professora Bernardete apresentou o estagiário aos alunos como “professor Bruno” e o colocou na posição de bi-docência ao longo de todo o estágio. Os alunos o respeitavam e

chamavam de “professor” ou “tio” e a sua presença era muito aguardada tanto pela professora quanto pelos alunos.

Devida às demandas da escola, a professora Bernardete contava com o suporte do estagiário em suas aulas, propondo a divisão da turma para facilitar o controle dos alunos. Nessa divisão, a professora ficava com as meninas e o estagiário Bruno com os meninos da mesma turma. Com isso, diversas atividades, em especial com os meninos, contavam com a presença do estagiário, em especial, pela sua experiência em escolinhas de futebol. Esse suporte também acontecia no controle dos alunos, quando a quadra era compartilhada com outras turmas e no suporte com os materiais esportivos. O estagiário também exercia função docente com a professora Bernardete nos momentos de recebimento e entrega das turmas nas salas e apoio no refeitório da escola.

O estagiário Bruno tinha total liberdade para propor atividades e intervir nas aulas da PS e essas intervenções começaram logo no início do estágio e perduraram até o final do período. Ele também participou de eventos extraclasse com a professora e apoio nas semanas de avaliação teórica da escola. Deste modo, foi possível observar que o estagiário Bruno participou intensamente da vida escolar ao longo desse estágio, com contribuições importantes para a realização tanto de aulas como de eventos escolares. Esses momentos são fundamentais, pois são eles que permitem que o estagiário vivencie uma prévia da sua futura profissão, porém ainda com suporte do professor supervisor.

No Acolhimento Formativo, a participação do estagiário deve ser ativa, com possibilidades de intervenção nas aulas, interação nas reuniões pedagógicas e ações na comunidade escolar, para que haja possibilidade de uma vivência antecipada do ambiente de trabalho. O estagiário deve assumir uma posição de parceria com o seu professor supervisor, tendo sua participação sempre frequente nas dinâmicas das aulas.

Segundo os conceitos da invisibilidade de Bueno e Souza (2012), o estagiário não deve olhar para o seu professor supervisor como um modelo ou mestre, mas sim, com um olhar mais abertos as especificidades oriundas de cada ambiente escolar.

O acolhimento que denominamos aqui como sendo formativo, o professor chega a oportunizar ao futuro docente transitar pelo lugar da docência. Elabora algumas práticas com o objetivo de contribuir de alguma maneira para a formação, tendo como referência suas próprias necessidades nesta fase. Contudo, suas ações ainda não possuem um caráter plenamente intencional e sistematizado. (ARAÚJO, 2014, p.120)

Quando um estagiário é visto pelo PS como “outro aluno” em classe, a sua participação se resume a de “aluno”, ou seja, não é proporcionado a ele momento de construção de experiências docentes, assumindo uma posição passiva e pouco autônoma.

Há duas possibilidades quanto ao lugar que o estagiário pode ocupar. Ele pode ocupar o lugar de estagiário como aluno- de maneira que se restringe a aplicar atividades e cumprir com o que lhe foi ensinado, de modo que seu olhar está voltado para a professora como seu modelo. Ou ocupar o lugar de estagiário como futuro professor- olhar para a sala de aula a partir da lente docente e experimentar o cotidiano da sala de aula em seu dinamismo e complexidade em uma perspectiva de processo formativo. Seu olhar então, se voltará para si mesmo, para sua prática com os alunos, o que pressupõe então, tempo de ação e reflexão. (ARAUJO, 2004, pág.103)

#### **4.3.8.6 Socialização Profissional do estagiário**

A professora Bernardete teve a preocupação de integrar o estagiário desde o início do estágio, ao apresentar todo o ambiente escolar e os outros professores/ funcionários da unidade. O estagiário era conhecido por muitos profissionais da escola pelo nome e por sua função de futuro docente em formação com a professora Bernardete. A PS sempre o levava com ela para resolver qualquer questão pedagógica, tanto nas salas de aula, no refeitório da escola, secretaria, direção e sala dos professores. O estagiário conhecia todos esses espaços e se sentia bastante a vontade em frequentá-los.

O estagiário Bruno também foi convidado pela professora supervisora a participar dos eventos escolares daquele bimestre, interagindo no seu planejamento e na execução no dia da culminância e a participar, também, de reuniões pedagógicas, como o Conselho de Classe.

O estagiário Bruno já tinha uma experiência profissional anterior com a docência em escolinhas de futebol na mesma cidade pesquisada. A dinâmica de organização e estrutura das aulas não é a mesma, se comparada com uma escola, mas essa socialização antecipada do estagiário o permitiu vivenciar esse novo estágio com uma maior bagagem de conhecimentos docentes. Esses conhecimentos advindos da escolinha de futebol foram muito importantes para o estagiário Bruno porque trouxeram experiência no trato com as crianças e postura no ambiente de trabalho.

Segundo Bueno e Souza (2012), o Acolhimento Formativo entende a socialização profissional como uma possibilidade de ampliar as trocas de experiências da profissão e diálogos sobre demandas específicas desse mundo escolar com os funcionários mais experientes da escola. Para Tardif (2000) a socialização profissional “é um processo de identificação e incorporação dos indivíduos às práticas e rotinas institucionalizadas dos grupos de trabalho (p.14)”.

Esse modo de acolher os estagiários direciona para a concepção de socialização profissional, por permitir ao estagiário “experimentar o contato com a diversidade que caracteriza a docência” (SARTI, 2009, p.137).

Quando o estagiário de licenciatura tem a oportunidade da socialização profissional, ele tem acesso aos símbolos e hábitos inerentes ao cotidiano escolar e isso o permite resignificar

alguns conceitos do senso-comum que o estagiário traz da sua socialização antecipatória (família, amigos e sua própria vida escolar). Ao retornar à escola na função de futuro docente, o estagiário precisa resignificar sua socialização escolar e, com isso, enfrentar um novo desafio de “prestar atenção nos fenômenos da sala de aula em relação ao qual ele possui expectativas ou representações fortes” (TARDIF, 2012, p.70).

Através dessas trocas de experiência e vivências com diversos atores da sua profissão, o estagiário pode refletir e construir a sua própria identidade profissional, pois:

[...] a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no ato do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida. O indivíduo nunca constrói [ sua identidade] sozinho: depende tanto dos julgamentos dos outros, como das suas próprias orientações e auto definições. [Assim] a identidade é produto de sucessivas socializações (DUBAR, 1997, p.13)

#### **4.3.8.7 Momentos de orientação e *feedback***

A professora Bernardete realizava momentos de orientação e *feedback* com o estagiário sempre que entendia ser importante e oportuno. No entanto, ela acreditava que o estagiário já possuía um comportamento considerado positivo por ter experiência docente anterior e, por isso, os momentos de orientação com relação à aula e a *performace* do estagiário não foram tão frequentes.

Os momentos de conversas, dentro ou fora do ambiente escolar, estavam mais voltados para que o estagiário tivesse acesso à realidade escolar atual e refletisse, também, sobre a futura carreira pretendida. Nessas orientações, a PS falava sobre a sua experiência como docente e pontuava sobre a importância de se conhecer a fundo o contexto escolar que se vai trabalhar.

Os momentos destinados à orientação do estagiário não eram limitados ao ambiente escolar, pois a professora sempre se colocou disponível através de redes de telefonia e de comunicação digital (*whatsapp* e *email*) para conversar e tirar qualquer dúvida do estagiário, seja sobre a próxima aula ou sobre novos passos profissionais.

No Acolhimento com características de Formativo, segundo Araújo (2014), o professor supervisor proporciona momentos destinados à orientação e *feedback* das aulas ao estagiário. Esse tempo pode ser dentro do espaço escolar, no momento mais oportuno a ambos, como também, pode ser por meios de comunicação *on line*, disponibilizados pelo PS. As orientações e observações sobre a aula e os alunos são muito importantes para o estagiário que, muitas vezes, carece ainda de vivência na realidade escolar e precisa conhecer a dinâmica da escola e do PS com seus alunos.

Os *feedbacks* ocorrem com frequência em um acolhimento formativo, pois após as intervenções do estagiário, o mesmo precisa receber do seu PS informações e críticas construtivas para aprimorar sua segurança e sua prática (BUENO E SOUZA, 2012). As orientações devem ir além das trocas de informações sobre as aulas ministradas pelo estagiário, precisam abranger reflexões sobre a prática, uma maior atenção sobre os comportamentos e posturas utilizados pelo estagiário. Reflexões sobre o contexto social da escola, dos alunos e da carreira profissional docente estão incluídos nessas conversas entre PS e estagiário que contribuem com a construção da identidade profissional do futuro professor em formação.

De acordo com Araújo (2014), o modelo de Acolhimento Formativo entende os momentos de diálogo entre o PS e seu estagiário como forma de conhecer os anseios do estagiário, discutir sobre as práticas e oportunizar a reflexão sobre o contexto da escola, logo se aproxima do modelo pedagógico da contemporaneidade referido por Bueno e Souza (2012).

#### **4.3.8.8 Relacionamento PS e estagiário**

O relacionamento da professora supervisora Bernardete e do estagiário Bruno foi positivo desde o início do estágio, pois a professora o recebeu com muita empatia e interesse naquele estágio. A PS apresenta um perfil muito respeitoso e amigável, o que fez o estagiário se sentir muito acolhido e à vontade em ficar para realizar seu estágio ensino fundamental com ela.

A professora Bernardete não possuía uma formação específica sobre orientação de estagiários e/ou qualquer suporte da universidade sobre o estagiário, logo, não sabia exatamente como era dinâmica de um estágio supervisionado e não possuía sistematizado o passo a passo da orientação ao estagiário. Com isso, ela agia de forma “artesanal”, escolhendo algumas práticas das quais vivenciou no seu próprio estágio e que entendia como favoráveis à formação do estagiário.

Os autores Benites, Cyrino e Neto (2012) vêm se dedicando às pesquisas sobre o papel do professor colaborador (nesta pesquisa o termo adotado foi o de Professor Supervisor) e suas problemáticas:

Afinal quem é este professor-colaborador? Antes de tudo ele é um professor. Alguém que foi forjado pela sua constituição, que agrega saberes, competência e experiências relacionadas a um universo profissional e pessoal. Este professor-colaborador é formado para ensinar alunos da educação básica e recebe estagiários em situação de estágio obrigatório nas escolas, mas não recebe uma formação específica para se tornar um formador de professores (p.567).

A professora não se colocava em posição de superioridade ao estagiário e entendia que existia uma relação de ajuda mútua entre eles, pois o estagiário precisava de suas orientações e aulas e ela precisava da ajuda que o estagiário dava nas aulas.

Essa relação de “ajuda”, muitas vezes, fazia com que a PS não se sentisse apta a criticar ou repreender o estagiário por alguma necessidade, já que contava com ele em diversos momentos das aulas e eventos da escola. A ajuda era vista pela PS como importante, pois ela tinha diversas problemáticas da escola que influenciavam suas aulas, o que a fazia depender do apoio do estagiário. O estagiário tinha total percepção sobre essa necessidade de suporte da professora e se colocava disponível para assumir junto com ela as necessidades das aulas. Situações como atrasos, faltas e carga horária a ser cumprida do estagiário não foram muito cobradas pela professora, deixando que ele tivesse autonomia para gerir esses pontos. Em muitos momentos, a professora aparentava não se sentir à vontade para cobrar essas questões burocráticas do estagiário, deixando que ele decidisse a organização dos seus horários.

Existia entre eles uma relação de parceria e muito companheirismo ao longo desse período de estágio, pois ambos estavam envolvidos e interessados que o estágio acontecesse. A professora Bernardete buscava sempre integrar e incentivar o estagiário Bruno nas tarefas inerentes à função docente.

Deste modo, o relacionamento da professora Bernardete e do estagiário Bruno apresentaram pontuações importantes do Acolhimento Formativo, pois existia entre eles um sentimento de parceria e cumplicidade. No Acolhimento Formativo, a PS proporciona um ambiente de estágio de muito companheirismo e proximidade do estagiário, favorecendo o relacionamento entre eles.

Para Correa-Molina (2004), o professor supervisor deve ser formado e habilitado com competências específicas para interagir com o estagiário no ambiente escolar. A função principal do professor supervisor é promover uma maior aproximação do estagiário a sua futura realidade laboral e permitir, com isso, a ampliação dos conhecimentos oriundos da ação pedagógica.

Segundo Araújo (2014), o PS, no Acolhimento Formativo, enxerga seu estagiário como um parceiro profissional e o coloca nessa posição frente a outros professores, funcionários e os alunos, pois o entende como um futuro colega de trabalho em formação. Posturas como essas permitem ao estagiário mais segurança e autonomia para interagir e intervir no ambiente profissional.

Trata-se de uma relação de companheirismo bastante específica, um acompanhamento formativo cujo foco está no futuro da existência do acompanhado que, neste caso, é o estagiário. Em tal relação, aquele que acompanha (a professora parceira) coloca à disposição do acompanhado condições necessárias para que ele possa descobrir suas possibilidades, organizando situações propícias para a formação ou aproveitando as situações favoráveis. (SARTI, 2013, p. 94).

#### 4.3.8.9 Reflexão sobre a prática docente no cotidiano escolar

Durante o período de estágio, a professora supervisora Bernardete teve a preocupação de apresentar ao estagiário a realidade de uma escola pública, o que incluiu as adversidades inerentes ao espaço escolar que podem prejudicar o andamento do estágio. A PS acreditava que tudo isso era fundamental e que o estagiário deveria conviver, pois assim ele teria contato com o contexto de uma escola de verdade.

Problemas como quadra compartilhada com outras turmas para aulas ou como pátio e a escassez de material não foram vistos pela professora Bernardete como empecilho para o estágio ocorrer. Esses pontos eram motivos de conversa e reflexão sobre a prática cotidiana entre a professora e seu estagiário.

Por diversas vezes, o planejamento precisou ser readequado por causa da carência de materiais e/ou pelas limitações de espaço na quadra. Logo, essas situações eram pautas de conversas para que juntos encontrassem alternativas válidas e possíveis para aulas ocorrerem. A professora permitia as intervenções do estagiário diante das necessidades de adequações das aulas e aceitava suas sugestões de uso de material esportivo alternativo ou novos jogos como substituições no plano de aula.

Esses momentos de debate em conversas de orientação foram muito válidos para o estagiário, visto que ele também se sentiu parte importante do processo de ensino aprendizagem dos alunos e teve oportunidade de interagir e refletir sobre as demandas de sua futura profissão.

De acordo com o Acolhimento Formativo, o PS tem um papel muito importante na formação do seu estagiário, pois ele o acompanha e orienta ao longo de todo o processo de estágio. Nos momentos de interação e orientação, o professor supervisor contribui para uma reflexão do estagiário sobre sua própria prática e escolhas, permitindo que o estagiário compreenda os motivos de suas ações e as especialidades de cada uma delas. Ao refletir, o estagiário tem a oportunidade de romper com práticas “engessadas” e modelos prontos de ensino, e construir novos conhecimentos e um olhar mais crítico sobre suas aulas e os objetivos delas.

Para o Acolhimento Formativo, segundo Araújo (2014), os momentos de orientação são muito importantes, pois permitem, também, uma interação do profissional experiente com o iniciante de uma mesma carreira, ou seja, momento de pontuar as situações peculiares da profissão e toda sua dinâmica do cotidiano. Todos os pontos devem ser abordados, assim como, as problemáticas inerentes à profissão docente, porém sem desestimular ou desanimar o estagiário. O PS pode incentivar o seu estagiário e apresentá-lo a diversos caminhos para construção de uma identidade profissional profícua.

O movimento reflexivo leva o professor a retornar a atenção para sua própria prática e resignificá-la, sendo que essa ação se aproxima ao modo de formação do modelo da contemporaneidade (BUENO e SOUZA, 2012).

Pretende-se que os futuros professores possam, então, redescobrir a escola sob uma nova ótica docente, de modo a problematizar suas concepções pessoais sobre o ensino e também a perspectiva discente que ainda mantêm na universidade e com a qual estão acostumados a se relacionar com o ambiente escolar (SARTI, 2009, p.137).

#### **4.3.9 Discussão dos Objetivos da Pesquisa (Escola B)**

Após a análise qualitativa de todos os dados oriundos dos instrumentos utilizados nesse estudo pela pesquisadora, os resultados foram obtidos em resposta aos objetivos pretendidos.

É importante ressaltar que essa pesquisa não teve intenção de “enquadrar” a receptividade do estagiário na escola B em um formato específico das categorias, mas sim, analisar indicadores e características que mais se aproximavam das categorias pré-existentes (Araújo, 2014), escolhidas para esse estudo (Recepção, Acolhimento Modelar e Acolhimento Formativo).

O estágio realizado por Bruno na Escola B sob a supervisão da professora Bernardete foi observado e analisado com rigor de pesquisa e pôde-se inferir que no quesito de levantamento de indicadores de acolhimento ao estagiário de Educação Física durante o desenvolvimento da atividade de Estágio Curricular Supervisionado, o acolhimento se aproxima mais ao conceito da visibilidade de Bueno e Souza (2012), chamado pela professora Araújo (2014) de Acolhimento Formativo.

O acolhimento teve mais indicadores de um acolhimento formativo ao ter a equipe gestora receptiva e atenta às necessidades do estagiário Bruno ao longo do período de estágio, o que o fez se sentir mais a vontade e incluído à escola B.

A professora Bernardete assumiu papel muito importante nesse estágio curricular pesquisado, pois acolheu o estagiário em suas aulas com muito respeito, sempre se colocando disponível e acessível. A PS desenvolveu uma relação de parceria e companheirismo com o estagiário Bruno e teve a preocupação de apresentá-lo a todo funcionamento da escola.

Ao longo de todo estágio, o estagiário Bruno foi incentivado pela professora Bernardete a repensar sua prática e refletir constantemente sobre todo o contexto escolar e a carreira docente. A PS enfrenta algumas adversidades importantes no cotidiano da escola B que a levam a pensar, também, no estagiário como uma “ajuda” para lidar com todas as demandas diárias.

A PS não possui uma formação específica para receber e orientar um estagiário e também não recebeu formações ou diretrizes pela universidade de origem do estagiário, situações essas que abriram espaço para um “fazer artesanal” da professora, agindo com o estagiário de maneira

instintiva e muitas vezes até insegura. Mesmo assim, Bernadete parece entender a sua importância na formação profissional do estagiário e que muito das suas ações e escolhas partem de sua personalidade e de repetições do seu tempo de estagiária.

A professora buscou integrar o estagiário as suas tarefas diárias e ao cotidiano da escola, sempre com bastante companheirismo e parceria. E ainda, concedeu autonomia ao estagiário ao permitir que ele realizasse intervenções nos planejamentos e que participasse sempre das aulas em regime de bi-docência com ela. A PS concebe o período do estágio curricular supervisionado como uma importante etapa da formação docente e se preocupa em estimular o estagiário com conversas e exemplos de sua própria trajetória. Para a professora, o estagiário deve conhecer todos os espaços escolares e vivenciar todas as problemáticas inerentes a uma escola pública da cidade.

A professora supervisora, mesmo sem muitas orientações, concluiu que ofereceu um acolhimento adequado ao estagiário, dotado de muita parceria e autonomia e que proporcionou a ele o máximo de acesso a realidade escolar, proporcionando vivência antecipada de uma escola de verdade. Ela relatou que entende a importância do estágio curricular supervisionado para a formação profissional e que participar da formação do estagiário é muito gratificante.

A PS avaliou o processo de estágio de forma positiva e destacou que o estagiário foi proativo e de muita ajuda no controle das turmas e na aplicação das atividades.

Na escola B, é importante destacar que a percepção da PS Bernadete sobre o acolhimento oferecido a seu estagiário é bem similar da percepção que ele teve desse período de formação. O estagiário Bruno acredita que teve na escola B a oportunidade de fazer parte de uma unidade pública escolar e vivenciá-la de forma muito respeitosa e agregadora com todos os funcionários. Ele entende que a professora Bernadete teve papel importante nesse processo, pois foi ela quem o acolheu e orientou ao longo desse processo formativo, com estímulos à parceria e à autonomia.

O estagiário percebe que o período de estágio vivido foi muito profícuo e enriquecedor por ter tido a oportunidade de exercer a docência de forma ativa, com supervisão da PS, que lhe disponibilizou orientações e *feedbacks* sobre suas intervenções e na sua reflexão sobre ser professor.

Mesmo vivenciado seu estágio em uma escola com problemas de espaço e material esportivo, o estagiário assumiu as turmas “ao ajudar” a professora Bernadete, uma situação que o Bruno crê que foi especial para sua formação, pois lhe permitiu presenciar as situações reais da docência com o suporte da professora Bernadete.

Ao conversar com o estagiário Bruno, a percepção do estágio foi bem similar ao da PS, pois ele pontuou o interesse pelo estágio apresentado pela professora Bernadete, sempre muito

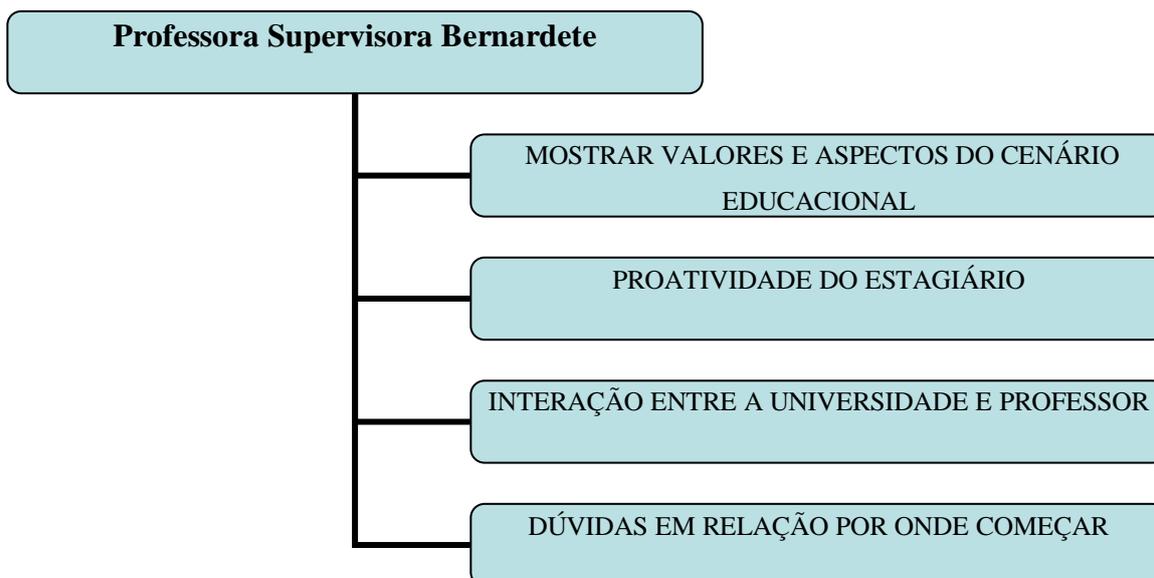
presente nas aulas, proporcionando momentos destinados a orientação e *feedbacks* das intervenções realizadas e convite para participar de outros espaços e eventos escolares.

Além disso, comentou que mesmo com as diversas demandas problemáticas que a escola B possuía, teve a oportunidade de vivenciar e aprender sobre o cotidiano de uma escola pública da cidade e que a PS contribuiu muito para sua formação profissional, sempre preocupada em apresentar e refletir sobre a realidade escolar.

Outro ponto de bastante destaque nesse estágio na escola B foi à insatisfação da professora Bernardete e do estagiário Bruno quanto o suporte e acompanhamento oferecido pela universidade ao longo do período de estágio. Ambos conceberam que a instituição superior não demonstrou interesse em conhecer a realidade do estágio na escola pesquisada e não forneceu qualquer orientação à professora supervisora e a estagiário.

A professora Bernardete destacou que não teve qualquer comunicação com a universidade e que desconhece os professores orientadores que encaminham os estagiários para suas aulas. A universidade conta com suporte de orientações para a documentação de estágio e frequentes encontros mensais com os estagiários para estudos e apoio, porém o estagiário Bruno comentou a necessidade de uma maior relação entre a universidade e a escola para um melhor andamento e organização do estágio.

É importante destacar que essa pesquisa não busca avaliar a conduta de professores supervisores e estagiários. Essa pesquisa teve como objetivo geral levantar indicadores do acolhimento ao estagiário de Educação Física realizados nas escolas durante o desenvolvimento da atividade de Estágio Curricular Supervisionado. Ou seja, entender como esses acolhimentos foram realizados e quais as concepções e percepções dos participantes sobre todo esse processo de estágio vivenciado.

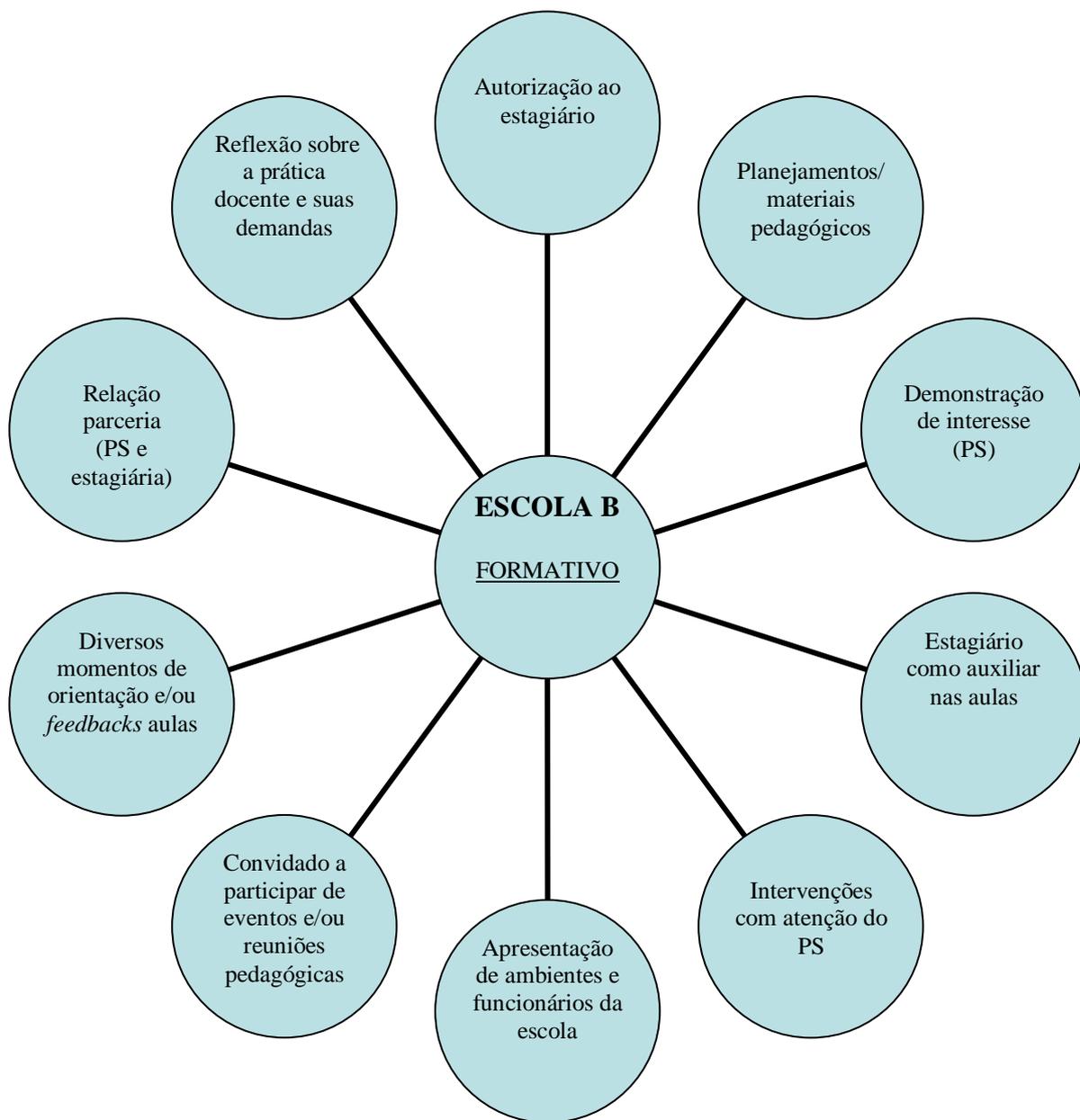


**Figura 3. Concepções sobre ECS do Professor Supervisora Bernardete**

**Quadro 5. Percepções sobre ECS da Professora Bernardete e do Estagiário Bruno**

<b>CATEGORIA DE INDICADORES</b>	<b>PROFESSORA BERNARDETE</b>	<b>ESTAGIÁRIO BRUNO</b>
Chegada	Autorização dada	Bem recebido pela direção, sem problemas nas assinaturas dos documentos
Apresentação de Instrumentos Pedagógicos (escola/professor)	Apresentou planejamento anual à estagiária e flexibilizou alterações ao estagiário	Houve apresentação de planejamentos e/ ou outros materiais pedagógicos
Disponibilidade de Comunicação e Demonstração de Interesse na Formação do Estagiário	Forneceu o contato de <i>whatsapp</i> ao estagiário e manteve contato frequente	Forneceu contato telefônico e utilizou sempre que precisou
	Acredita ter papel fundamental no estágio, mesmo ainda tendo dúvidas sobre seu funcionamento	Demonstrou muito interesse em participar da formação
Expectativas com o Estagiário	Demonstrar proatividade e respeito pelas pessoas e que a ajude nas aulas	PS apresentou grandes expectativas com a ajuda do estagiário Estagiário não substituiu o professor nenhuma vezes
Participação do Estagiário	Intervenções do estagiário com a sua presença com turmas divididas (meninos e meninas) com turmas divididas (meninos e meninas)	Houve intervenções nas aulas sempre com o suporte do PS
	Participação do estagiário em planejamentos e/ou atividades escolares	Participou de elaborações de planejamentos e/ou eventos escolares
Socialização Profissional do Estagiário	Teve a oportunidade conhecer todos os espaços escolares	Foi apresentado a todos os ambientes e funcionários
	Estagiário convidado para participar de eventos e reuniões pedagógicas da escola	Foi convidado a participar de eventos e/ou reuniões pedagógicas
Orientação e <i>Feedbacks</i>	Nos momentos de intervalo e pelo <i>whatsapp</i>	Diversos momentos de orientação e/ou <i>feedbacks</i> das aulas
Relacionamento entre PS e Estagiário	Acredita ter sido excelente, uma parceria com o estagiário	Relacionamento com muita parceria nas aulas.
Reflexão sobre a Prática e Carreira Docente.	Pode vivenciar as problemáticas de uma escola	Muitos momentos de reflexão sobre as demandas da profissão

Fonte: A autora



**Figura 4. Esquema sobre o Estágio Supervisionado na Escola B**

## CAPÍTULO V

### CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Muitos estudos, como França (2009), Daniel (2009), Benites (2012), Galindo (2012) vêm pontuando a necessidade de se discutir mais sobre o professor supervisor e refletir sobre o seu papel no período destinado ao estágio curricular supervisionado. Essa pesquisa buscou contribuir com essa necessidade de se olhar o professor supervisor, na tentativa de entender melhor suas escolhas, posturas e comportamentos ao receber estagiários em suas aulas.

Para Benites (2012), o estágio curricular supervisionado conta com uma legislação que rege todo seu funcionamento de carga horária, seguros e documentações, assim como, o papel da escola (concedente) de receber e acolher o estagiário em seu espaço educativo, porém não regulamenta e/o esclarece as funções que o professor supervisor deve exercer ao receber um estagiário em suas aulas. A autora acrescenta que o professor supervisor, em sua formação nos cursos de licenciatura, não desenvolve conhecimentos sobre “como formar outro profissional”, ou seja, ele aprende a lecionar para alunos, mas não a orientar um estagiário.

Para Correa-Molina (2004), o professor supervisor deve ser formado e habilitado com competências específicas para interagir com o estagiário no ambiente escolar. A função principal do professor supervisor é promover uma maior aproximação do estagiário a sua futura realidade laboral e permitir, com isso, a ampliação dos conhecimentos oriundos da ação pedagógica.

Com isso, essa pesquisa objetivou entender como os professores supervisores participantes recebiam os seus estagiários e desenvolviam o estágio em suas aulas e, também, compreender as concepções e percepções dos professores sobre a importância do estágio e sobre o estágio que ofereceram aos seus estagiários.

Além disso, essa pesquisa buscou identificar a percepção que esses estagiários tiveram do estágio vivenciado, para que fosse realizada uma análise dessas percepções. Nesse estudo, ficou evidente que ambos os professores supervisores concebiam o estágio supervisionado como o espaço para a formação de um futuro profissional, cuja importância residia na vivência do estagiário do chão da escola de forma antecipada. Os professores pareceram entender que o papel do professor supervisor nesse processo de estágio é fundamental para o desenvolvimento e evolução do estágio supervisionado ao apresentar a realidade do ensino público.

Porém, essa pesquisa mostrou que os professores pesquisados não tiveram qualquer formação acadêmica ou instrução da universidade participante para orientar os estagiários e, também, não apresentaram uma organização e/ou ações sistematizadas para realizar uma

supervisão de um estagiário, agindo de forma livre, baseada no senso-comum do que consideram certo ou errado para uma orientação adequada ao estagiário.

Ao acolher o estagiário sem a devida capacitação, o professor supervisor adota estratégias que julga serem as mais corretas, valendo-se de aprendizagem por erros e acertos, a qual o mestre transmite a prática do ofício aos seus discípulos. O professor supervisor, muitas vezes, entende a recepção de um estagiário em suas aulas como um favor prestado e, sem instrução adequada, exerce sua orientação baseada no senso comum (BENITES, 2012).

É importante ressaltar que o professor supervisor pode passar por problemas pessoais e profissionais que possam influenciar sua prática enquanto professor. Os problemas no cotidiano escolar são inúmeros: baixos salários, muitas horas de trabalho semanal, precariedade de materiais e condições de trabalho, falta de políticas de investimento para formação continuada ou ainda, os “momentos de arranque ou descontinuidades” da carreira profissional (HUBERMAN, 1992, p.38). Todas essas questões podem desmotivar e influenciar a qualidade das aulas e das orientações prestadas pelo professor supervisor ao estagiário. Porém, isso se agrava ainda mais quando o professor recebe formação apenas para ensinar em classes escolares e ignora os instrumentos necessários para a formação dos futuros professores.

Com isso, essa pesquisa não buscou julgar qualquer atitude ou postura dos professores supervisores, mesmo que suas percepções divergissem dos estagiários, pois é importante analisar o contexto que esses professores se formaram e trabalham diariamente.

Na Escola A, o professor supervisor Alan não demonstrou interesse pelo estágio e não oportunizou a estagiária Alice momentos de orientação e vivências profissionais importantes para sua formação. A estagiária Alice demonstrou insatisfação com o acompanhamento de estágio recebido e apresentou inúmeras críticas ao professor Alan, sobre seu engajamento e disponibilidade.

Na Escola B, a professora Bernadete demonstrou desde o início interesse e motivação em fazer parte do processo de estágio do Bruno e buscou integrá-lo ao dia a dia da escola. O estagiário Bruno percebeu o estágio de forma bastante profícua e respeitosa, pois ficou satisfeito com o tratamento que lhe foi dispensado e como a professora conduziu o estágio.

Em todos esses cenários, essa pesquisa não considera prudente o julgamento da conduta dos professores supervisores, pois diversos são os fatores que influenciam suas práticas docentes. Por isso, é importante aprofundar a discussão sobre o estágio supervisionado e o professor supervisor para que haja uma maior reflexão sobre as verdadeiras necessidades do professor ao receber um estagiário em suas aulas.

Existe a necessidade de um maior elo entre as escolas e as universidades, para que haja mais comunicação e laços mais estreitos entre elas. A universidade e a escola devem se entender como ambientes formadores e importantes para construção de conhecimento do futuro docente. As universidades, também, podem oferecer cursos de formação e capacitação para os professores supervisores que recebem seus estagiários em aula, ampliando a comunicação e a orientação com a escola.

Com isso, se faz necessário refletir sobre uma formação profícua desses professores supervisores, para que haja uma maior consciência e intenção nas escolhas e atitudes adotadas ao receber um estagiário, oportunizando momentos de acolhimento e reflexão sobre a futura vida docente.

Essa pesquisa ainda sugere continuidade desta temática sobre o estágio curricular supervisionado, com o objetivo de ampliar as discussões no campo da formação inicial e aprimorar diversas demandas que ainda carecem atenção no estágio.

É sugerido também ampliar a discussão sobre o receber e/ou acolher o estagiário nas aulas, para um olhar mais preocupado com a formação de qualidade do futuro professor, promovendo uma pesquisa de maior alcance para análise desse acolhimento ao estagiário.

E por fim, é recomendado uma maior atenção e reflexão sobre o professor supervisor com novas pesquisas que identifiquem suas necessidades e proponham uma formação especial para acolher o estagiário e poder participar da sua formação profissional.

A pesquisadora propõe um estudo mais aprofundado em seu doutoramento sobre os acolhimentos de estagiários nas escolas e a necessidade de capacitar professores supervisores com a aproximação da universidade e a escola.

## REFERÊNCIAS

ABBOTT, A. *The System of the professions an essay on the Division of Expert Labor*. Chicago, Illinois: University of Chicago, 1988.

Altet, M. (2001). As competências do professor profissional: Entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In L. Paquay, P. Perrenoud, M. Altet, & E. Charlier (Orgs.), *Formando professores profissionais. Quais estratégias? Quais competências?* (2ª ed., pp. 23-35). Porto Alegre, Brasil: Artmed.

ANDRADE, C. R.; RESENDE, M. R. Aspectos legais do estágio na formação de professores: uma retrospectiva histórica. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 1, n. 2, p. 230-252, jul./dez. 2010.

ANDRÉ, M. E. D. A. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set.-dez. 2010.

ANDRÉ, Marli. O papel da pesquisa na articulação entre saber e prática docente. In: *Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, 7, 1994, Goiânia. Anais ... Goiânia: s.r.p., 1994. p.291-6

ARAÚJO, Simone. *Acolhimento no estágio: entre modelos e possibilidades de formação docente* - Rio Claro, 2014.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, Gustavo Silvano; GOUVEIA, Roberta Alves; CARMO, Renata de Oliveira Souza. A epistemologia da prática profissional docente: observações acerca de alguns desafios atuais. *Ensino em Re-Vista*, v. 23, n. 1, p. 49-69, 2016.

BENEDITO, Vicente et ai. *La formación universitária a debate*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1995.

BENITES, L. C.; SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de Educação Física. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, p. 343-360, v.34, n.2, p. 343-360, maio/ago. 2008.

BENITES, Larissa Cerignoni. *O professor-colaborador no estágio curricular supervisionado em Educação Física: perfil, papel e potencialidades*. 2012. 180 p. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/100442>>.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sergio Miceli e outros. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 27 dez. 1961. Disponível em:<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 03 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Congresso Nacional. Lei 6.494, de 7 de setembro de 1977. Dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimento de ensino superior e ensino profissionalizante do 2º Grau e

Supletivo e dá outras providências. Brasília, 7 dez. 1977. Disponível em:<<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/104850/lei-6494-77>> Acesso em: 03 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Decreto 87.497/1982. Regulamenta a lei n. 6494, de 07/12/1977, que dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de 2. grau regular e supletivo, nos limites que especifica, e dá outras providências. Brasília, 18 ago.1982. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d87497.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d87497.htm)> Acesso em: 03 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Conselho Federal de Educação. Resolução CFE 03/87, de 16 de junho de 1987. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena). Brasília, 10 set. 1987. Disponível em:<[http://www.crefrs.org.br/legislacao/pdf/resol\\_cfe\\_3\\_1987.pdf](http://www.crefrs.org.br/legislacao/pdf/resol_cfe_3_1987.pdf)> Acesso em: 08 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Congresso Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 23 dez. 1996 (atualizada). Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em: 03 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 9/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF, 8, mai. 2001. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP 01/2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF, 18 fev. 2002. Disponível em:<[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1\\_2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf)> Acesso em: 04 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP 02/2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Diário Oficial da União. Brasília, 4 mar. 2002. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>> Acesso em: 04 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP 07/2004 de 31 de março de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena. Brasília, 5 abr. 2004. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 0058/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física. Brasília, DF, 18 fev. 2004. Disponível em:<[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pces058\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pces058_04.pdf)> Acesso em: 04 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Congresso Nacional. Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.. Brasília, 25 set. 2008. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm)> Acesso em: 03 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Decreto 8.752/2016. Dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica. Brasília, 9 mai. 2016. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/decreto/d8752](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8752)> Acesso em: 06 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. CAPES. Portaria Nº 38, de 28 de fevereiro de 2018. Institui o Programa de Residência Pedagógica. Brasília, 28 fev. 2018. Disponível em: <[http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/28022018-Portaria\\_n\\_38 Institui\\_RP.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/28022018-Portaria_n_38_Institui_RP.pdf)> Acesso em: 06 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. CAPES. EDITAL Nº 06, de 01 de março de 2018. Divulga a chamada pública para apresentação de propostas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica. Brasília, 01 mar. 2018. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018-Residencia-pedagogica.pdf>> Acesso em: 09 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. CAPES. EDITAL Nº 07, de 01 de março de 2018. Divulga a chamada pública para apresentação de propostas ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Brasília, 01 mar. 2018. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-7-2018-PIBID.pdf>> Acesso em: 09 jun. 2018.

BUENO, Belmira Oliveira; SOUZA, Denise Trento Rebello de. Pedagogia contemporânea e formação de professores em serviço: lógicas e dispositivos de um modelo em expansão. In: BITTAR, M. Formação de professores. São Paulo: Edufscar, 2012.

CANDAU, V. M.; LELIS, I. A. A relação teoria-prática na formação do educador. In: CANDAU, V. M. (org.). Rumo a uma nova didática. 8ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 49-63.

CARVALHO, L. M. A formação inicial de Professores Revisitada: contributos da investigação Sobre a Socialização dos Professores, in: COSTA, F. C. et al Formação de Professores em Educação Física: Concepções, investigação, prática. Lisboa: FMH, 1996.

CARVALHO, M. M. C. de. Modernidade pedagógica e modelos de formação docente. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 1, jan./mar. 2000.

CORREA-MOLINA, E; GERVAIS, C. (Orgs.). Les stages en formation à l'enseignement: pratiques et perspectives théoriques. Québec: Presse de l'Université du Québec, 2008, p. 13-36.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. tradução Magda Lopes. 3ª. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDES, S. F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Cap. 3, p. 51-66.

CUNHA, Maria I. O bom professor e sua prática. Campinas.: Papirus, 1989.

CYRINO, M. Formação Inicial de professores: o compromisso do professor- colaborador e da instituição escolar no processo de estágio supervisionado. 2012, 233f. Dissertação de mestrado. Unesp, Rio Claro .

DELORS, J. (Org.). Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

DUBAR, C. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Fontes, 2005. trad. SILVA, A. S. M. da.

FARIAS, Isabel Maria Sabino. Inovação e mudança: implicações sobre a cultura dos professores. 2002. 260 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002

GARCIA, Carlos Marcelo. Formación dei profesorado pare el cambio educativo. Barcelona: P.P.U., 1994.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. A.; ROVAI, E.; PARO, V. H. Um estudo sobre os cursos de formação de professores a nível de 2º grau: antigos Cursos Normais. Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 20, p. 15-37, mar. 1977.

GAUTHIER, C. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas sobre o saber docente. trad. Ijuí, 2013.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional. In: NÓVOA, A. (Org) Vida de professores. Porto: Porto Editora, 1992, p. 31-61.

HUGHES, E. C. The Making of a physician. Human Organization, Washington, n. 14, p. 21-25, 1955.

ISSE, S. F.; MOLINA NETO, Vicente. Estágio supervisionado na formação de professores de Educação Física: produções científicas sobre o tema. Journal of Physical Education, v. 27, n. 1, p. 2759, 2016.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. In: Revista Brasileira de Educação, 2002.

LEITE, Yoshie U. F. A formação de professores em nível de 2º. grau e a melhoria do ensino da escola pública. Campinas, 1995. Tese (Doutorado) UNICAMP.

LÜDKE, M. Universidade, escola de educação básica e o problema do estágio na formação de professores. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 95-108, ago./dez. 2009.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: professores formadores. *Revista E-Curriculum*, São Paulo, v. 1, n. 1, dez. - jul. 2005-2006.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NET, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.) *A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004. p.61-93.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Professores: Imagens do futuro presente*. 1. ed. Educa: Lisboa, 2009, cap.295.

PAQUAY, L.; WAGNER, M. C. Competências profissionais privilegiadas nos estágios e na videoformação. In: PAQUAY, L., *et al.* *Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências*. 2. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001. Cap. 8, p. 135-160.

PERRENOUD, Philippe. *La formation des enseignants entre théorie et pratique*. Paris: Ed. L Harmattan, 1994.

PICONEZ, Stela. (Coord.). *A prática de ensino e o estágio supervisionado*. Campinas: Papirus, 1991.

PIMENTA, Selma G. *O estágio na formação de professores-unidade teoria e prática?* São Paulo: Cortez, 1994.

PIMENTA, S. G. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_.; LIMA, M. S. L. *Estágio e Docência*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, S.; LIMA, M.. *Estágio e docência*. Cortez: São Paulo, 2010.

PHARAND, J.; BOURDREAULT, P. Enseignants associés et superviseurs: Perceptions des uns à l'égard des autres et la collaboration réciproque. In: GUILLEMETTE, F.; L'HOSTIE, M. (Orgs.). *Favoriser la progression des stagiers en enseignement*. Presse de l'Université du Québec: Québec. 2011, p.121-142.

RIBEIRO, D. A supervisão e o desenvolvimento da profissionalidade docente. In: ALARCÃO, I. (Org.). *Escola reflexiva e supervisão: uma escola em desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora, 2000, p.87-96.

SACRISTAN, J. G. Âmbitos do plano. In: SACRISTAN, J. G.; PERÉZ GOMEZ. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 233-294.

SARMENTO, M. J. (2003). O estudo de caso etnográfico em educação in Zago, Nadir & al. (orgs.) (2003). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro, OP&A Editora, 137-179.

SARTI, Flavia M. Parceria intergeracional e formação docente. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 133-152, 2009.

\_\_\_\_\_, F. M. SOUZA, D. T. R. de. Os professores no campo da formação docente e a profissionalização do magistério. Projeto de Pesquisa, CNPq, 2012.

\_\_\_\_\_. Pelos caminhos da Universitarização: reflexões a partir da masterização dos IUFM franceses. Educação em Revista/ Belo Horizonte/MG, v.29, n.04, | p.215-244, dez. 2013

\_\_\_\_\_, F.M.O triângulo da formação docente: seus jogadores configurações. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 323-338, abr./jun. 2012.

\_\_\_\_\_, F.M.Relações Intergeracionais e Alternância na Formação Docente: Considerações a partir de uma proposta de Estágio Supervisionado. Cadernos de educação. p.83-99 Pelotas, Set/dez, 2013.

SCHÖN, Donald A. Educating the Reflective Practitioner. San Francisco: JosseyBass, 1990.

SCHÖN, D.A. Formar professores como profissionais reflexivos. Os professores e a sua formação, v. 3, p. 79-91, 1992.

\_\_\_\_\_. Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad.Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCHÖN, D.A. Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad.Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000, 256p.

SOUZA NETO, S. et al. A formação do profissional de Educação Física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 2, p. 113-128, jan. 2004.

SOUZA NETO, BENITES. L.Os desafios da prática na formação inicial docente: experiência da Educação Física da UNESP de Rio Claro. Cadernos de Educação. p.02-22. Pelotas, set/dez, 2013.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Trad. Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Saberes docentes e formação profissional. Editora Vozes Limitada, 2012.

\_\_\_\_\_. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. Educação & Sociedade, v. 34, n. 123, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Deliberação nº 148. Adequar e atualizar as normas gerais que regulamentam o estágio curricular supervisionado obrigatório nos cursos de graduação da UFRRJ. Seropédica, 23 nov. 2016. Disponível em:<<http://institucional.ufrj.br/dest/files/2010/11/delibera%20a7%20a3o-148-cepe-2016.pdf>> Acesso em: 06 jan. 2018.

VEDOVATTO IZA, D. F.; SOUZA NETO, S. Por uma revolução na prática de ensino: o estágio curricular supervisionado. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.

WILENSKY, Harold. The Professionalization of everyone? American Journal of Sociology, Chicago, n. 2, p. 137-58, 1964.

ZEICHNER, Kenneth M. - A formação reflexiva de professores : ideias e práticas. Lisboa : Educa, 1993. Formação reflexiva de professores. Lisboa: Educa., 1993.

## APÊNCIDE

Apêndice A

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O ESTAGIÁRIO (INICIAL)

#### 1ª DIMENSÃO: CHEGADA À ESCOLA

VARIÁVEL	OBJETIVO	QUESTÕES
Pessoal	Conhecer o estagiário, e suas crenças sobre a profissão	1- Você está em qual período? 2- Já fez estágio supervisionado antes? 3- Tem alguma experiência com a docência?- Por que escolheu ser professor? 4- Por que escolheu ser professor de Educação Física? 5- Você se considera preparado para iniciar o período de estágio?
Acolhimento e Acompanhamento	Conhecer como o estagiário pretende realizar o acolhimento dos estagiários e, se pretende realizar um acompanhamento efetivo	6- Como se sentiu recepcionado pela direção e/ou equipe pedagógica da escola ao solicitar autorização para realizar o estágio? Por quê? 7- Sobre a apresentação do espaço físico da escola? Foi realizado? Por quem foi realizado? 8- Sobre a apresentação do Planejamento e identidade da escola? Foi realizado? Por quem foi realizado? 9- Sobre a escolha pelas turmas e turnos da realização do estágio? O seu horário de aulas na universidade foi priorizado e respeitado? 10- Quais as atividades pedagógicas foram destinadas a você? Atividades na área da Educação Física e/ou outras? 11- Como se sentiu recebido pelo professor supervisor no espaço escolar? Por quê? 12- Qual critério foi utilizado para escolher o professor supervisor de estágio? Por que? 13- Qual a contribuição do professor supervisor para sua formação no contexto inicial do estágio? 14- Não sua opinião, como a aproximação do professor supervisor com a universidade contribuiria para o estágio? 15- Diante da sua recepção na escola, quais são suas expectativas com esse período de estágio? 16- Como entende ser um estágio supervisionado ideal para o seu processo formativo?
Socialização	Identificar como estagiário percebe as efetivas experiências de socialização	17- Você considera importante o estagiário ter relacionamento com funcionários da escola: diretores, coordenadores, professores, inspetores e etc? Como vê esse relacionamento? 18- O que o estagiário deve aprender a partir da presença do PS na escola? 19- E em relação aos alunos? Como pensa que

		um estagiário deveria se relacionar com eles?
Avaliação	Saber se o estagiário acha que deve ser avaliado e como pelo PS	20- Você acha que o estagiário deve ser avaliado pelo PS? 21- O que você acha que deve-se avaliar no estagiário?
Supervisão	Revelar como o estagiário concebe sua função na escola	22- Quais são suas expectativas quanto ao seu desenvolvimento no estágio nesse período? 23- Tem alguma dúvida sobre algum aspecto do estágio e da recepção de estagiários? 24- Como enxerga tua função? 25- Como você gostaria que o PS te “enxergasse”?
Papel da universidade	Identificar o que já ocorreu nesse início de estágio em relação à universidade, e o que o estagiário espera dela	26- Quais informações e orientações acerca do trabalho com o PS você recebeu da universidade? 27- Como você interpretaria a presença de um agente da universidade no acompanhamento das atividades de estágio realizado na escola?
Papel da Escola	Entender a concepção do PS sobre a interferência da escola no período de estágio.	28- Quanto à escola, acredita que existe alguma coisa que a escola pode fazer para colaborar no bom andamento do estágio ?

## Apêndice B

**ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM O PROFESSOR  
SUPERVISOR (INICIAL)**

VARIÁVEL	OBJETIVO	QUESTÕES
Pessoal	Conhecer o professor supervisor (PS), e suas crenças sobre a profissão	1- Quanto tempo você tem de experiência docente? E qual a sua idade? 2- Onde fez sua graduação? 3- O que te levou a se tornar professor (a) de Educação Física? 4- Em quais redes de ensino leciona? Em quais escolas? Quais segmentos? Séries? 5- Hoje, se estivesse começando, e tivesse as experiências que possui, escolheria essa mesma profissão? Por quê?
Acolhimento e Acompanhamento	Conhecer como o PS pretende realizar o acolhimento dos estagiários e, se pretende realizar um acompanhamento efetivo	6- O que você faz/fará quando receber o estagiário nesse semestre? 7- O que você espera do estagiário? 8- Quais são os conhecimentos que acredita que o estagiário precisa aprender durante o estágio? 9- O que você pretende pedir para o estagiário fazer? 10- O que acredita que o estagiário deva aprender com você? 11- Você enxerga importante o estagiário ministrar ou intervir em algumas aulas? 12- Que tipo de posturas e atitudes acredita que o estagiário deveria adquirir/demonstrar?
Socialização	Identificar se o PS prevê oportunizar ao estagiário, efetivas experiências de socialização	13- Você considera importante o estagiário ter relacionamento com funcionários da escola: diretores, coordenadores, professores, inspetores e etc? Como vê esse relacionamento? 14- O que o estagiário deve aprender a partir de sua presença na escola? 15- E em relação aos alunos? Como pensa que um estagiário deveria se relacionar com eles?
Avaliação	Saber se o professor sabe que deve avaliar o estagiário e o que pensa sobre isso	16- Já aconteceu com você de o estagiário ter um comportamento que considere errado? Como você realiza a avaliação do estagiário ao final desse processo? 17- O que você acha que deve avaliar no estagiário? 18- Se durante uma aula conduzida pelo estagiário você observasse algo errado ou que não concorde, o que faria?
Supervisão	Revelar como o PS concebe sua função de supervisor de estágio	19- Como concebe o estágio para discentes de licenciatura? Você tem alguma rotina de supervisão com estagiário? Qual? 20- Quais são suas expectativas quanto ao desenvolvimento do estágio na sua classe? 21- Tem alguma dúvida sobre algum aspecto do estágio e da recepção de estagiários? 22- Como enxerga tua função? 23- Como você gostaria que o estagiário te “enxergasse”?
Papel da universidade	Identificar o que já ocorreu nesse início de estágio em relação à universidade, e o que o	24- Quais informações e orientações acerca do trabalho com o estagiário você recebeu da universidade? 25- Como você espera ou gostaria que fosse a sua

	PS espera dela	relação com os responsáveis pelo estágio na universidade? 26- Como você interpretaria a presença de um agente da universidade no acompanhamento das atividades de estágio realizado na escola?
Papel da Escola	Entender a concepção do PS sobre a interferência da escola no período de estágio.	27- Quanto à escola, acredita que existe alguma coisa que a escola pode fazer para colaborar no bom andamento do estágio articulado com teu trabalho docente?
Percepções pessoais	Entender como o professor supervisor percebe as suas capacidades e formação para orientar um futuro professor	28- Você se percebe como formador de futuros colegas de profissão? Como você entende esse papel? 29- Como sente a sua formação ou capacidade/competência para orientar a formação de um futuro professor? 30- Percebe que para supervisionar a formação de futuro professor seria necessária uma formação específica?

## Apêndice C

**ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O ESTAGIÁRIO  
(FINAL)**

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>QUESTÕES</b>
Descrição pessoal	Conhecer mais o estagiário e a sua experiência no estágio	1- Qual o seu nome? Esse é seu primeiro estágio? Se não, quais os estágios que já realizou? 1. Como foi pra você a realização desse estágio?
Acolhimento	Entender se ocorreu e como ocorreu o acolhimento do estagiário na escola	2. Você foi apresentado a comunidade e/ou espaço escolar? Como ocorreu sua chegada na escola? Como foi recebido e quem te recebeu? 3. Como aconteceu seu encontro com o professor supervisor? Descreva esse momento. 4. Como foi sua relação com o professor supervisor?
Acompanhamento	Entender se ocorreu e como ocorreu o acompanhamento e orientação do estagiário pelo PS	5. Como você avalia sua atuação nas atividades que realizou? 6. Descreva de forma resumida as atividades realizadas. 7. Você teve momento de intervenção? Deu aula? Nas atividades em que você deu aulas, como o professor supervisor procedeu em relação a você? 8. Como foram selecionados os conteúdos que você ensinou nas aulas? 9. O professor solicitou seu planejamento antes de sua aula? Ele direcionou acerca do conteúdo que deveria ser trabalhado nas aulas? Como ocorreu a elaboração do plano de aula? 10. Quais foram as tarefas designadas pelo professor supervisor a você? 11. Que aspectos positivos e negativos você destaca em relação ao acompanhamento do professor supervisor durante o estágio?
Avaliação	Entender se o PS fez alguma avaliação do estagiário e como ele procedeu nessa atividade	12. Houve algum momento de avaliação das atividades realizado pelo professor acerca de sua atuação no estágio? 13. Alguma vez ele/ela corrigiu algum comportamento seu, ou algo que acreditavam que você poderia realizar de uma melhor forma?
Socialização	Entender se houve algum momento de socialização do estagiário com outros professores da escola e com o espaço físico escolar	14. Como você descreve a sua relação com os professores de outras áreas disciplinares? Da escola? 15. Como foi o seu relacionamento com os alunos? Como a atuação do professor supervisor colaborou para essa relação? 16. Quais são os espaços da escola nos quais você se sentiu mais à vontade? O que levou você a se sentir mais à vontade nesses espaços?

		<p>17. E em quais espaços você não se sentiu à vontade para transitar? O professor percebeu isso? O que o levou você a se sentir menos à vontade nesses espaços?</p> <p>18. Acha que sua personalidade e temperamento ajudaram ou atrapalharam nesse processo de inserção na escola? De alguma forma sua relação com o professor ajudou nesse aspecto?</p>
Relação com atuação do professor supervisor	Entender como foi a percepção do estagiário do seu PS.	<p>19. Como você avalia sua atuação com o professor supervisor de estágio nesse último semestre?</p> <p>20. Você sabia com clareza o que o professor supervisor esperava de você no dia a dia do estágio?</p> <p>21. O professor supervisor aparentou ter consciência do que deveria fazer em relação à você no processo de supervisão?</p>
Saberes docentes	Entender como o estagiário percebe o que aprendeu de conhecimentos com o PS	<p>22. Se pudesse dar um conselho ao professor supervisor, o que diria a ele/ela?</p> <p>23. Que conhecimentos importantes você adquiriu nessa convivência com o PS e com a escola?</p>
Relação Escola – Universidade	Entender a opinião do estagiário sobre a relação escola- universidade	<p>24. Como você avalia a relação da Universidade com a escola onde ocorreu o estágio nesse semestre?</p> <p>25. O que acha que falta na relação da escola com a universidade na recepção e supervisão de estagiários?</p> <p>26. Quais orientações da universidade você encaminhou ao professor supervisor ou à escola?</p> <p>27. Qual importância você atribui ao acompanhamento do estágio na escola pelo professor orientador da universidade?</p>
Supervisão	Entender se o estagiário teve oportunidade de intervenção nas aulas e como isso ocorreu	<p>28. Você teve um período dedicado à observação? Como ele aconteceu?</p> <p>29. Teve um período dedicado a co-docência, em que atuou ajudando o professor? Isso ocorreu? Me explique como foi essa etapa?</p> <p>30. Como foi pra você a etapa da docência, em que teve que lecionar sozinho? Como planejou as aulas, e como avalia sua atuação? Como o professor ajudou nesse momento?</p>

## Apêndice D

**ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O PROFESSOR  
SUPERVISOR (FINAL)**

<b>VARIÁVEL</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>QUESTÕES</b>
Acolhimento e Acompanhamento	Conhecer como ocorreu o acolhimento para saber se há acompanhamento de fato	<ol style="list-style-type: none"> <li>1- Descreva algumas palavras, sua relação com o estagiário. Justifique.</li> <li>2- Algo não saiu como você esperava?</li> <li>3- Você tem alguma rotina de supervisão ao estagiário? Descreva de forma resumida os tipos de atividade/ rotinas de supervisão realizadas pelo estagiário.</li> <li>4- Nos momentos em que o estagiário deu aulas, como você procedeu em relação a ele? E à turma?</li> <li>5- Como foram selecionados os conteúdos das aulas? Atividades dadas por ele?</li> <li>6- Chegou a perceber se o estagiário fazia algum tipo de planejamento? Alguma vez ele te mostrou alguma coisa?</li> <li>7- Como ele se comportou em relação às tarefas que você deu a ele?</li> <li>8- Identificou algum tipo de iniciativa por parte do estagiário às necessidades surgidas? Foi preciso pedir para que ele respondesse às necessidades surgidas?</li> <li>9- O estagiário se mostrou receptivo às suas orientações e observações? Poderia dar um exemplo? Ou justificar?</li> </ol>
Socialização	Saber como se deu a experiência de socialização e qual a ação do PS para a sua efetivação	<ol style="list-style-type: none"> <li>10- Como você descreve a relação desenvolvida pelo estagiário com os demais funcionários da escola?</li> <li>11- Como avalia o relacionamento do estagiário com os alunos?</li> <li>12- Quais foram os espaços da escola mais frequentados pelos estagiários? E os menos frequentados?</li> <li>13- Acha que os estagiários demonstraram interesse em conhecer os espaços da escola?</li> <li>14- Como você classificaria o estagiário: como alguém que interage bem com as pessoas e com o ambiente, ou alguém mais tímido, que precisa ser “empurrado”?</li> <li>15- O que você acha que ele aprendeu nesse convívio com uma escola com pessoas e experiências reais?</li> </ol>
Avaliação	Verificar que tipo de avaliação do estagiário foi desenvolvida pelo PS	<ol style="list-style-type: none"> <li>16- Como você avalia a atuação do estagiário nas atividades realizadas por ele?</li> <li>17- Como ocorreram as aulas dadas pelo estagiário?</li> <li>18- Acha que ele se saiu bem? Por quê?</li> <li>19- Alguma vez precisou corrigir comportamentos errados dele?</li> <li>20- Há algo que ele precise mudar?</li> </ol>
Supervisão	Identificar quais elementos da supervisão são percebidos e quais não são. Saber se o PS entende e	<ol style="list-style-type: none"> <li>21- Suas expectativas em relação a esse estágio foram alcançadas?</li> <li>22- Qual foi tua função em relação ao estagiário?</li> <li>23- Como avalia sua relação com o estagiário?</li> </ol>

	desempenha sua função	<p>24- Como se sentiu no desempenho dessa tarefa de acompanhar estagiário?</p> <p>25- O que você gostaria que fosse diferente?</p> <p>26- Como acha que o estagiário “enxergou” você? Como ele te via?</p>
Profissionalidade	Revelar aspectos da profissionalidade identificados pelo PS na atuação do estagiário, bem como os saberes mobilizados por ele durante o estágio	<p>27- O que acha que seu estagiário precisa aprender para ser um professor mais eficaz a partir do que viu na atuação dele?</p> <p>28- Que comportamentos, atitudes e ações profissionais pôde identificar na prática do estagiário?</p> <p>29- O que acha que ele aprendeu vendo como é a escola e as aulas de EF na prática, na vida real?</p> <p>30- Que conselho daria a esse estagiário em aspectos gerais?</p>
Universidade	Diagnosticar relação universidade x escola	<p>31- Como foi a relação da universidade com a escola? E com você?</p> <p>32- Que tipo de suporte ou recomendação recebeu?</p> <p>33- O que você gostaria que fosse diferente?</p>
Escola	Saber como a escola percebe a presença do estagiário	<p>34- Como você avalia o envolvimento da escola com a supervisão de estágio?</p>

## Apêndice E

**PROTOCOLO A SER SEGUIDO NOS DIAS DAS OBSERVAÇÕES *IN LOCO* (NOTAS DE CAMPO)**

- 1- Chegar à escola entre 15 e 30 minutos antes do início das aulas;
- 2- Apresentar-se como pesquisador (a) devidamente autorizado;
- 3- Dirigir-se até o local da aula, procurar o PS, e cordialmente cumprimentá-lo;
- 4- Buscar um local estratégico para sentar-se, ou posicionar-se a fim de que sua observação não fique prejudicada e que consiga ouvir alguns diálogos entre PS e estagiário, bem como consiga, se for possível, perguntar ao PS questões acerca de suas intervenções;
- 5- Registrar as informações pertinentes a Notas de Campo;
- 6- Cuidado com gestos e/ou palavras de julgamento ou semelhantes, pois o pesquisador não está na escola pra detectar falhas;
- 7- Ao final da aula, concluir o caderno de campo;
- 8- Fazer perguntas ao PS sobre questões que pareceram obscuras no que se refere às intenções dele em intervenções em relação ao estagiário. Cuidado para não parecer inconveniente, demonstre admiração e curiosidade e não faça mais que 5 perguntas;

## Apêndice F

**ROTEIRO PARA AS OBSERVAÇÕES *IN LOCO* (NOTAS DE CAMPO)**

Escola:

Pesquisador:

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_ Dia da semana: \_\_\_\_\_ Hora: \_\_\_\_\_

Professor Supervisor:

Estagiário:           Local           da           aula:           (quadra,           sala,           pátio):

1- Descreva as atividades realizadas pelo (a) estagiário (a) nos momentos que precedem a aula (pode ser de buscar material, de fazer chamada, ou outras)

2- Como o professor se referiu ao estagiário diante da turma?

3- Onde o (a) estagiário (a) sentou ou se posicionou? (use como referência os alunos e o PS, exemplo: sentou ao lado do PS, de frente para os alunos). O local foi escolhido pelo estagiário (a) ou o pelo(a) PS?

4- Como classifica o estágio desenvolvido hoje?

( ) Observação

( ) Co-participação

( ) Participação

Obs: É importante buscar saber com o PS o que ele pretendia com o estagiário ao desenvolver esse tipo de atuação. ( Para saber sua intenção com a proposta)

5- Em caso de estágio de co-participação e participação, como o PS apresentou e explicou a atuação do estagiário à turma?

6- Registre aqui as atividades realizadas pelo estagiário na ordem em que for observando – são atividades espontâneas do estagiário; registre se foram solicitadas pelo professor supervisor.

7- O professor supervisor realizou alguma orientação ao estagiário durante a aula? Que tipo de orientação? (A cada intervenção do PS, busque saber o motivo)

8-Houve algum comportamento dos alunos capaz de interferir na ação do estagiário? Como o PS entrevistou?

9-Durante o período da pesquisa hoje, após o início da aula, o estagiário interagiu com algum funcionário da escola, direção, coordenação, etc? Qual? Em que momento? Para realizar o quê? Espontaneamente ou por solicitação do PS?

10- Algum incidente ou acontecimento diferente que mereça ser considerado em relação à supervisão de estágio?

11-Como você descreve o comportamento do professor supervisor para com o estagiário na aula de hoje?

12- O professor supervisor deu algum tipo de orientação/correção para a elaboração do planejamento (pode perguntar isso ao estagiário depois)?

13- O PS demonstra cuidado e preocupação com o sucesso da intervenção do estagiário? Como?

14-Durante atividade realizada pelo estagiário, qual o comportamento do professor? Ele deu dicas? Ficou calado observando? Escrevia alguma coisa, como que anotando coisas para corrigir posteriormente? Entrevistou para complementar alguma coisa que o estagiário deixou escapar?

15- Após a aula do estagiário você observou alguma conversa entre eles? Ouvia alguma coisa que sugira que o PS estava avaliando/ORIENTANDO de alguma forma a aula ministrada?

## Apêndice G

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE BÁSICA DE ENSINO**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa vinculada ao Programa do Curso de Pós- graduação Mestrado Profissional em Rede de Educação Física (PROEF) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Presidente Prudente, e ao Grupo de Pesquisa em Pedagogia de Educação Física e Esporte, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. As estratégias, técnicas e instrumentos utilizados nesta pesquisa junto aos professores serão entrevistas semi-estruturadas e observações com notas de campo. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos telefones (21) 2681-4707; (21) 26821220; (21) 26821201.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

Título do Projeto: “*A caracterização do acolhimento de licenciandos de Educação Física no contexto do estágio curricular supervisionado*”.

Pesquisadores Responsáveis: Miguel Ataíde Pinto da Costa (Prof.º Dr.- Pedro II/UNESP), José Henrique dos Santos (Prof.º Dr. - UFRRJ) e Diane Mota Lima (Mestranda - UNESP), Telefones (21) 99468-6033/ (21) 98101-5777 / (21) 99294-1370, respectivamente.

Telefones p/ contato com a UFRRJ: Departamento de Educação Física (21) 37833982; Instituto de Educação (21) 26821841

♦ Descrição da pesquisa, objetivos, detalhamento dos procedimentos metodológicos: O objetivo desta pesquisa é caracterizar os modelos de acolhimento de estágio realizados pelos Professores Supervisores (PS) envolvidos no desenvolvimento do Estágio Curricular Supervisionado. A pesquisa é qualitativa, documental e descritiva, do tipo estudo de caso, recorrendo a procedimentos do modelo analítico descritivo. Os participantes da pesquisa serão duas duplas compostas, cada uma, por um Professor Supervisor de Educação Física da rede básica de ensino e um estagiário de Educação Física. Os dados coletados por meio de Observação (Notas de Campo), e Entrevistas Semi-Estruturadas, serão submetidos a uma análise interpretativa por meio da técnica de Análise de Conteúdo, não havendo em hipótese alguma identificação dos respondentes.

♦ Benefícios decorrentes da participação na pesquisa: A presente pesquisa se justifica pela sua contribuição para a formação inicial de professores de Educação Física. A análise do(s) modelo(s) de acolhimento adotado pelo professor supervisor permitirá ampliar a compreensão sobre a sua natureza, bem como qualificá-lo no sentido de promover melhores práticas de acolhimento no ambiente escolar visando proporcionar experiências profícuas à formação proporcionadas no espaço/tempo teórico-prático inerente ao estágio supervisionado.

♦ Riscos e condutas decorrentes da participação da pesquisa: Não se prevê risco e/ou prejuízos explícitos aos participantes em razão dos procedimentos da pesquisa e nem possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo, salvo aqueles julgados como subjetivos, mas que se apresentam como mínimos, isto é, o indivíduo pode se sentir embaraçado ao ser entrevistado ou na obrigação de participar da entrevista em vista do status dos pesquisadores, bem como se sentir desconfortável em ter registrada em áudio a sua interação com o estagiário. Por isso, será oferecido o acompanhamento dos(a) pesquisadores(a) aos participantes para informar e esclarecer dúvidas sobre as questões/sentidos da entrevista, bem como explicitar a condição de anonimato das fontes de dados. Além disso, será garantido que não sofrerão nenhuma

crítica ou censura por suas respostas à entrevista, bem como aos registros de suas interações com os estagiários.

♦ Período de participação, sigilo e consentimento: A participação ocorrerá no ambiente escolar dos participantes, lócus da pesquisa. As observações das aulas ocorrerão durante todo o período do estágio, em semanas alternadas (uma sim, uma não), durante o turno de trabalho do(a) professor(a). O tempo de duração previsto para a entrevista será de aproximadamente 30 e 40 minutos. Será garantido total sigilo dos participantes e que em nenhuma circunstância serão divulgados nomes durante o desenvolvimento ou publicação da pesquisa. Você terá, a qualquer tempo, liberdade de retirar o consentimento, sem qualquer prejuízo pessoal. Não haverá qualquer benefício financeiro em razão da participação nesta pesquisa.

#### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, abaixo assinado, concordo em participar do estudo descrito acima, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Estou ciente de que não receberei quaisquer benefícios financeiros pela participação nesta pesquisa.

Local e data \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do sujeito em participar da pesquisa.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Observações complementares:

Se desejar receber os resultados desta pesquisa, forneça seu e-mail ou telefone E-mail:  
Telefone:

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa vinculada ao Programa do Curso de Pós- graduação Mestrado Profissional em Rede de Educação Física (PROEF) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Presidente Prudente, e ao Grupo de Pesquisa em Pedagogia de Educação Física e Esporte, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. As estratégias, técnicas e instrumentos utilizados nesta pesquisa junto aos estudantes em estágio serão entrevistas semi-estruturadas, observações com notas de campo e análise do relatório final de estágio entregue pelo estudante à coordenação do curso de graduação. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos telefones (21) 2681-4707; (21) 26821220; (21) 26821201.

### **INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

Título do Projeto: “A caracterização do acolhimento de licenciandos de Educação Física no contexto do estágio curricular supervisionado”.

Pesquisadores Responsáveis: Miguel Ataíde Pinto da Costa (Prof.º Dr.- Pedro II/UNESP), José Henrique dos Santos (Prof.º Dr. - UFRRJ) e Diane Mota Lima (Mestranda - UNESP), Telefones (21) 99468-6033/ (21) 98101-5777 / (21) 99294-1370, respectivamente.

Telefones p/ contato com a UFRRJ: Departamento de Educação Física (21) 37833982; Instituto de Educação (21) 26821841

♦ Descrição da pesquisa, objetivos, detalhamento dos procedimentos metodológicos: O objetivo desta pesquisa é caracterizar os modelos de acolhimento de estágio realizados pelos Professores Supervisores (PS) envolvidos no desenvolvimento do Estágio Curricular Supervisionado. A pesquisa é qualitativa, documental e descritiva, do tipo estudo de caso, recorrendo a procedimentos do modelo analítico descritivo. Os participantes da pesquisa serão duas duplas compostas, cada uma, por um Professor Supervisor de Educação Física da rede básica de ensino e um estagiário de Educação Física. Os dados coletados por meio de Observação (Notas de Campo), Registro, Entrevistas Semi-Estruturadas e análise do relatório final de estágio serão submetidos a uma análise interpretativa por meio da técnica de Análise de Conteúdo, não havendo em hipótese alguma identificação dos respondentes.

♦ Benefícios decorrentes da participação na pesquisa: A presente pesquisa se justifica pela sua contribuição para a formação inicial de professores de Educação Física. A análise do(s) modelo(s) de acolhimento adotado pelo professor supervisor permitirá ampliar a compreensão sobre a sua natureza, bem como qualificá-lo no sentido de promover melhores práticas de acolhimento no ambiente escolar visando proporcionar experiências profícuas à formação proporcionadas no espaço/tempo teórico-prático inerente ao estágio supervisionado.

♦ Riscos e condutas decorrentes da participação da pesquisa: Não se prevê risco e/ou prejuízos explícitos aos participantes em razão dos procedimentos da pesquisa e nem possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo, salvo aqueles julgados como subjetivos, mas que se apresentam como mínimos, isto é, o indivíduo pode se sentir embaraçado ao ser entrevistado ou na obrigação de participar da entrevista em vista do status dos pesquisadores ou da necessidade de avaliar a postura do professor supervisor, bem como se sentir desconfortável em ter registrada em áudio a sua interação com o professor supervisor. Por isso, será oferecido o acompanhamento dos(a) pesquisadores(a) aos participantes para informar e esclarecer dúvidas sobre as questões/sentidos da entrevista, bem como explicitar a condição de

anonimato das fontes de dados. Além disso, será garantido que não sofrerão nenhuma crítica ou censura por suas respostas à entrevista, bem como aos registros de suas interações com os estagiários.

♦ Período de participação, sigilo e consentimento: A participação ocorrerá no ambiente escolar do estágio, lócus da pesquisa. As observações das aulas ocorrerão durante todo o período do estágio, em semanas alternadas (uma sim, uma não), durante o turno de trabalho do(a) professor(a). O tempo de duração previsto para a entrevista será de aproximadamente 30 e 40 minutos. Será garantido total sigilo dos participantes e que em nenhuma circunstância serão divulgados nomes durante o desenvolvimento ou publicação da pesquisa. Você terá, a qualquer tempo, liberdade de retirar o consentimento, sem qualquer prejuízo pessoal. Não haverá qualquer benefício financeiro em razão da participação nesta pesquisa.

#### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, abaixo assinado, concordo em participar do estudo descrito acima, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Estou ciente de que não receberei quaisquer benefícios financeiros pela participação nesta pesquisa.

Local e data \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do sujeito em participar da pesquisa.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Observações complementares:

Se desejar receber os resultados desta pesquisa, forneça seu e-mail ou telefone E-mail:  
Telefone:

Apêndice H

**CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA**Ilmo. (a) Responsável pela Escola CAIC Paulo Dacorso Filho

Solicitamos autorização para realização da pesquisa intitulada “A CARACTERIZAÇÃO DO ACOLHIMENTO DE LICENCIANDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO”, realizada no âmbito do Programa do Curso de Pós- graduação Mestrado Profissional em Rede de Educação Física (PROEF) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), a ser realizada em escolas públicas do ensino básico dos Municípios do Rio de Janeiro e de Seropédica, sob a supervisão do Prof. Doutor Miguel Ataíde Pinto da Costa (Colégio Pedro II/UNESP) e do Prof. Doutor. José Henrique dos Santos (Orientador: GPPEFE/UFRRJ). O objetivo da pesquisa é caracterizar os modelos de acolhimento de estágio realizados pelos Professores Supervisores (PS) envolvidos no desenvolvimento do Estágio Curricular Supervisionado. A pesquisa utilizará o método qualitativo, documental, descritivo, do tipo estudo de caso, com procedimentos do modelo analítico descritivo. Os sujeitos da pesquisa serão Professores Supervisores de Educação Física da rede básica de ensino e um estagiário de Educação Física. Os dados coletados pelos instrumentos de Observação (Notas de Campo), Entrevistas Semi-Estruturadas e Relatórios de Estágio serão submetidos a uma análise interpretativa por meio da técnica de Análise de Conteúdo, não havendo em hipótese alguma identificação dos respondentes.

Torna-se importante esclarecer que o trabalho de campo será realizado mediante consentimento e assentimento do estagiário e seu professor supervisor no âmbito de suas práticas pedagógicas. Além disso, os procedimentos previstos serão desenvolvidos apenas em momentos que não interfiram na rotina da escola. Os procedimentos em questão serão conduzidos por esta pesquisadora solicitante. Os dados recolhidos estarão salvaguardados pelo anonimato dos participantes e da instituição, que não serão identificados em nenhuma das fases de desenvolvimento ou publicação desta pesquisa, estando o relatório final da pesquisa a disposição dessa instituição. Assim exposto, venho solicitar que V.S.<sup>a</sup> digne a autorizar a realização da pesquisa dessa Instituição Escolar. Sendo o que cumpre para o momento, agradeço a atenção dispensada, ao mesmo tempo em que me coloco a disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Professor Doutor Miguel Ataíde Pinto da Costa
Professor Doutor José Henrique dos Santos
Professora Diane Mota Lima

( ) Concordamos com a solicitação      ( ) Não concordamos com a solicitação

Data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

---

Responsável pela Anuência Assinatura e Carimbo

## CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Ilmo. (a) Responsável pela Escola Municipal Panaro Figueira

Solicitamos autorização para realização da pesquisa intitulada “A CARACTERIZAÇÃO DO ACOLHIMENTO DE LICENCIANDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO”, realizada no âmbito do Programa do Curso de Pós- graduação Mestrado Profissional em Rede de Educação Física (PROEF) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), a ser realizada em escolas públicas do ensino básico dos Municípios do Rio de Janeiro e de Seropédica, sob a supervisão do Prof. Doutor Miguel Ataíde Pinto da Costa (Colégio Pedro II/UNESP) e do Prof. Doutor. José Henrique dos Santos (Orientador: GPPEFE/UFRRJ). O objetivo da pesquisa é caracterizar os modelos de acolhimento de estágio realizados pelos Professores Supervisores (PS) envolvidos no desenvolvimento do Estágio Curricular Supervisionado. A pesquisa utilizará o método qualitativo, documental, descritivo, do tipo estudo de caso, com procedimentos do modelo analítico descritivo. Os sujeitos da pesquisa serão Professores Supervisores de Educação Física da rede básica de ensino e um estagiário de Educação Física. Os dados coletados pelos instrumentos de Observação (Notas de Campo), Entrevistas Semi-Estruturadas e Relatórios de Estágio serão submetidos a uma análise interpretativa por meio da técnica de Análise de Conteúdo, não havendo em hipótese alguma identificação dos respondentes.

Torna-se importante esclarecer que o trabalho de campo será realizado mediante consentimento e assentimento do estagiário e seu professor supervisor no âmbito de suas práticas pedagógicas. Além disso, os procedimentos previstos serão desenvolvidos apenas em momentos que não interfiram na rotina da escola. Os procedimentos em questão serão conduzidos por esta pesquisadora solicitante. Os dados recolhidos estarão salvaguardados pelo anonimato dos participantes e da instituição, que não serão identificados em nenhuma das fases de desenvolvimento ou publicação desta pesquisa, estando o relatório final da pesquisa a disposição dessa instituição. Assim exposto, venho solicitar que V.S.<sup>a</sup> digne a autorizar a realização da pesquisa dessa Instituição Escolar. Sendo o que cumpre para o momento, agradeço a atenção dispensada, ao mesmo tempo em que me coloco a disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Professor Doutor Miguel Ataíde Pinto da Costa
Professor Doutor José Henrique dos Santos
Professora Diane Mota Lima

(  ) Concordamos com a solicitação      (  ) Não concordamos com a solicitação

Data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

---

Responsável pela Anuência Assinatura e Carimbo

## Apêndice I

**PRODUTO FINAL****INDICADORES IMPORTANTES PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
SUPERVISORES DE ESTÁGIO CURRICULAR****• Apresentação**

Os mestrados profissionais buscam contribuir de forma efetiva com a formação continuada de professores que atuam na rede básica de ensino com pesquisas que gerem um Produto Final para auxiliar os professores a solucionar algumas das problemáticas advindas do cotidiano escolar.

O mestrado profissional objetiva aproximar o professor da vida acadêmica, proporcionando um olhar mais crítico e renovador sobre a sua própria prática pedagógica.

Essa pesquisa buscou, também, contribuir com a educação, ampliando a discussão sobre a Formação Docente e os desafios ainda presentes no período do Estágio Curricular Supervisionado. A reflexão adotada nesta pesquisa sobre o Estágio Supervisionado objetivou contribuir para um novo olhar para esse ambiente que recebe o estagiário e ajuda a formá-lo: a escola.

O ambiente escolar teve o foco principal nessa pesquisa e permitiu observar *in loco* as demandas que um professor enfrenta no seu dia a dia e as pontuações sobre receber um estagiário na suas aulas.

O professor supervisor, também, ganhou destaque na pesquisa por se observar as necessidades importantes de formação e capacitação desses profissionais que contribuem de forma ativa com a construção da identidade profissional do futuro colega de trabalho, mesmo sem possuir a devida formação para essa função.

Logo, esse Produto Final se justifica pela necessidade de se discutir a formação adequada de professores supervisores que recebem os estagiários em suas aulas e que muitas vezes, não sabem exatamente o que fazer e quais caminhos devem seguir para participar da formação profissional do estagiário.

**• Objetivo Geral**

- Apresentar indicadores importantes que devem estar presentes em uma capacitação de professores supervisores da rede básica de ensino

Todas essas pontuações apresentadas neste Produto Final foram oriundas, apenas, desta pesquisa de mestrado. Considera-se necessário a continuidade de mais pesquisas sobre essa temática, a fim de contribuir com mais elementos importantes para futuras formações de professores supervisores.

Importante ressaltar que não se objetiva aqui a construção de um modelo ou cartilha a ser seguida pelos professores supervisores com seus estagiários, mas sim, a luz da literatura e das realidades observadas, proporcionar indicadores para futuras reflexões e discussões com esses professores.

Para organizar melhor essa apresentação de características para capacitação de professores supervisores, foi levantado os pontos mais reclamados pelo professor supervisor e estagiário na pesquisa.

- **Problemáticas Pontuadas:**

<b>Pelos Professores</b>	<b>Falas...</b>
<b>Pouco (ou nenhum) diálogo com a universidade</b>	<p><i>“Nunca recebi um documento, ou um ofício, nada que... ‘olha, a normativa pro estágio vai ser essa’ ou ‘Professor, bom dia!’ qualquer coisa, nem qualquer coisa teve. Nunca houve esse tipo de informações e orientações”</i> (Professor Supervisor Alan, Entrevista Inicial)</p> <p><i>“Gostaria dessa relação de feedback entre a universidade e o professor. Algo poderia ser melhor nessa relação, pois o trabalho conjunto renderia muito mais. Nenhuma recomendação e nenhum suporte.”</i> (Professora Supervisora Bernardete, Entrevista Final)</p>
<b>Interesse do Professor Supervisor</b>	<p><i>“Eu espero do estagiário... o mínimo de dedicação... o mínimo porque às vezes nem isso, nem isso chega, entendeu?”</i> (Professor Supervisor Alan, Entrevista Inicial)</p> <p><i>“Eu espero proatividade, que ele me ajude, que ele tenha essa proatividade, essa iniciativa.”</i> (Professora Supervisora Bernardete, Entrevista Final)</p>
<b>Dúvidas e indagações sobre a supervisão do estagiário</b>	<p><i>“... (sobre a sua função) eu tento enxergar como... a função de dar oportunidades. É o que eu tento fazer ‘Consigno fazer isso sempre? Não sei, não consigo fazer essa avaliação de mim mesmo.”</i> (Professor Supervisor Alan, Entrevista Inicial)</p> <p><i>“A responsabilidade ela traz um peso, que não seja a ser desconfortável, não é isso. Mas o peso da responsabilidade que tem alguém que está ali que eu preciso me dedicar esse pouquinho a mais (...) Tenho que lembrar de está sempre passando o feedback para ela para não ficar perdida no que eu vou fazer. (...)Teve um dia que eu esqueci de avisar a ela que não tinha aula, aí ela chegou... essas coisas...de ter alguém.”</i> (Professor Supervisor Alan, Entrevista Final)</p> <p><i>“Eu me sinto capaz, porém com dúvidas em relação por onde começar de qual ponto de partida . Na verdade não tenho a receita do bolo , porém sei que juntos iremos compartilhar dúvidas , sugestões e criarmos um ambiente facilitador.”</i> (Professora Supervisora Bernardete, Entrevista Final)</p>

Fonte: a autora

<b>Pelos Estagiários</b>	<b>Falas...</b>
<b>Acompanhamento do estágio pela universidade</b>	<p><i>“Não tem aproximação do professor, normalmente, com a universidade. Por exemplo, nas reuniões (reuniões de estágio) o professor não comparece para participar, e eu acho que contribuiria. Acho que o momento do estágio seria mais proveitoso se houvesse uma melhor organização e uma boa comunicação até para poder planejar atividades, mas infelizmente isso não acontece.”</i> (Estagiária Alice, Entrevista Final)</p> <p><i>“Eu acho que não houve nenhuma relação entre a universidade e o estágio. Eu acho que falta fiscalização mesmo, uma parada mais arrojada, mais pulso firme, porque da forma que é acaba que fica muito largado e o estagiário faz o que quer, então é bem complicado.”</i> (Estagiário Bruno, Entrevista Final)</p>
<b>Interesse do professor supervisor</b>	<p><i>“O diálogo que deve ter do professor com o aluno, a troca de informações... em muitos momentos faltou. Por isso que eu tive, também, muitos momentos de estresse. Então, eu acho que ele não tinha noção da importância que é esse estágio supervisionado.”</i> (Estagiária Alice, Entrevista Final)</p> <p><i>“Não, e ele não demonstrava interesse (pelas aulas ministradas pela estagiária).”</i> (Estagiária Alice, Entrevista Final)</p>
<b>Professor não demonstra saber o que fazer</b>	<p><i>“Eu acho que ele não deveria atuar como professor de estágio. Ele não tem orientação suficiente pra ser supervisor de estágio... dá pra ver pelas atitudes dele, ele deixa os estagiários muito soltos, né, por conta própria... é... e eu acho que deveria ter uma interação maior e o professor deveria guiar os estagiários, porque o estágio é pra isso, pro aluno, estagiando, aprender. E se não tiver a orientação do professor, muita coisa que poderia ajudar passa batido por causa disso. E eu, infelizmente, não tive essa experiência.”</i> (Estagiária Alice, Entrevista Final)</p> <p><i>“Eu acho que nem ela sabia com clareza o que ela esperava de mim. Eu acho que era uma grande incógnita, ela só tava deixando rolar e graças a Deus ela ficou bem satisfeita. Ela estava simplesmente esperando para ver o que ia acontecer.”</i> (Estagiário Bruno, Entrevista Final)</p>

Fonte: a autora

De acordo com os resultados desse estudo, os professores supervisores pesquisados ainda necessitam de mais atenção e formação específica para condução de uma supervisão da atividade acadêmica de estágio curricular.

Mediante isso, será pontuado, a seguir, alguns elementos importantes de serem considerados em futuras reflexões e formações de professores supervisores. Essas informações foram baseadas nesse estudo e na literatura acerca do assunto estágio supervisionado e acolhimento do estagiário nas escolas.

- **Indicadores para uma Formação de Professores Supervisores**

<b>Indicadores</b>	<b>Descrições</b>	<b>Referência Teórica</b>
<b>Relação Universidade e Escola</b>	Diálogo e troca de informações com a universidade sobre o estagiário	O trabalho colaborativo entre universidade e escola, também, contribui para o sucesso da orientação do professor supervisor ao estagiário, ampliando as ferramentas de auxílio no desenvolvimento profissional do estagiário. (PHARAND E BOURDREULT, 2011)
<b>Professor Supervisor participante</b>	Sentimento de importância no processo de formação	O professor supervisor que demonstra interesse na formação do estagiário se coloca disponível e acessível para uma relação de parceria dentro e fora dos muros da escola. Esses meios de comunicação estreitam os laços e aproximam o OS de seu estagiário, facilitando a tirada de dúvidas, orientações e conversas sobre o meio docente (ARAÚJO, 2014).
<b>Relação Professor e Estagiário</b>	Acolhimento ao estagiário	<i>“Trata-se de uma relação de companheirismo bastante específica, um acompanhamento formativo cujo foco está no futuro da existência do acompanhado que, neste caso, é o estagiário. Em tal relação, aquele que acompanha (a professora parceira) coloca à disposição do acompanhado condições necessárias para que ele possa descobrir suas possibilidades, organizando situações propícias para a formação ou aproveitando as situações favoráveis (SARTI, 2013, p. 94).”</i>
<b>Socialização Profissional do Estagiário</b>	Interação do estagiário com o meio escolar (projetos e reuniões) e com outros funcionários	Para Tardif (2000) a socialização profissional <i>“é um processo de identificação e incorporação dos indivíduos às práticas e rotinas institucionalizadas dos grupos de trabalho (p.14)”</i> .
<b>Orientação e <i>Feedbacks</i></b>	Reflexão sobre a prática pedagógica e sobre a carreira docente e suas demandas	O professor supervisor deve estar sempre atento e participativo no acompanhamento do seu estagiário, observando as suas indagações e atuações nas aulas, para que assim, possa proporcionar orientações e <i>feedbacks</i> relevantes à futura vida profissional do estagiário (ARAÚJO, 2014).

Fonte: a autora

- **Considerações Finais**

Esse Produto Final, nomeado “Indicadores Importantes para Formação de Professores Supervisores de Estágio Curricular”, buscou contribuir com o avanço nas pesquisas e discussões sobre o período do estágio curricular supervisionado e sobre a necessidade de um novo olhar sobre o Professor Supervisor.

O Professor Supervisor e o ambiente escolar têm sido assunto de algumas pesquisas que apresentam essa importância de se repensar o papel do professor e a função colaborativa da escola na formação do estagiário.

Com isso, esse Produto Final apresentou alguns dos principais indicadores (oriundos desta pesquisa) que seriam importantes estarem presentes em uma reflexão e formação de professores supervisores de estágio da rede básica de ensino.